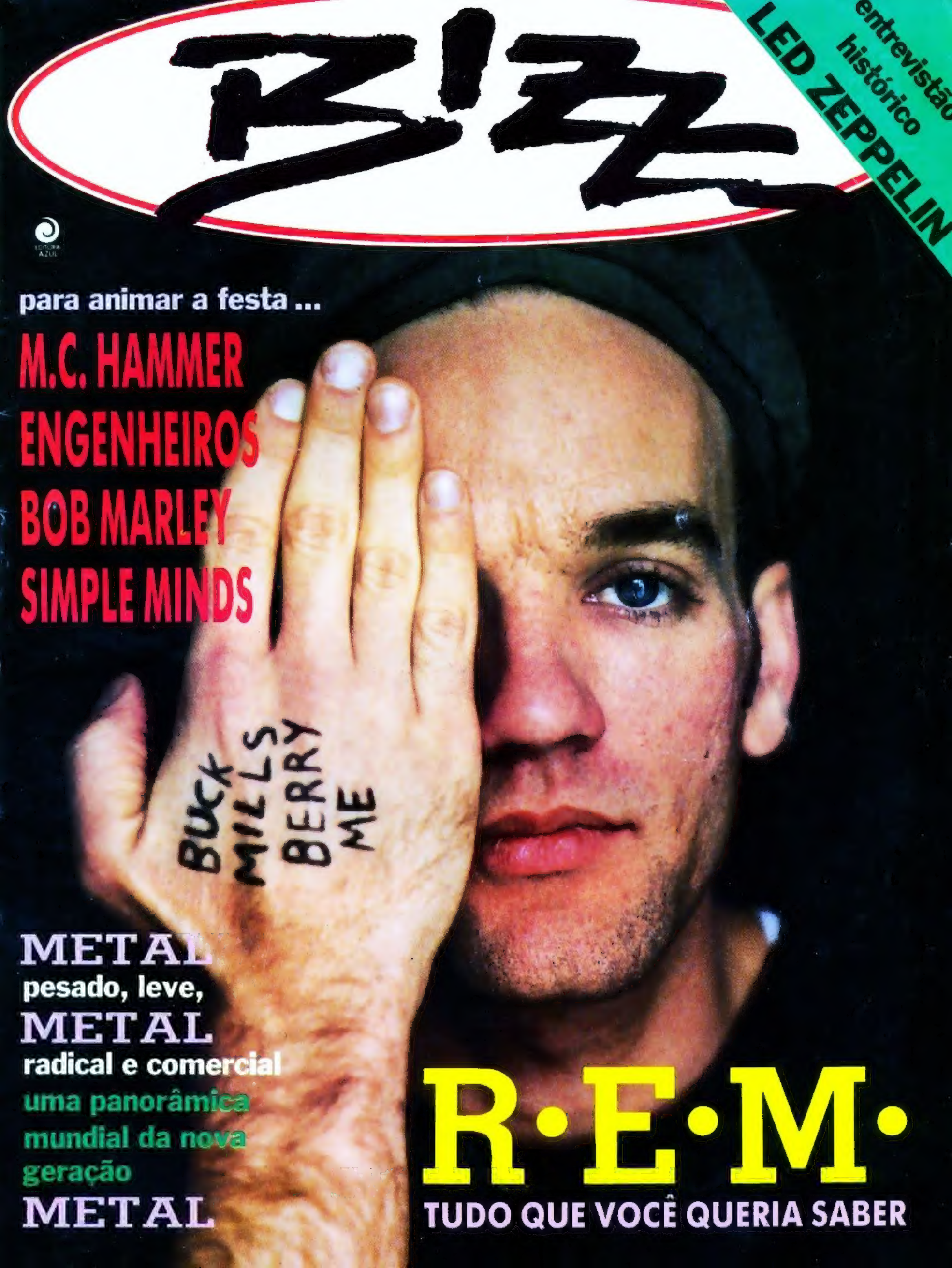
BIZZ

EDITORA AZUL

entrevistão histórico
LED ZEPPELIN

para animar a festa ...

M.C. HAMMER
ENGENHEIROS
BOB MARLEY
SIMPLE MINDS



METAL
pesado, leve,
METAL
radical e comercial
uma panorâmica
mundial da nova
geração
METAL

R·E·M·
TUDO QUE VOCÊ QUERIA SABER

PARA TI VOCÊ

A melhor revista de música

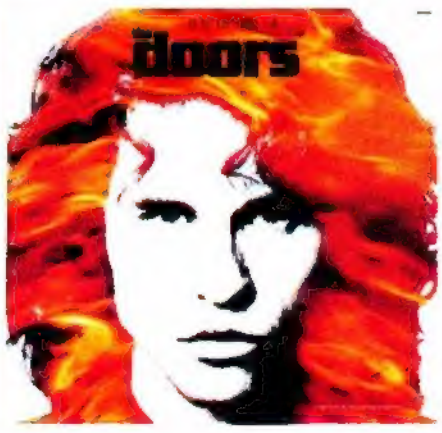
6 anos

Madonna
The Immaculate Collection

Espaço reservado para o novo LP do
Ira!

Rod Stewart
Vagabond Heart

Led Zeppelin
Remasters



The Doors
The Doors

Kid Abelha
Tudo é Permitido

Phil Collins
Serious hits... Live!

PRA

e os maiores artistas do planeta.
juntos.

Espaço reservado para o novo LP do
Ultraje a Rigor

Skid Row
Skid Row

Espaço reservado para o novo LP dos
Titãs

Barão Vermelho
Na Calada da Noite

R.E.M.
Out of Time

A-Ha
East of the Sun West of the Moon

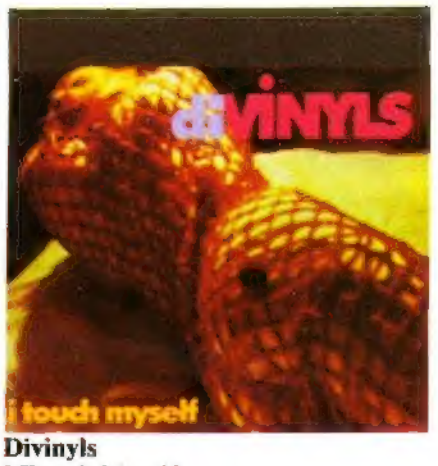
Que fim levou Robin?
Aqui não tem Chanel

WARNER MUSIC

Lenny Kravitz
Mama Said

Paula Abdul
Spellbound

Roxette
Joyride

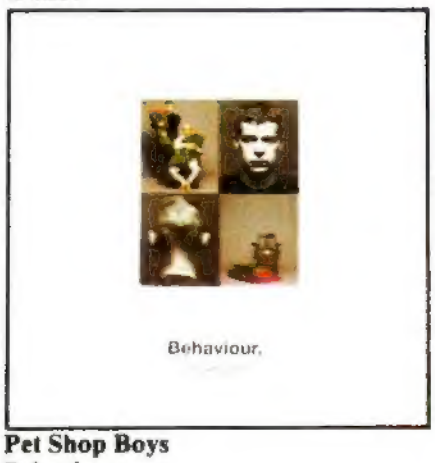


Divinyls
I Touch Myself

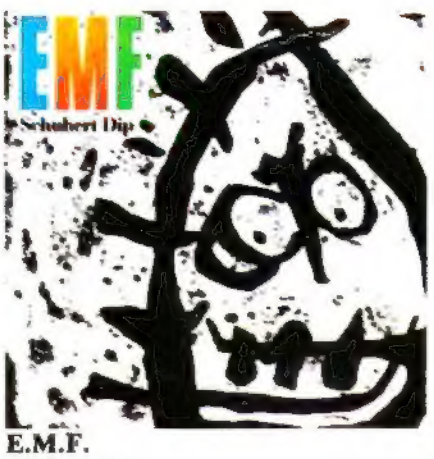
Enigma
M C M X C a.D.

Simple Minds
Real Life

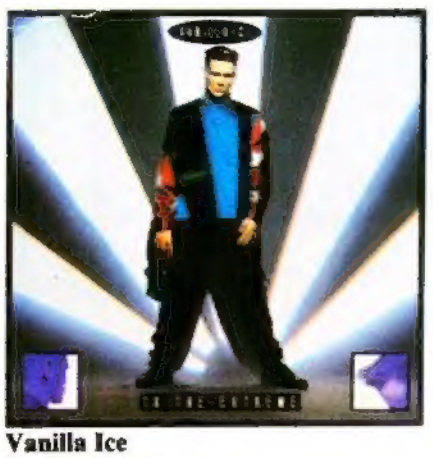
Jesus Jones
Doubt



Pet Shop Boys
Behaviour



E.M.F.
Shubert Dip



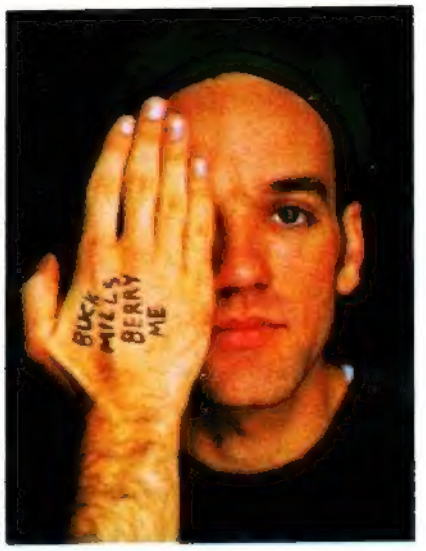
Vanilla Ice
To The Extreme

HÁ 6 ANOS
A EMI
BATE PALMAS
E
PEDE BIZZ.

EMI

EXPERT

"Parabéns para voceeeeeeeê..."



LFI

As seis velinhas tremulantes à nossa frente, se nos comovem até as lágrimas, também nos chamam à responsa. Sem brincadeira, levar adiante um troço tão paradoxal como a imprensa pop/rock, que vende informação mas exige graça, que fala de *dance* mas que dança com o metal, que faz futurismo mas vive do passado, que apanha de fã mas bate na indústria, realmente não é bolinho. Nem de aniversário.

O que salva são as figuraças como o MICHAEL STIPE (pág. 28), ou as surpresas do METAL (pág. 56) incandescente de vigor e invencionices, que emergem do underground como caras novas para uma coisa madura — o rock'n'roll.

O que salva é a memória de caras como BOB MARLEY (pág. 62), que fizeram da música um sacerdócio. Ou de caras como John Bonham, o finado batera do LED ZEPPELIN (entrevistão à pág. 47), que se não professava religião nenhuma, com certeza fazia uma puta zoeira.

E o que salva é você, leitor e leitorinha, em nome de quem, afinal de contas, é que tudo acontece. O presente é esta edição dupla, e a festa é toda sua.

Fotos Retna

6 SHOWBIZZ
Muita gente bonita e interessante

14 FAST FORWARD
Chris Isaak, Motorhead

36 SHABBA RANKS
O novo rei do reggae

38 SIMPLE MINDS
O que é que Jim quer?

42 RAMONES
Detonando no Brasil

66 JUKEBOX
Joanie Sommers, a *pepsi-girl*

68 CONEXÃO BRASIL
Rádio alternativo, Elite Marginal

70 DANCE MUSIC
Italo House pt. 2, Dr. Alban

72 AO VIVO
A-ha, Sepultura, Engenheiros, MC Hammer

79 DISCOS
Roots N'Blues, Robin, Beats International

90 LETRA
"Been Caught Stealing", Jane's Addiction

92 PARADA
Adivinhe? É Faith No More, ainda

94 CARTAS
Melhores de 90, prós e contras

98 DISCOTECA BÁSICA
Here's Little Richard (57)

SHOWBIZZ

PAREM AS MÁQUINAS! FAITH NO MORE NOVO!

Steve Granitz Retna

• O sucessor de **The Real Thing** está sendo finalizado. Sobre ele o baixista Bill Gould disse à revista inglesa de metal, **Kerrang** : "Será completamente diferente de tudo que veio antes. O lado thrash será mais thrash do que nunca. Os baladões serão mais lindos. É extremo em ambos os casos".

Especula-se que a produção será do jazzman-que-virou-thrasher John Zorn. O cabeção do barulho também produziu o primeiro trabalho do Mr. Bungle, o projeto solo de Mike Patton.

• Voltando a Gould, ele também está com um projeto solo. Uma banda grindcore chamada Brujeria, com algumas letras em espanhol.

• E crianças começem a poupar. O Fenemê estará, em setembro, se apresentando em São Paulo, Rio, POA e Curitiba.

EM AGOSTO, NO BRASIL

... chega para diversas apresentações o rap marshmallow de Vanilla Ice (fãs devem agarrar nossa fabulosa revista-poster com o rapper que está saindo).

... os diplodocos do Deep Purple deixam o Museu de História Natural e se arrastam até o Brasil para fazer Belo Horizonte, Rio, POA, Curitiba e São Paulo.

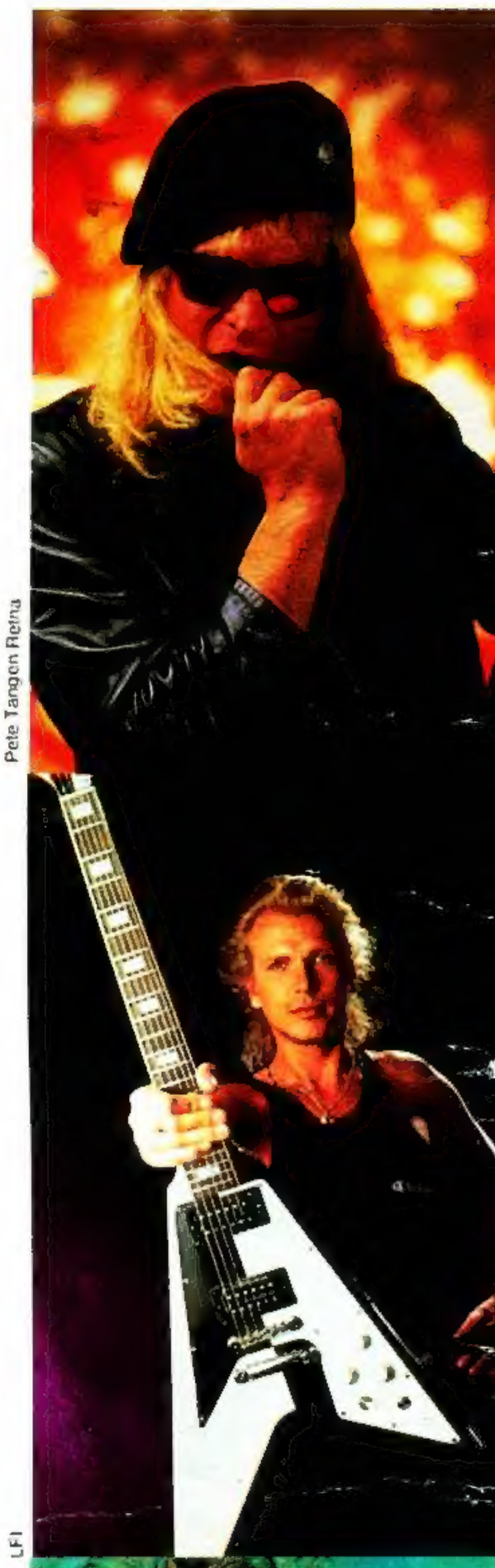
Onyx Baskin Stills

... parece que os bizarros Cramps armarão seu espetáculo perverso. Sem confirmação ainda.

DAVID LEE ROTH Uma cara famoso, vende muitos discos, lota estádios... opa! Não tenha tanta certeza sobre esta última parte. Sua programação para shows nos EUA foi toda cancelada, devido a um retumbante fracasso nas vendas. Em Miami, foi contabilizado um catastrófico total de 29 ingressos (?!) vendidos.

CONTRABAND Não é aquela mala pesada que sua tia trouxe do Paraguai. É um supergrupo de hard rock reunindo os guitarristas Michael Schenker (Scorpions, UFO, MSG) e Tracii Guns (LA Guns), o baterista Bobby Blotzer (Ratt), o baixista Share Pedersen (Vixen) e o vocalista Richard Black (Shark Island). A produção é de Randy Nicklaus (Shark I./Vixen) e Kevin Beamish (REO Speedwagon/Y & T). O primeiro LP, e ao que parece único, *Contraband*, foi completado em menos de quatro semanas. Apesar do grande entusiasmo, todos os envolvidos continuam com suas bandas originais

OSBOURNE TO BE WILD Ozzy está gravando um novo LP, ainda sem nome nem data de lançamento previstos. A novidade é que é o último LP solo do morcegófago. Para os próximos ele pretende montar uma banda e ser "apenas mais um membro da formação". A moçada retrô pode sossegar o facho que a banda não incluirá nomes como Dio, Iommi e/ou Butler, e nem se chamará Black Sabbath.


Pete Tangen Retna

LFI

Ricardo Siqueira Azul

RICHIE SAMBORA Seu primeiro LP solo terá um repertório de "blues tradicional". Para reforçar a credibilidade da empreitada, o guitarrista resgatou Eric Clapton para tocar na faixa "Mr. Bluesman".

Sony

15 ANOS DE PUNK

Michael Putland Retna

Efemérides são coisas de gosto duvidoso. Mas vamos dar uma cancha para esse velho desdentado e sua malhada jaqueta de couro. O punk serviu para algumas coisas (pensa rápido...):

— provar que não era preciso tocar nenhum instrumento para fazer boa música (aí está a ponte dance music/punk);

— provar que dá para tocar, gravar e comercializar por canais totalmente paralelos e independentes aos estabelecidos pela indústria da música (e aqui a ponte metal/punk);

— dar ao mundo uma nova geração de dinossauros: John Lydon, Mick Jones, Joe Strummer, Billy Idol, Siouxsie, etc.;

— uma pauta razoável de cinco em cinco anos, a partir de 1976, para jornais/revistas em tempos de falta de assunto;

— provocar interesse em boas bandas americanas tipo MC5, Stooges, Ramones, New York Dolls, etc. (de quem os punks copiaram o som).

PUNK IS NOT DEAD (bem...)

Os Buzzcocks estão de volta com o EP "Alive Tonight". Mike Joyce, ex-baterista dos Smiths, agora é integrante da banda.

NEW KIDS ...

• Os aeroportos britânicos se recusam a permitir a aterrissagem de qualquer avião contendo algum New Kid. Eles são considerados alto risco para a segurança. A gravadora estuda outros meios de transporte, como barco ou helicóptero para levar os "garotos travessos" dentro da ilha.

• Donnie Wahlberg foi condenado por brincar com fogo (e, sem querer, tocar fogo no quarto de um hotel) a fazer um vídeo educativo alertando contra os perigos do álcool, drogas e fogo.

• O mesmo cidadão está sendo processado por quatro coitadas feridas quando Donnie realizou uma aterrissagem forçada em cima delas, depois que saltou do palco. Aparentemente, mais dezessete pessoas se machucaram no stagedive.

Postal UFI

DIRE STRAITS ESTÁ DE VOLTA!!!

E atenção! O Dire Straits está de volta à ativa. Em setembro lança seu oitavo LP, intitulado *On Every Street*. Durante essa pequena pausa de seis anos, as vendas do anterior *Brothers In Arms* deram condições a Mark Knopfler de comprar o Uruguai, se quisesse. Mas material novo é bom e a gente gosta. O tira-gosto é o single "Calling Elvis" (The Pelvis tem estado em todas, realmente), programado para agosto. Depois a banda sai em turnê monstro patrocinada pela Philips. Começa na Irlanda, em 23 de agosto, e faz Europa, EUA e **surprise, surprise,** América do Sul, incluindo nóis aqui.

VIOLÊNCIA NÃO, HISTERIA TAMBÉM NÃO

A tragédia se abateu sobre o — tirando isso foi maravilhoso — show do Sepultura na praça em frente ao Estádio do Pacaembu em São Paulo. Um garoto foi morto a tiros.

Dias antes na apresentação dos Ramones outro rapaz havia morrido com uma tesourada no peito. Os incidentes desencadearam uma imbecil onda de alertas, matérias e histeria em relação à violência no rock. Amedrontados, o Aeroanta cancelou um show dos Raios De Porão e o Dama Xoc adiou a vinda de Cramps e Pixies. Por que não falar do Carnaval? Quantos mortos, bêbados e drogados a cada ano? E o futebol? Pode morrer menos gente, mas têm muito mais feridos em briga.

A violência está em todos os cantos e de forma muito pior e mais impune em diversos outros casos. A violência em eventos de rock é culpa de n fatores, não da música.

O Estúdio Eldorado, gravadora do Sepultura, está lançando Rock Sempre Violência Nunca, uma campanha comunitária de esclarecimento e dessensação dos preconceitos com relação à violência e ao rock.

JACKSONLÂNDIA

A família Jackson (estamos falando de Michael, Janet, não de Jesse ou outros) planeja abrir clubes/museus pela América, com música e todos os tipos de souvenirs (tipo fotos, roupas, revistas, objetos) do clã.
O primeiro será inaugurado em Minneapolis, em 92, e terá uma réplica da famosa casa em Gary, Indiana (onde os filhos ilustres foram criados), show de calouros com chance de contratos e apresentações em carne e osso dos membros da família real, perdão, Jackson.

Fotos Sony

BURBURINHO DE ESTÚDIO

* O novo LP dos metal-funkers originais, os Red Hot Chili Peppers, será produzido por Rick Rubin, o mestre da Def American/Def Jam.
* Bruce Springsteen está finalizando seu novo LP. Sem datas ainda.
* Keith Richards está trabalhando em um novo LP solo junto com o muito rouco Tom Waits.
* Tom Petty & The Heartbrakers vem com *Into The Great Wide Open.* A produção está a cargo do ex-ELO, Jeff Lynne.

Ross Marino LFI

* O novo do velho Alice Cooper leva o nome de *Hey Stoopid.* Controlando os botões está Peter Collins, do Queensryche. A lista de convidados é animadora: inclui Ozzy Osbourne, Rob Halford, Slash, Joe Satriani e Steve Vai.

"POR AQUI" DE MADONNA

Uma pesquisa da Time/CNN revela que 74% dos americanos adultos "não estavam interessados" nela e em suas atividades. Uma boa porcentagem também acha que ela faz seus escândalos por pura promoção.
Apesar do bode, seus discos não registraram qualquer queda de vendas, as estréias americanas de **Truth Or Dare** foram hiperconcorridas e o filme vem devastando bilheterias.
E Madonna, o que muitos esquecem de mencionar, é acima de tudo um bom coração. Ela doou toda a renda das pré-estréias de seu filme em LA e NY (duzentos mil dólares) para um fundo de pesquisa de AIDS. Suas doações para o fundo, assim, já passam de um milhão de dólares.

Bill Davila Retna

MC HAMMER: A BORDOADA

Recentemente, depois que Sinéad O'Connor se recusou a ter o hino nacional americano executado antes de seus shows, MC Hammer, com seu lado patriótico ferido, se ofereceu para bancar seu vôo de saída dos EUA. Sabe como é, **nothing compares 2 USA...**
A irlandesa com nenhuma telha levou a sério a oferta e mandou uma conta de 1 500 libras para o rapper, referente à sua passagem de avião e a de seu filho. Consta que ela ficou de mandar mais-uma conta, pelo transporte de seu equipamento pelos EUA.

O RECORDE

Mc Hammer bateu outro recorde! "Please Hammer Don't Hurt'Em" ultrapassou as doze milhões de cópias vendidas no mundo. Ele agora só perde para Michael Jackson como o artista negro que mais vendeu discos.

EX-MILLI VANILLIS VOLTAM COM... GEORGE CLINTON?!?

George Clinton, o aloprado mestre do funk psicodélico dos anos 70, em entrevista à revista alemã New Funk Times, anunciou planos de ressuscitar as carreiras de Rob e Fab, ex-vocalistas do Milli Vanilli. O ex-líder do Parliament e Funkadelic lembrou que na Motown só os Four Tops não recorriam a dublagem: "Artista pode significar qualquer coisa, até dublar é uma arte". O empresário da dupla (que deve estar se beliscando até agora) confirmou o encontro, entretanto, a dupla já entrou em estúdio por conta.

Chris Cuzzo Retna

THE REAL MILLI VANILLI

The Moment Of Truth (o momento da verdade, rufem os tambores) é o nome do grupo de coitados que se apresenta como os donos das vozes do Milli Vanilli. Realmente, o produtor Frank Farian, a BMG-Ariola e todos estes artistas que realmente estavam cantando esse tempo todo foram levados a enganar o público consumidor, controlados pelas mentes malignas de Rob e Fab. Mas agora, finalmente, depois de muito sofrimento, puderam revelar a verdade para todos. Cara-de-pau é pouco! Duas verdades sejam ditas: o LP com os fakes é melhor. Os "verdadeiros" são feios e devem dançar muito mal, além do que ter a participação de um rapper com o nome de John Davies é bola forissima.

Chris vd Vooren Retna

OBITUÁRIO

GONZAGUINHA. 45. O automóvel em que viajava pelo interior do Paraná foi abalroado por um caminhão.

STEVE MARRIOTT. 44. Guitarrista dos Small Faces, banda inglesa de rápido sucesso por volta de 67. Dormiu com o cigarro aceso, causando um incêndio em sua casa.

JOHNNY THUNDERS. 38. Ex-New York Dolls e Johnny Thunders And The Heartbrakers. Overdose de heroina.

MARTIN HANNETT. 42. Produtor de Manchester, cujo CV inclui trabalhos com Joy Division, Happy Mondays, Buzzcocks, U2, New Order e Magazine. O ataque cardíaco que o fulminou provavelmente está relacionado a seu longo histórico de drogas e álcool.

DOC POMUS. 65. Ex-compositor de hits para Elvis Presley (mais de 20), Small Faces, Dion & The Belmonts, Drifters e vários outros, nos anos 50 e 60.

GENE CLARK. 49. Ex-vocal, percussão e guitarra nos Byrds, antológico grupo folk-rock dos anos 60.

DAVID RUFFIN. 50. Ex-membro de um dos mais brilhantes grupos vocais da Motown, os Temptations, desde o início dos 70 em errática carreira solo. Overdose de cocaína.

LOS ANGELES

Depois de um leilão disputadíssimo, do qual participaram também a Geffen e a Epic, os Red Hot Chili Peppers acabaram aterrissando na Warner Brothers. O novo álbum da banda está sendo produzido por Rick Rubin, o velho homem do rap/metal. As gravações rolam numa casa em Laurel Canyon, eqüidistante dos lugares onde moraram Jim Morrison e Houdini. • Não vai ser fácil encontrar, mas quem tiver uma oportunidade de ver o documentário *Shoutin' The Blues* se deliciará com segmentos históricos mostrando apresentações antigas de gente do calibre de Muddy Waters, Sonny Boy Williamson, Big Joe Turner, Bessie Smith e Furry Lewis. • MC Hammer e Quincy Jones foram alguns dos convidados especiais de James Brown no primeiro show do *godfather of soul* desde sua soltura. O show rolou no Wiltern Theater, aqui em LA, e foi transmitido, via TV a cabo, dentro do sistema *pay-per-view:* só viu quem pagou vinte dólares. • Vanilla e a "justa". Estacionado na entrada de um supermercado em LA, às duas da manhã, Ice foi abordado por um camelô que tentava lhe vender algumas bijuterias. Reação de Ice: sacou um três-oitão e mandou o sujeito se pirulitar. Imediatamente depois, Ice saiu do carro e, guarda-costas *à coté*, entrou no supermercado. O assustado camelô ligou para a polícia avisando que o supermercado estava sendo assaltado. Os "home" chegaram ao "local do crime" e deram voz de prisão a Ice e seu segurança. A dupla vai agora a julgamento por "porte ilegal de armas". Se condenado, o rapper pode pegar até seis meses de cadeia.

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

Jany Mottran Retna

CARAS NOVAS

Another Bad Creation e Hi-Five são os protagonistas de uma microinvasão de grupos vocais negros infanto-juvenis nos EUA. O Hi-Five vão dos 15 aos 17 e são descoberta e produção do rei do swingbeat Teddy Riley. Seu single "I Like The Way" chegou em primeiro, e o LP Hi-Five vai de vento em popa. Já os malaquinhos do ABC mal deixaram as fraldas e já têm seu LP Coolin' At The Playground Ya' Know! no top ten daquele país. ● As novas estrelas da Def American são os Black Crowes. Estavam abrindo os shows dos caquéticos barbudos do ZZ Top até serem dispensados pelas suas observações venenosas sobre o patrocínio dos velhos por um grande fabricante de cerveja. O hard blues do LP de estréia Shake Your Money Maker já despachou mais de dois milhões de cópias. ● Crystal Waters é uma cantora de Washington treinada no gospel e jazz. A equipe de produção Basement Boys, de Baltimore, achou-a e produziu seu elogiado LP de soul/dance. A faixa "Gypsy Woman (She's Homeless)" já é popularíssima em várias pistas pelo pegajoso trecho "La Da Dee La Di Da".

MONDOMIDIA

DISCOS

Sony

MARVIN GAYE The Marvin Gaye Collection **Vale cometer um crime por esta caixa!**

GARY CLAIL/ON-U SOUND Emotional Hooligan **Dance experimental!**

HANK WILLIAMS The Original Singles Collection **Discoteca básica do country & western.**

WATERBOYS The Best Of 81 - 90 **Sacou, né, uma compilação.**

FALL Shiftwork **Manchester só que cabeça.**

LIVROS

Michael Jackson: The Magic And The Madness **é uma biografia não-autorizada de 562 págs. Alto teor sensacionalista, deve-se ler peneirando bem o que aparece. O autor é o notório desenterrador de escândalos J. Randy Taraborrelli.**

Be My Baby **Autobiografia de Ronnie Spector, ex-líder da gloriosa girl group dos 60, as Ronettes e ex-esposa do produtor Phil Spector.**

Billboard Top Pop Singles 1955-1990 **Bíblia. Tudo que entrou no Top 100 americano desde 55, por nome de artista. Nós já compramos.**

COISAS

Elvis Cologne é o último grito em odor! Fragrância inspirada na Brut, a colônia preferida do rei, mas, segundo o fabricante, bem mais sutil.

Warner

CINEMA

Nos EUA, New Jack City, **com o rapper Ice-T, em sete semanas de exibição rendeu 38 milhões de dólares.** The Doors, **em oito, rendeu 32 milhões. Sem falar que a bio de Jim Morrison custou anos-luz a mais (isto é,** New Jack **teve lucro fenomenal). Parece que os americanos estão mais para rap do que para retrô.**

VÍDEO

The Man, The Music And The Message **JAMES BROWN Documentário do soulman com participações rápidas de Quincy Jones, Michael Jackson e Bobby Brown.**

Warner

Wicked Game **CHRIS ISAAK Coletânea do baladeiro mais cool que existe.**

Rusted Pieces **MEGADETH Coleção que inclui até os clipes proibidos.**

OUÇA ESSA

"Ice T é uma influência enorme. Fui ao seu show e quase fiquei molhada."
Sinéad O'Connor

"Ficaria difícil porque a gente toca bem e eles são programados. Se alguém mexer num botão, acaba tudo."
Netinho, dos Incríveis, **sobre um possível show com os Engenheiros do Hawaii.**

"Todo mundo acha que só penso em sexo, mas preferiria ler um livro."
Madonna

"Harry Connick Jr. roubou meu número: eu queria ser o 'jovem Frank Sinatra'."
Joe, New Kids.

"Somos basicamente velhos chatos, entretanto, gostamos de achar que somos a coisa mais quente do momento."
Charlie Watts, **realista, sobre os Rolling Stones.**

Reina

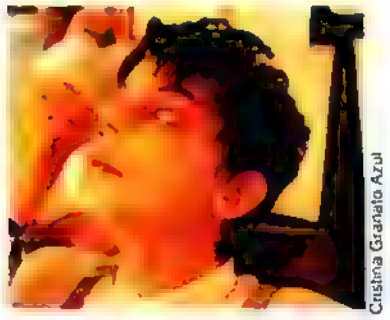
"Eu disse isso? Eu devia estar falando da minha garrafa de Martini."
Johnny Marr **na NME, quando perguntado sobre uma entrevista em que disse que amava Morrissey.**

"Não é legal falar mal dos mortos."
Vanilla Ice, **sobre o primeiro single de MC Hammer que vende mal.**

"Éramos grandes festeiros. Costumávamos, nas festas, mijar nos vestidos de noiva. Vale lembrar que naquele tempo todo mundo fazia isso."
Derry, EMF

CEGONHA MAKE YOU SWEAT...

"E meu sonho é levar uma vida tranquila, casar e ter filhos..."


Cristina Granato Azul

Bento é o fruto da união de Branco, dos Titãs, com a atriz Angela Figueiredo.

Wolfgang é o novo membro da família Eddie Van Halen.

Arlo é o recém-nascido de Bez, dos Happy Mondays.

Charlena é a primeira filha de Monie Love com um dos Jungle Brothers (ela sabe qual, nós é que não sabemos).

Luke é o rebento de Nick Cave e sua esposa brasileira, Vivi.

Ricardo Siqueira Azul

Billboard MELODY MAKER NME Billboard

IMPRENSA GRINGA

Billboard Numa edição de abril, o destaque é para a crescente "funkificação" e "dançabilidade" das bandas de rock e o conseqüente definhamento do rock convencional de LP. Exemplos citados: Living Colour, Red Hot Chili Peppers, FNM, a moçada de Manchester, EMF, Jesus Jones e outros.

NME, Melody Maker e outros da imprensa inglesa O grande problema é a corrida para descobrir o próximo estouro. O resultado são dezenas de rostos novos e efêmeros, a cada semana: Intastella, Manic Street Preachers, Curve, St. Etienne, Dr. Phibes & The House Of Equations, Ned's Atomic Dustbin, Flowered Up, Levitation, Cranes, Paris Angels, Gallon Drunk, Orchestra JB, Blur, Mock Turtles, Soul Family Sensation, e muito mais. As apostas começaram.

MELODY MAKER NME

LONDRES

O Hacienda reabriu suas portas, após longas conversas entre a polícia, políticos e diretores do clube. Na grande noite de reinauguração, estavam presentes e sorridentes: Shaun Ryder e namorada, 808 State e os donos do clube, Steve e Gillian do New Order. • Está à venda a velha Brixton Academy, sul de Londres, local de shows memoráveis. • Artistas se reuniram por toda a Europa, via satélite, em um longo show televisivo para arrecadar fundos destinados ao povo curdo, no inferno iraquiano. Entre eles, figuras carimbadas da filantropia pop: Sinéad O'Connor, Sting e Peter Gabriel, da Holanda; MC Hammer, Snap! e Chris de Burgh, de Londres; e Paul Simon, de Manchester. Se o dinheiro conseguir atravessar o conflito e a burocracia e chegar aos destinatários, ótimo! • O novo show dos Pet Shop Boys é tão teatral (no sentido extravagante do termo), que foi convidado a fazer temporada de dois meses na Broadway. A oferta foi recusada. • O Gang Of Four está de volta, mas apenas com o vocalista Jon King e o guitarrista Andy Gill. Lançaram o LP *Mall* • Paul McCartney uniu-se ao compositor Carl Davis para compor um oratório para os 150 anos de Liverpool Philarmonic Society. Contarão com a participação de Kiri Te Kanawa e Willard White, personalidades do meio lírico. • O escândalo do mês são as cópias piratas de músicas novas do U2 por aí. A banda nunca se importou muito com pirataria — chegando até a encorajar os fãs a gravarem seus shows —, mas agora as coisas foram longe demais. A Island vai processar uma das pessoas pegas vendendo a mercadoria.

ANAMARIA G. DE LEMOS

ODO JEANS STAROUP TEM 1 ANO DE GARANTIA.

PARA ENTRAR NO MERCADO COMUM EUROPEU

UM JEANS PODE SER TUDO MENOS COMUM.

STAROUP EUROPE 93. O JEANS MUNDIAL DA STAROUP AGORA NO BRASIL

Coração Vagabundo

A bordo de uma balada maravilhosa, Chris Isaak reencontra o espírito do rock dos anos 50 e o relança em uma nova dimensão

Era a hora de radicalizar. Ao constatar o péssimo desempenho nas vendas do álbum *Heart Shaped World*, lançado um ano e meio antes e prestes a sucumbir no esquecimento, a Warner via uma única saída para Chris Isaak reparar seu fracasso. "Me mandaram para uma escola corretiva de astros de rock", ele explica. "Queriam que eu aprendesse a fazer rap. Felizmente, para o rap, não deu certo."

Nada disso aconteceu — é mais uma piada irônica como as muitas que Isaak gosta de contar, uma surpresa para quem acostumou a enxergar nele um solitário tristonho, acometido de uma dor-de-cotovelo crônica e incurável, semelhante à de Roy Orbison.

A sina de *Heart Shaped World*, contudo, seria a mesma de seus dois álbuns anteriores — *Silvertone*, de 85, e *Chris Isaak*, de 87 —, não fosse a boa vontade e o desprendimento de Lee Chestnut, diretor de programação da Power 99, uma rádio de rock de Atlanta. Depois de ter assistido a *Coração Selvagem*, do genial maluquete David Lynch, Lee saiu do cinema apaixonado por um tema instrumental lento, sedutor e sombrio. Caçou uma cópia da trilha sonora e, para sua surpresa, descobriu que além da base instrumental havia também um vocal na faixa, chamada "Wicked Game".

Dias depois da Warner ter jogado a toalha no chão, Lee começou a tocar "Wicked Game" — provocando comoção entre os ouvintes, todos instantaneamente convertidos à melancolia da canção, cujo verso principal diz que "ninguém ama ninguém". Não satisfeito, Lee telefonou pessoalmente para outros diretores de programação no país inteiro, aconselhando entusiasticamente a inclusão de "Wicked Game" nos playlists."Esse tipo de coisa simplesmente não acontece", comenta Isaak meses mais tarde no seu quarto de hotel em Pittsburgh. "Ele foi meio louco de ter feito isso, de ligar para todo mundo do jeito que ligou."

Chris deve muito ao louco de Atlanta: quatro meses depois, "Wicked Game" era um dos dez discos mais tocados nas rádios dos Estados Unidos. E *Heart Shaped World* é campeão de vendas da Warner, derrotando até mesmo Madonna! A atual etapa da turnê mundial de Chris começou no Dia de Ação de Graças, em novembro, "e não parei de trabalhar desde então". "Mas não reclamo da falta de férias, pelo contrário: estou me divertindo muito." Em setembro ele reinicia nova excursão, desta vez abrindo para Bonnie Raitt, outra recém-renascida para o mercado.

Californiano de Stockton — cidadezinha próxima a San Francisco —, Chris nasceu, sua mãe garante, cantando "Blue Suede Shoes", uma referência biográfica reproduzida *ad infinitum*, toda vez que algum escriba deseja enfatizar a relação de Isaak com o rock dos anos 50. O mais correto, talvez, seria observar o gosto dos pais de Chris por música country e rockabilly.

O fato é que o jovem surfista trocou as ondas por estudos no Japão — *via* um programa de intercâmbio cultural — e voltou de lá determinado a ser estrela de rock, inspirado por audições repetidas do álbum *The Sun Sessions*, de Elvis Presley, que Isaak define como sendo "a Pedra da Roseta do rock". Formou-se em Inglês e Comunicação Social, mudou-se para San Francisco e formou o trio rockabilly Silvertone. Jimmy Wilsey, engenheiro de som de uma das bibocas punk onde o Silvertone se apresentava, mais tarde viraria o guitarrista do grupo, agora um quarteto.

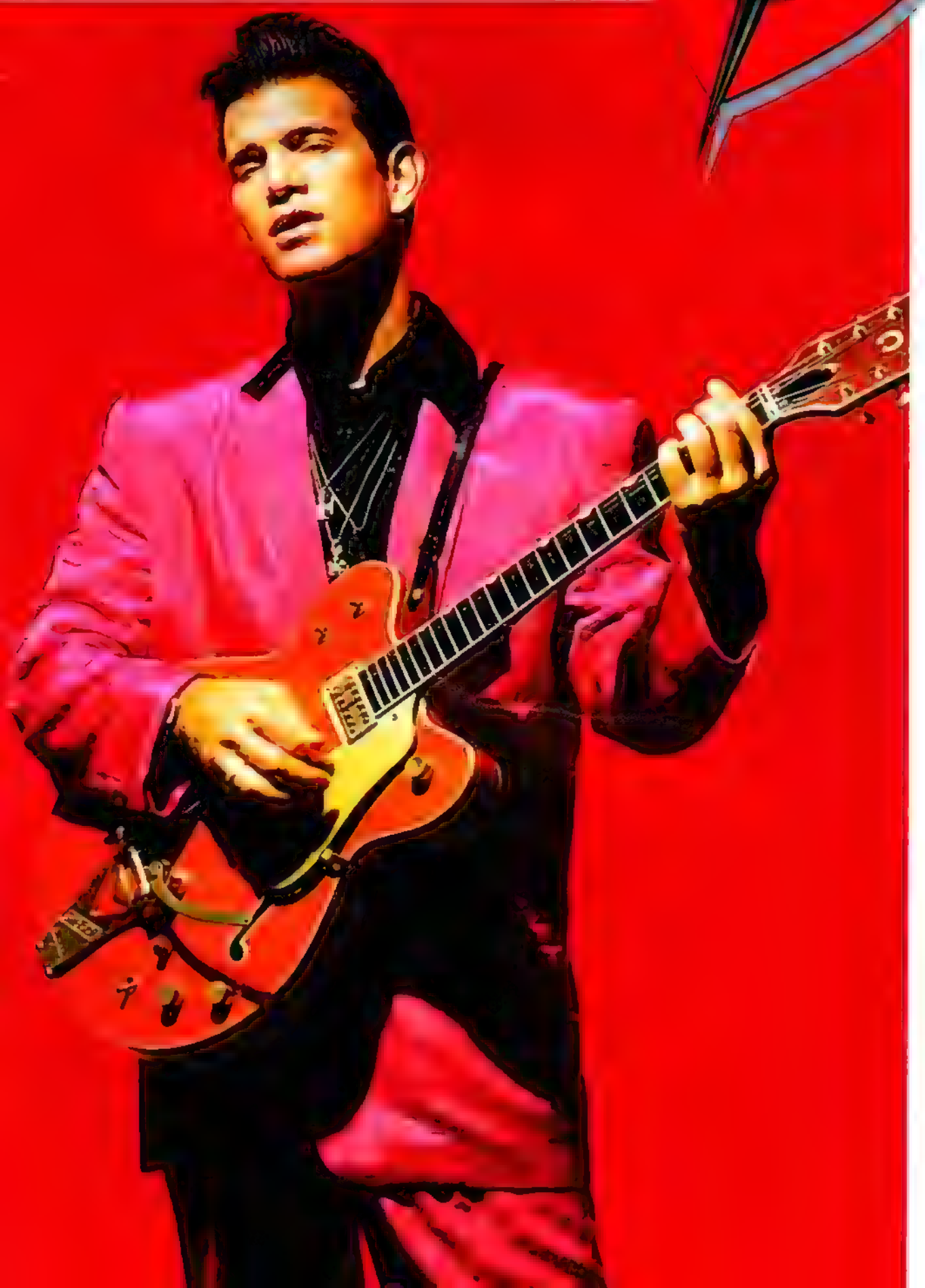
Os dois primeiros álbuns de Isaak e sua banda foram amplamente ignorados nos Estados Unidos, embora na Europa, principalmente na França, Chris tenha conseguido cativar um bom público. A crítica americana, no entanto, se apaixonou por *Silvertone*, e gente como John Fogerty, ex-Creedence Clearwater Revival, profetizou que um dia Isaak seria um *star*. Só que ele não se dava com o mercado consumidor de discos. Não era de se espantar que o público dos Estados Unidos, no início, fosse tão refratário a Isaak e a sua modalidade de rock: as baladas neo-retrô de Chris Isaak não faziam sentido para ouvidos acostumados a Bruce Springsteen, Madonna e o metal-lamê que ainda pulula em todos os cantos do país.

Mas *Coração Selvagem* e "Wicked Game" mudaram tudo. A esta altura, *Heart Shaped World* já registrou vendas superiores a um milhão de cópias. Os astros que o ofuscavam freqüentam agora os bastidores de seus shows, distribuindo mesuras, beijinhos e babação generalizada. Mais irônico ainda é que Chris pode, se quiser, transformar-se em astro de cinema. O cami-

nho já foi aberto por uma ponta — de tamanho razoável — em *O Silêncio Dos Inocentes*, o apavorante *thriller* policial de Jonathan Demme, no qual fez o papel de um policial da SWAT americana. É a CAA, a mais poderosa de todas as agências artísticas do mundo, quer porque quer fazer de Isaak um novo Kevin Costner.

Para quem, no início da carreira, sobrevivia à base de sardinhas enlatadas, até que Chris Isaak não vai nada mal.

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU



ALTA ROTAÇÃO

A REDAÇÃO RECOMENDA

E por falar em metal funk (não perca a matéria da página 44), o disco de estréia do HEAD'S UP é uma castanhada. Parece que os caras vão sair correndo atrás do Living Colour, e de repente eles já estão correndo... na frente! *A.A.*

Mais para torpedo do que para barquinho, **BOSSANOVA,** o terceiro LP dos **Pixies** prova em melodias matadoras que no peito de uma *guitar band* também bate um coração. *C.P.*

SONGS IN THE KEY OF LIFE, agora em CD, é do tempo que **Stevie Wonder** inovava com baladas, funk, soul, reggae, experimentalismo, soava brilhante e ainda vendia muito. Tem que ter. *C.R.*

Aos poucos a Sony vai liberando o material que **Billie Holiday** gravou na Columbia. Este Vol. 7 da série **THE QUINTESSENTIAL** reúne pérolas registradas entre 1938 e 39. *A.C.M.*

QUEM É ELLER

Ela saiu da casa dos pais e caiu na estrada aos 20 anos. Muita poeira depois, a inclassificável Cássia chega lá

Mariano Coelho/Azul

"Eu sou uma pessoa que trabalha com música. Gosto de rock, de tango, de bolero, de tudo. Curto essa praia de estar cantando rock, embora não me considere uma roqueira. Mas não dá para saber uma coisa só. As informações vão ficando na cabeça. Neguinho não admite que gosta de Milton Nascimento, bossa nova, mas essas informações ficam gravadas."

O leitor mais afoito deve estar olhando com desdém e pensando: "Mais uma cantora de 'formação eclética'"? Calma, Brasil... A carioca Cássia Eller, 28 anos, escolhida pela crítica da Bizz como a revelação feminina na votação dos melhores de 90, tem motivos e moral para falar desse jeito. Primeiro, porque a sua vida itinerante (graças à carreira militar do pai) levou-a para lugares díspares e distantes uns dos outros, como Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Santarém, Brasília e São Paulo. "Eu gosto de cantar de tudo. O cara não escuta só jazz. Duvido. Todo mundo ouve até Chitãozinho e Xororó. É bom se mudar, conhecer outras coisas. No Brasil é tudo muito diferente de um lugar para outro."

Segundo, porque, como bem demonstra o bom disco de estréia de Cássia, lançado no ano passado pela PolyGram, ela consegue juntar óleo e água. Sob seus arranjos e vozeirão *bluesy*, convivem pacificamente Marcus Miller, Renato Russo, Lennon, Frejat, Itamar Assumpção e Jorge Salomão. Cássia carimba sua *griffe* em cada canção que interpreta. "Eu não vou muito pelo compositor. Vou mais pela música. Tem compositor que eu costumo não gostar, mas, de repente, eu posso gostar de alguma coisa. E tem uns que eu adoro e que às vezes falo 'nossa, que cagada que o cara fez'. Eu vou pela letra, pelo ritmo, pela música, por alguma coisa, já que a mensagem não vem só da letra."

Talvez esse desprendimento seja o fator diferencial que destaca Eller de um hipotético "boom de cantoras". Com seu jeito de moleque, ao mesmo tempo tímido e travesso, ela não parece muito preocupada em passar uma imagem determinada e nem vive ávida por sucesso: "Tá ótimo do jeito que tá". Cássia Eller não é nenhuma iniciante. Violonista autodidata desde os 15 anos, ela resolveu começar a cantar para valer em 81, ano em que foi morar em Brasília. "Eu tocava violão e gostava de música. E tinha muita coisa que eu ouvia e achava que podia fazer melhor. Aí comecei a fazer testes e a cantar em coro. Cheguei a participar de uma temporada grande em *My Fair Lady*. Eu queria ser cantora lírica, mas não era muito disciplinada. Fiz quatro meses de aula, mas não deu certo. Eu gosto de gritar, berrar, e os professores proíbem porque força a voz aqui e acolá. De qualquer jeito, essa experiência valeu para burro. E do canto lírico eu fui direto para uma banda de rock."

Uma temporada em São Paulo, a convite do poeta Tavinho Paes — que pretendia produzir um LP da cantora para o selo SBK — rendeu encontros com Arrigo Barnabé, Itamar Assumpção e Bocato, que já freqüentavam seu repertório nos tempos de Brasília. Rendeu também a fita demo que a levou ao Rio e à PolyGram, para as gravações do disco.

Outro encontro importante para Cássia foi com o guitarrista Victor Biglione. Virtuose das seis cordas, músico de estúdio bastante requisitado e figura cultuada no meio da música instrumental, Biglione convidou a cantora para realizar a seu lado um projeto antigo: uma série de shows que mostrassem um pouco da história do blues, através de composições de Duke Ellington, Jimi Hendrix e Willie Dixon, dentre outros bluesmen clássicos. Nos seis shows que a dupla fez no Rio, acompanhados por uma banda de primeira, Cássia deixou a platéia entre surpresa e extasiada. Além de ter dado um empurrão na carreira da cantora, o projeto pode ainda render um disco.

Seu segundo LP, de qualquer modo, já está a caminho. Enquanto percorre o país divulgando o primeiro disco, Cássia já vai escolhendo algumas músicas para o repertório que deverá gravar no início do próximo ano. Quais músicas? Por enquanto ela prefere fazer mistério. *LUIZ HENRIQUE ROMANHOLLI*

Tapas & Beijos

Eu não queria desperdiçar este precioso espaço falando mal das coisas. Pô, gente, apesar do lodo cerebral em que estamos submersos neste 91 desgraçado, tem uma ou outra coisa legal rolando na música, nos movies, na cultura pop internacional que tanto amamos.

Só que não me ocorre nenhuma no momento. Então, ferro na boneca.

PORQUE O GUNS N'ROSES É A PIOR BANDA DO UNIVERSO Daqui a uns dias deve sair o novo e esperadíssimo disco do Guns N'Roses, *Use Your Illusion*, use sua ilusão.

Pois devia se chamar "use a ilusão dos outros", porque é o que fez a fama e fortuna da banda: iludir o público de que eles são grandes músicos e "bad boys" de verdade, como se o grupo não vivesse de repetir a) o som do Aerosmith e b) os truques publicitários mais manjados do rock, que os Stones levaram à dimensão de arte nos 60/70.

Entenda: Guns N'Roses é uma banda projetada milimetricamente para dar certo. "Patience" e "Sweet Child O'Mine" são os exemplos mais descarados desta estética FM: pesadas mas não muito, com melodias melosinhas e letras "eu te amo" que até Wando teria vergonha de cantar. E alguém aí duvida que boa parte dos treze milhões de discos vendidos foram comprados por garotinhas que acham Axl "um gato"?

Gato o catzo. Era, não é mais. Hoje é uma montanha de celulite, o que combina perfeitamente com seu passado de jacu do mato, *white trash* interiorano, reacionário e racista.

Slash é considerado *guitar hero*. Onde, meu amigo? Só se for entre a parte do público que começou a ouvir rock antes de ontem. Qualquer Michael Schenker da vida faz embaixada com os solinhos de Slash.

Cada um ouve o que bem entende, e não há nada de errado em ouvir coisas antiquadas e conservadoras — contanto que você saiba que elas são assim. O que me irrita profundamente nessa história do GNR é que muita gente que está começando a ouvir rock agora acha que essa imitação de terceira categoria é o máximo em radicalismo roqueiro. Só por esse desserviço à evolução mental da juventude planetária, o Guns N'Roses já merece o epíteto de pior banda do universo — se não no som, que não fede nem cheira, pelo menos na influência negativa sobre a formação musical e o comportamento da moçada.

Quer comprar o disco, compre. O dinheiro é seu. Mas não troque gato por lebre, achando que o GNR é o máximo. Vá direto aos originais: Stones, Iggy, Led, Aerosmith. E não venha dizer que esses pés-de-chinelo são geniais perto de mim. Afinal, já em 88, a *Folha de S.Paulo* publicava uma matéria sobre metal que dizia o seguinte: "Entre a nova geração de clones do heavy metal está o Guns N'Roses, que vive de regurgitar chavões do Aerosmith..." Descubra o autor e concorra a milhões em prêmios... (*Ah, é? E o artigo na revista* BodyBoard *de novembro de 90, em que o "mesmo autor" dizia que os GNR eram os "mais adequados para liderar a nova revolta" do rock'n'roll?! Peguei-te cavaquinho.* O Editor)

WE WANT BRAINS O imbecil aqui se esqueceu de dizer o nome do disco do Bad Brains que foi remixado pelo Ocasek, citado no mês passado. É *The Quickness*. E já que você vai correr atrás desse, procure também *Mental Floss For The Globe*, do já manjado Urban Dance Squad. É skate-rap-metal-funk californiano... vindo direto da Holanda. E é perfeito.

THAT'S ALL FOLKS O milênio está acabando e o saco está enchendo, e o clima geral do país anda insuportável de pesado, com todo mundo despencando na mais negra miséria. Lembre que a vida é curta (é, sim, garanto), faça de conta que você é um rato de praia beatnik e não esquente demais a cabeça senão caspa vira mandiopã. *Hang loose.*

ANDRÉ FORASTIERI

RAIZ

COUNTRY FOLK BLUES

Por toda sua folha corrida, o mestre Willie Dixon merece plenamente um lugar entre os imortais do blues. Mas não é só seu legado passado que contribui para isso: as próprias atividades que continua desenvolvendo, do alto de seus 75 anos, só fazem aumentar o respeito por seu trabalho. Depois de gravar *Hidden Charms* em 88 — álbum que lhe valeu o Grammy, no ano seguinte —, ele retorna como produtor de quatro faixas (e autor de uma quinta) em um disco dos Chickasaw Meatpuppets, duo de Athens, Geórgia. Michael Stipe (que também colaborou no projeto) e a dupla ainda devem estar vibrando • Elaborado a partir de uma série da BBC sobre música irlandesa, o álbum triplo *Bringing It All Back Home* (BBC) aborda as influências recíprocas entre este gênero e o country/r&b americanos, reunindo The Everly Brothers, Emmylou Harris, The Waterboys, Philip Chevron (dos Pogues), Hothouse Flowers e outros • *Fear No Evil* (Black Top) marca a volta à ativa do guitarrista Robert Ward, acompanhado pelo combo The Black Top All-Stars. Ward, no início dos anos 60, criou um timbre peculiaríssimo de vibrato com seu instrumento — celebrizado em "I Found A Love", com The Falcons. Depois, acompanhou Wilson Pickett em carreira solo, The Temptations e vários astros da Motown, antes de sumir. Um cacife de peso para uma volta com tudo.

CELSO PUCCI

Motö

Cabeç

1916 é considerado por muitos o melhor disco na década e meia de carreira da banda. LEMMY, o timoneiro bebum, explica a rota que o levou até aí

São três horas da tarde e Lemmy já começou a servir porções generosas de bourbon e coca-cola — "rock and roll, certo? *Fucking!*" A sala do apartamento, em West Hollywood, é enfeitada com bandeiras — do Brasil, da Alemanha nazista —, pentes de bala para metralhadoras e uma coleção de garrafas vazias — todas de bourbon — enfileiradas no parapeito da janela.

De short de jeans, sem camisa e descalço, Lemmy folheia o TV-guia, numa tentativa frustrada de programar seu videocassete para gravar algum filme. "Deixa para lá", ele desiste. "Isso é TV a cabo, eles acabam repetindo o filme. E imaginar que na Inglaterra só temos quatro canais de TV. A América não é um barato?"

Lemmy que o diga. Farto de Londres, o baixista e líder do Motorhead mudou-se para Los Angeles no momento em que a banda está renascendo, com novos empresários, dentro de uma nova gravadora e com um novo álbum nas lojas.

"Sempre gostei muito daqui", diz Lemmy com sua voz rouca, acendendo o primeiro de uma longa sucessão de cigarros. "Eu devia ter mudado para cá dez anos atrás. Gosto das pessoas daqui, as garotas são ótimas — inacreditáveis —, e Londres já estava dando nos meus nervos. Porra, eu morava lá desde 67 — todos os clubes de rock, em Londres, estão fechando, eles não têm mais a sensibilidade para o rock'n'roll. Está tudo voltado para a merda da *discothèque*".

Mudar para Los Angeles decerto ajudou no resultado de *1916*, no mínimo o álbum melhor produzido da discografia do Motorhead ("por Peter Solley, e não Ed Stasium, como está na capa do disco"). "Acabou ficando muito melhor do que se tivéssemos gravado na Inglaterra. E lá já somos considerados coisa do passado".

Com faixas na tradição de peso e esbórnia que fez a fama do Motorhead — a quase autobiografia "I'm So Bad", "Angel City" —, o álbum traz como título, no entanto, uma canção como a banda jamais gravou: sem guitarras, baixo ou bateria, um lamento antiguerra ponteado por acordes de órgão e tiros de metralhadora Thompson.

"Essa música não foi exatamente planejada para sair desse jeito", argumenta Lemmy. "Tinha escrito a letra uns dois anos antes e, faltando três semanas para entrarmos no estúdio, eu ainda estava tentando imaginar que acordes usaria. Saiu como saiu, talvez porque tínhamos um monte de instrumentos no estúdio.

1916 traz também um petisco especial para a malta metálica brasileira, "Going To Brazil", sobre a atribulada miniturnê do Motorhead no país. "Parecia a Itália", lembra Lemmy. "O público adora rock'n'roll, faz o maior barulho nos shows, mas nos bastidores não existe energia — literalmente, ha, ha, ha." Por causa de uma flutuação na voltagem, um dos shows que faziam em São Paulo foi cancelado. "Foi uma turnê curta demais para a gente formar uma idéia do que é o país. E a moeda, então... puff — que loucura, eu não entendia nada. Entregava meu dinheiro nas lojas, nos táxis, e dizia: pode me sacanear, sou um turista, porra!"

Mesmo plenamente ambientado em Los Angeles — até bronzeado ele está! —, Lemmy não deixa de ser um anátema: é um pedestre que prefere viver sem carro numa cidade tão extensa, que se torna proibitiva para quem não tem automóvel. "Para que ter carro?", explica Lemmy. "Meus clubes favoritos são o Rainbow, o Roxy, e ficam a dois quarteirões. Além disso, bebo demais para dirigir. Ia dizimar a cidade inteira."

Não se fazem mais rock'n'rollers como Lemmy. Como Keith Richards, ele descobriu o rock no momento que o estilo estava nascendo. É um convertido da segunda geração do rock. E, como Keith, ele representa um estilo de vida cigano, devasso, rico em excessos e musicalmente rebelde (para não dizer inconseqüente), que não se adapta ao conformismo da linha de montagem pop dos anos 90. Filho de um vigário e batizado Ian Kilminster, Lemmy (o apelido vem do hábito de pedir dinheiro emprestado: *Lemme a fiver*, "me empresta uns cinco paus") descobriu o rock através de artistas como Little Richard e Eddie Co-

Motorhead

Sony

a Dura

chran. "Não dá nem para explicar a você como foi o impacto, porque não existia nada antes deles. E, de repente, em um ano, Fats Domino! Little Richard! Chuck Berry! Eddy Cochran! Jerry Lee Lewis! Elvis Presley! Bam! Bam! Bam! *Fucking marvelous!* Foram os melhores dias do rock, de verdade".

Em 67, Lemmy mudou-se para Londres e virou roadie do Jimi Hendrix Experience, porque "precisava do dinheiro". Um ano mais tarde já trabalhava como músico, tocando baixo no Hawkwind, heróis do nascente underground inglês.

Por causa do passado profissional de Lemmy, o Motorhead — que quase se chamou Bastard — ganhou o nome de Lemmy's Motorhead, "uma estupidez, o guitarrista tocava mais notas do que eu, certo? Seria o mesmo que dizer 'Paul McCartney's Beatles', não é?"

Com mudanças de formação, em números suficientes para confundir o mais atento biógrafo, o Motorhead atravessou dezesseis anos lançando clássicos do hard rock ("Ace Of Spades", "Orgasmatron") e estabelecendo uma reputação não exatamente consistente, mas sólida o bastante para trazer a banda — hoje formada por Philthy "Animal" Taylor (bateria), Michael "Wurzel" Burnston (guitarra) e Phil "Wizzo" Campbell (guitarra) — até *1916*.

Não peça a Lemmy que faça um levantamento filosófico de toda a carreira do Motorhead. "Eu sou um homem muito simples", ele admite sorrindo. "Não preciso de muito para me sentir satisfeito. Desde que eu tenha um teto sobre minha cabeça, uma TV, alguns discos, dinheiro suficiente para sair e encher a cara e botar umas tetinhas na minha boca, estou plenamente feliz."

JOSÉ EMILIO RONDEAU

HARD HEAVY THRASH METAL

O ilustre John Connelly, frontman do Nuclear Assault, está lançando álbum com seu grupo paralelo, o John Connelly's Theory, chamado *Back To Basics*. Inclui até uma cover do Argent, "Hold Your Head Up" • Anunciado como o "lado negro" da onda retrô, o Temple Of Dog inclui na sua formação integrantes do Soundgarden e do Mother Love Bone. É a nova histeria ensandecida de Seattle, terra da zoeira sonora • O grupo mineiro Sarcófago, de death metal, está sendo vendido no exterior como a banda do ex-guitarrista do Sepultura. Tudo porque o cara, certo dia, fez um teste com a banda (e não foi aprovado). Picaretagem promocional da grossa — é bonito iiisso? • Def American, o selo do produtor Rick Rubin, está lançando uma coletânea com seus artistas, chamada *'Till Def Us Do Part*. Tem Slayer, Danzig, Black Crowes, Masters Of Reality e Wolfsbane, entre outros • Também saiu lá fora uma caixa com cinco LPs ou três CDs do Black Sabbath, chamada *The Ozzy Osbourne Years*. Com certeza o melhor deles. • As mães do funk metal, o Mother's Finest, que assombraram nos anos setenta, estão de volta. Te cuida, Living Colour • A gravadora Roadrunner está atualizando seu fichário de fanzines do mundo inteiro. Os fanzineiros interessados escrevam para Fanzines, Roadrunner Records, 1st Floor, 387 Harrow Road, London W9 3NA, Inglaterra.

EVIL OTTO

A dance com referências explicitérrimas de tecnopop inglês percorreu o Brasil, em fins de maio. O DJ e vocalista Barry Harris nos falou algumas coisas bem estranhas.

Silva Vargas-Azul

Barry Harris, 31, trabalha como DJ desde 83, rolando desde o lado mais pop da dance até o raggamuffin. Em 88 gravou um sério caso de New Order-encontra-Chicago,"I Beg Your Pardon", que estourou mundialmente. No Brasil, outras como "Walking Boots" e "Harry Houdini" seguiram o mesmo caminho.

Para os vocais, Barry havia chamado Kevin Wynne, que acabou fazendo todas as faixas do LP *Move To Move*.

Para o segundo LP, *Syntonic* — que contém o hit corrente "Liberty" —, Barry recrutou a fenomenal cantora nova-iorquina Debbie Cole, além de ele mesmo cantar em algumas faixas. A moça é fã de reggae e, além de dance, já trabalhou com Shabba Ranks e Shelley Thunders. Hoje, o que Barry curte na dance?

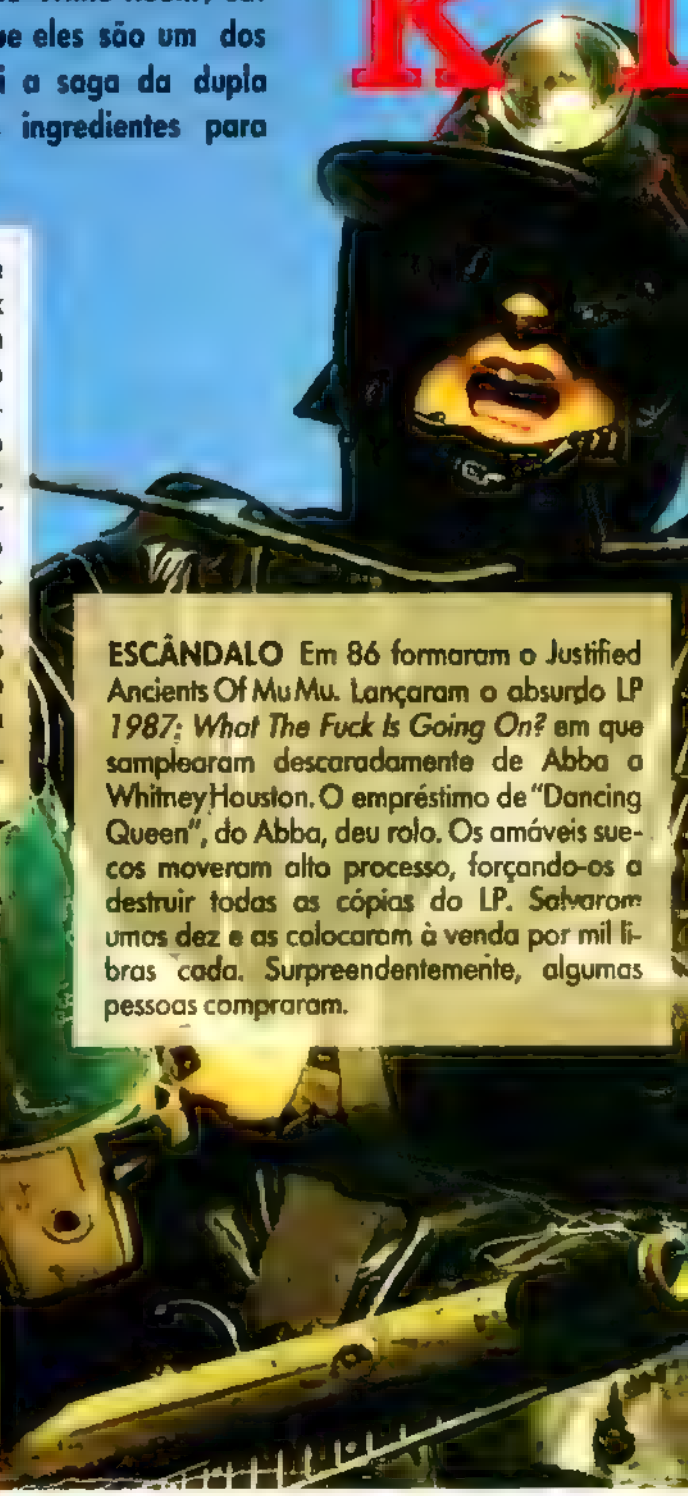
"Tenho produtores favoritos. Gosto muito do Martyn Phillips. Respeito muito Frank Farian, do Milli Vanilli, afinal era o cérebro. Gosto do Black Box e Technotronic, apesar de não concordar com o que o último fez com a cantora Martha Wash". Ué, mas ele não acabou de se declarar fã do inventor do Milli Vanilli?

Mais estranho ainda é o que segue: "Não me considero um artista de dance music, como Technotronic ou Snap! Canções como 'I Told You So', definitivamente não são dance". Barry e Debbie adoraram o Brasil. Levaram embora, inclusive, algumas cópias do LP de estréia do Que Fim Levou Robin?, que abriu seus shows.

L.H.R (entrevista)
C.R (texto final)

No Brasil, algumas pistas tocam KLF e, vez por outra, a MTV passa algum vídeo. O novo LP, *The White Room*, sai agora. Você vai saber de antemão por que eles são um dos nomes do momento. Acompanhe aqui a saga da dupla Bill Drummond e Jimmy Cauty. Todos os ingredientes para uma brilhante carreira pop estão aqui.

K.L



O COMEÇO DIFÍCIL Bill Drummond é de Liverpool e foi o centro da cena pós-punk da cidade. Foi do Big In Japan, junto com Holly Johnson (depois Frankie Goes To Hollywood). Montou a Zoo Records, lançando os psicodelicados Teardrop Explodes e o Doors-de-cotovelo Echo & The Bunnymen. Por muito tempo, foi empresário e mentor destes grupos. Depois que o Echo lançou o LP *Ocean Rain*, Drummond saiu fora. Segundo ele: "Era o LP que eu queria que eles fizessem". Jimmy Cauty foi desenhista quando adolescente. No começo dos 80, formou o Brilliant com Youth (ex-Killing Joke, agora na ponta de remixes e produções de dance). Era o guitarrista.

ARMAÇÃO Drummond trabalhou na WEA, quando descobriu e contratou o Brilliant. Drummond conheceu um então desconhecido Pete Waterman, que estava começando a trabalhar com Stock e Aitken. Ficou impressionado com seu método e sua pessoa, e convenceu-o a trabalhar com o Brilliant. Drummond disse uma vez que Waterman "não sabia tocar sequer algumas notas no piano, mas ele sempre acertava na mosca". O Brilliant foi um fiasco, mas Waterman usou o pagamento de trezentas mil libras da WEA para montar seu sonho: o estúdio e selo PWL.

ESCÂNDALO Em 86 formaram o Justified Ancients Of Mu Mu. Lançaram o absurdo LP *1987: What The Fuck Is Going On?* em que samplearam descaradamente de Abba a Whitney Houston. O empréstimo de "Dancing Queen", do Abba, deu rolo. Os amáveis suecos moveram alto processo, forçando-os a destruir todas as cópias do LP. Salvaram umas dez e as colocaram à venda por mil libras cada. Surpreendentemente, algumas pessoas compraram.

Continental

Com alta rotação em rádios e pistas, "Wiggle It" é um daqueles hip house com refrão *super-bonder*. Os responsáveis pela faixa são dois sujeitos que conhecem um gancho quando vêem um, Rafael 'Dose' Vargas, 21, e Rog Nice, 23. Ou melhor, 2 In A Room (Dois Dentro De Um Quarto, hmm...)

O 2 In A Room surgiu quando o dono do selo underground de dance Cutting Records, Aldo Morel, resolveu montar um LP com vários produtores. Dose, no rap, e Rog, na produção, se incumbiram de uma das faixas. Era "Do What You Want

F

CINEMA O KLF diz que seu LP *The White Room* é a trilha sonora de um filme sobre uma viagem de carro através de várias partes do mundo. O problema é que falta um milhão de libras para acabar o filme, começado com o dinheiro ganho com os Timelords.

FAMA Em 88, sob o pseudônimo de Timelords, gravaram a infame "Doctorin' The Tardis", virando Gary Glitter do avesso. Depois que a música foi um hit mundial, escreveram um manual de como chegar em primeiro lugar de maneira fácil. Numa passagem lê-se: "Se você já é músico, pare de tocar seu instrumento. Melhor: venda o traste".

TRANSFORMAÇÕES Mudaram o nome para KLF (Kopyright Liberation Front — isto é, o mundo à disposição dos samplers) e gravaram vários singles encampando tecno, house, pop, rock e hip hop como os hits "What Time Is Love?" e "3 AM Eternal", grandes sucessos nos raves ingleses e pistas européias. Segundo os créditos, todos gravados ao vivo num lugar chamado Transcentral. Na verdade, esse é o nome do estúdio deles.

MEGAESTRELATO Remixaram e relançaram "What Time..." e, "3 AM..." e "Last Train To Transcentral", que chegaram no topo dos *charts* ingleses. Com sua música nervosa, hipertecnológica e rápida, mas com o mínimo necessário de pop, o KLF virou um dos grupos do momento. Os discos são lançados pelo seu próprio selo, o KLF Communications.

FASE DE REFLEXÃO (!?) No ano passado, entraram de cabeça em lances new age como meditação em grupo, cristais e ambient house. Lançaram *Chill Out*, um LP esquisito, só de sons ambientais e tranqüilos, para ser curtido depois de uma noitada. A capa trazia uma relaxante foto com ovelhas sentadas num pasto verdíssimo.

NAS ALTAS RODAS Os Pet Shop Boys os chamaram para remixar "So Hard" e eles trataram de torná-la irreconhecível. Na capa do remix está *The KLF vs. The PSB*. Correram boatos, não confirmados, de que eles iriam trabalhar no novo disco de Whitney Houston. Justamente quem eles samplearam ostensivamente em "Whitney Joins The JAMMs", do LP de 1987.

Steve Double Retina

To Do", um exercício hip house de peso.

Depois veio "Wiggle It" — top 5 nos EUA e por toda a Europa — e um bem-sucedido LP do mesmo nome, centrado no hip house, mas puxando tecno, soul e funk para o mix.

Como se conheceram? Eerr, não foi num quarto, creio...

Dose "Sempre moramos na mesma vizinhança, Washington Heights, no Harlem; estudamos na mesma escola, essas coisas."

Rog "Mas eu nunca soube que o Dose era bom de rap até que um amigo me contou. Fui conferir e fiquei impressionado. Começamos a trabalhar juntos."

Mas Rog já tinha experiência anterior com dance music...

"Logo que saí do colegial, aos 17 anos, comecei a trabalhar com música. Fui DJ e trabalhei numa loja de roupas. Meu grande mentor e professor foi Chep Nunez (*versátil homem de estúdio de NY, morto no ano passado*), que era meu cunhado. Chep me ensinou tudo que sei sobre fazer música. Ele me apresentou a Tuta Aquino. Conhece Tuta Aquino, o brasileiro? Trabalhei com ele muito tempo, administrando seu estúdio. Trabalhei em vários remixes e edição de discos, como Janet Jackson, DuranDuran, Luther Vandross..."

Influências musicais.

Dose "Admiro o estilo de Rakim (*parceiro de Eric B*), de LL Cool J. Gostava de hip hop hardcore. Quando LL começou, ele me influenciou em estilo, música. Achei que podia fazer rap também. E adoro as produções do Mantronix."

Rog "Mantronix é genial. Também gosto de coisas da época da disco, como as produções da gravadora Salsoul, o MFSB e todo aquele som da Filadélfia, aquilo é que era som."

Duas pessoas boas para levar a um quarto...

Dose "Paula Abdul e Madonna. Queria ter uma palavrinha com ela."

Só uma palavrinha?

"(*Risos*)... Bem..."

Rog "Paula Abdul e Demi Moore, entre tantas outras."

CAMILO ROCHA

ELECTRO

TECNO POP E BM

Techno é a nova palavra de ordem no império alemão. Grupos, projetos e DJs fervilham. Konzept, Ravesignal II, Lassigue e Subject 13 são alguns dos nomes que você deve gravar • Do Test Dept. e do Psychic TV todo mundo já ouviu falar. Mas os patriarcas do industrialismo caíram na mesmice em seus novos trabalhos. O Test Dept. com os inexpressivos singles "Pax Americana" e "New World Order" (EFA), e o codinome Psychick Warrior Ov Gaya, sugestivo mas responsável por um techno-house frustrante, "Exit 23" (KK) • Os Swamp Terrorists finalmente lançaram seu primeiro álbum, *Grim, Stroke & Disease* (Machinery), mesclando rap, noise agressivo e body music. O disco foi aprovado até mesmo pela revista metálica *Kerrang!* • Anne Clark de LP novo: *Unstil Life* (AMV) • Paul Lemos, o mentor do Controlled Bleeding, avisa que rompeu com o selo Wax Trax, mas que prepara um álbum para breve. Enquanto isso, dedica-se à sua nova banda, Fathacker, que já assinou com o selo Roadrunner (o mesmo do Sepultura!) • O projeto itinerante Black Sundays é o canal de divulgação do DJ Tonyy para difundir os novos caminhos do pop eletrônico, tais como o "electro-goth". Segue sua techno-list: Front Line Assembly, "No Control"; Clock DVA, "The Reign"; Twilight Ritual, "Closed Circuit"; Volv Unction, "Cold Blessing"; Individual Industry, "Tomorrow". *ENEAS NETO*

PROTESTE E

O que o Public Enemy e a Rosana de "Como uma deusa" têm em comum? Vá perguntar aos MAGRELLOS, os rappers que vêm de Brasília

Os Magrellos, cujo segundo LP está saindo via Sony Music, surgiram da união do DJ e produtor Raffa (22) com os rappers e dançarinos Tubarão (22), Rossi Black (23) e Marcos (22). Os três últimos faziam parte de um grupo de quinze dançarinos (os Magrellos originais) que costumava animar bailes e participar de concursos de break nos idos de 82. "A gente veio evoluindo daquele lance de discoteca", recorda Rossi, "passando pelo funk, pelo soul, break e rap."

Isso até 77, quando Tubarão descolou o telefone de Raffa pensando em gravar algumas bolachas da rica discoteca do DJ, como base para novas coreografias. "Eu trabalhava como DJ em casas noturnas e tinha muitos discos importados", explica Raffa.

Da amizade dos dois, alimentada pela paixão do funk, nasceu a idéia de formar um grupo de rap. "Eu trabalhava num estúdio e gravei um jingle com eles", conta Raffa, "e eles até já tinham uma música feita, chamada 'O Contínuo'."

Desde essa época, os Magrellos trazem uma característica marcante: as letras de temas políticos e sociais, como atesta o título "O Contínuo". "Faz parte da rotina da gente", diz Marcos. "O Raffa ainda vem de uma família melhorzinha", revela Tubarão. "Mas a gente tem que ralar para sobreviver. A gente convive com a pobreza. A rodoviária de Brasília tem uma porção de crianças abandonadas, contrastando com o luxo da esplanada dos Ministérios ali pertinho."

O "remediado" Raffa é o único Magrello a ter uma formação musical acadêmica. Na verdade, ele é filho do compositor e regente Claudio Santoro, e estudou piano clássico até os doze, época em que descobriu Afrika Bambaataa e outros eletrofunks. Depois, bastou fazer o caminho inverso e cair nos braços de James Brown. "Fui buscar as raízes negras e comecei a entender muito melhor o movimento rap", explica Raffa. "Tanto que o nosso disco é em cima de um lance mais acústico que eletrônico. A gente usa a eletrônica, mas os sons sampleados tendem mais para o soul." As treze faixas do disco *Magrellos* contêm amostras de AC/DC, Soul II Soul, Yellowman, Prince. Jimmy Bo Horne e, é claro, James Brown, além da participação da "deusa" Rosana. Ela vocaliza na canção "Mexa-se". O resultado mexe com os quadris e deixa um sorriso no rosto do ouvinte. Mesmo a ingenuidade que salta à vista quando se lêem algumas letras não incomoda quando são ouvidas. A principal referência nesse departamento é a do Public Enemy.

Antes de assinarem com a Sony, os Magrellos já tinham lançado um LP pela independente Kaskata's Records (registrado na Conexão Brasil de dezembro), *A Ousadia Do Rap De Brasília*. Este disco, negociado através de Thaíde, foi o passaporte para uma grande gravadora. "Fomos ao Rio pegar uma praia", conta Tubarão, "e resolvemos procurar uma gravadora. O DJ Marlboro nos indicou a Sony. O pessoal ouviu, gostou, e cá estamos nós." Simples assim.

LUIZ HENRIQUE ROMANHOLLI

Mariano Coelho/Azul

Aproveitamos que você entende de rotação, explosão e impulsão para falar um pouco de proteção.

ARTILLERY HIGH - *DESENVOLVIDO ESPECIALMENTE PARA A PRÁTICA DO BASQUETE. DE HOJE EM DIANTE, O ÚNICO PULO QUE VOCÊ PODE DAR SEM ELE É ATÉ A LOJA MAIS PRÓXIMA. EXCLUSIVO SISTEMA TORSION.*

Nos grandes atletas, a única coisa que pode subir à

Y&R

adidas

RESPONSE - *SÓ PROVOCA IMPACTO EM QUEM VÊ VOCÊ USANDO. UM PAR DE RESPONSE NOS PÉS É TUDO O QUE OS PROFISSIONAIS TINHAM NA CABEÇA PARA A PRÁTICA DO RUNNING. EXCLUSIVO SISTEMA TORSION*

beça é o sucesso, não o impacto dos seus pés no chão.

adidas

TRX-L - *IDEAL PARA QUEM NÃO PRESTA MUITA ATENÇÃO ONDE PISA: O SOLADO DO ADIDAS TRX-L É ESPECIALMENTE DESENVOLVIDO PARA USO EM TODOS OS TIPOS DE TERRENO. ESPECIAL PARA JOGGING.*

Já que você vive fazendo esporte pra cuidar d
aproveitamos pra lembra

adidas

FELICITY - *EXCLUSIVAMENTE FEMININO. COM UM FELICITY NOS PÉS, NÃO É SÓ POR GENTILEZA QUE OS HOMENS VÃO DAR PASSAGEM PRA VOCÊ NO JOGGING. E PARA A AERÓBICA, O DESIGN TEM TUDO O QUE VOCÊ QUER: AS MELHORES FORMAS FEMININAS.*

cintura, do bumbum, das pernas e dos braços, que pé também é corpo.

adidas

JUKE BOX - *O PREFERIDO POR ATLETAS DE TODAS AS MODALIDADES QUANDO ELES PRATICAM UMA MODALIDADE QUE VOCÊ CONHECE MUITO BEM: DAR UMA VOLTINHA POR AÍ. AJUSTE PERFEITO PARA WALKING E LAZER.*

ADIDAS DO BRASIL - RUA FLÓRIDA, 1595 - 15º - SP - Tel.: 531-6844

ROCK,

"Minha lembrança mais antiga é de quando eu tinha dois anos. Estava com escarlatina, tendo alucinações, e um cara tentava tirar fotografias, zumbindo na minha cabeça. Horrível." É o dono do mais fértil imaginário do pop: MICHAEL STIPE

Ele é capaz de prever terremotos com uma simples dor de cabeça. Não tem geladeira em casa. Vai ao cinema de vez em quando, mas odeia televisão. Não ouve música. Livros, nem pensar. Não bebe, não fuma, não usa drogas. E é, atualmente, um dos personagens mais adorados pelos roqueiros de todo o mundo.

As opiniões correntes sobre Michael Stipe dividem-se em dois blocos: ele é um sujeito extremamente tímido e fechado, mas também doce e inteligente; é um excêntrico arrogante e pretencioso, que nem mesmo os outros membros da banda conseguem aturar. "Michael é uma pessoa muito generosa, muito gentil", declarou Morrissey recentemente revelando o início de uma sólida amizade com o outro esquisitão da música pop (futuras colaborações musicais não estão descartadas). Mas o depoimento do ex-Smiths só vem colocar mais lenha na fogueira. Afinal, que tipo de pessoa seria capaz de conquistar a confiança do solitário Morrissey? "Tenho várias personalidades", costuma dizer o líder do R.E.M.. "Qual delas você quer conhecer hoje?"

Antes de se transformar no líder da "Melhor Banda de Rock'n'Roll dos Estados Unidos" (título lançado pela *Rolling Stone* e adotado pela imprensa em geral), Stipe era apenas um estudante de arte fissurado em pintura, fotografia e manuscritos medievais. Só começou a se interessar por música depois que Peter Buck, seu colega na Universidade da Geórgia, o convidou para montar uma banda, em 80.

Do primeiro show, em uma igreja abandonada de Athens (que Stipe, Buck, Bill Berry e Mike Mills usaram como moradia), até o topo das paradas de todo o planeta, a banda percorreu um longo trajeto. Durante cinco anos, fizeram sucesso apenas em uma fatia menos rentável do gordo mercado norte-americano: o circuito formado pelos pequenos teatros, ginásios de universidades e as chamadas *college radios*. "The One I Love", faixa de *Document* , reverteu esse quadro. Em 87, a sigla das três letrinhas aparecia pela primeira vez nas regiões mais altas dos *charts* da *Billboard*, para espanto do cultuado quarteto. A decisão de assinar com a WEA, depois de seis LPs gravados pelo selo independente I.R.S., confirmou o que a maioria já suspeitava: os meninos haviam finalmente deixado a faculdade. E queriam ganhar o mundo. Enquanto *Green* e *Out Of Time* encarregavam-se da

R.E.M. & RELIGIÃO

ocupação do planeta, a mídia empenhava-se cada vez mais em decifrar o enigma Michael Stipe. O que significam aquelas letras que ninguém é capaz de transcrever? Por que sua voz soa tão triste? Por que ele é tão arredio com a imprensa? Por que nunca viaja junto com a banda?

Os primeiros procurados para fornecer pistas foram, é claro, os três "coadjuvantes" da história. "Ele é um cara excêntrico, e é assim que deve ser", diria Berry. "É isso que faz do R.E.M. a banda que é". Mills: "Ele não é tão esquisito assim. Só faz as coisas de um modo diferente — o que eu acho admirável". Buck: "Todo mundo acha que ele é um excêntrico, mas é uma das pessoas mais sensatas que eu conheço". Talvez fosse melhor, porém, procurar as respostas nas declarações do próprio mito. Com a palavra, Michael Stipe.

Derek Ridgers LFI

O AUTOR

"Sem querer ser muito Zen, acho que as letras e as canções que escrevo já existem em algum lugar. É só uma questão de esperar para que elas se reúnam da maneira certa. Quando acontece, é transcendente." (*Spin*, Outubro de 86)

"Percebi agora que não podia mais murmurar qualquer coisa nas letras, o que já cheguei a fazer. Em alguns dos primeiros LPs, eu gravava qualquer coisa que estivesse cantando." (*Rolling Stone*, Dezembro de 87)

"A maior parte do que escrevo é muito mais subconsciente do que as pessoas pensam. Escrevo algo como 'It's The End...', como se fosse nonsense e, dois meses depois, percebo o que ela quer dizer." (*New Musical Express*, Abril de 88)

"Não me sinto na obrigação de escrever sempre sobre o mesmo personagem. Não estou sempre falando sobre mim mesmo. Anos atrás, decidi que nunca usaria 'Eu' ou 'Você'. Fiz isso em dois discos, usando só 'Nós'. Mas isso fazia as canções parecerem hinos." (*Q*, Dezembro de 88)

"Acho que todo grande escritor, todo grande cantor e todo grande amante conhecem o poder do mistério, a importância desse elemento no que fazem. Eu apenas admito isso." (*Q*, Dezembro de 88)

"Como letrista, acho que os erros as vezes se tornam as partes mais inspiradoras de um projeto. Admitido e utilizado, o erro pode ser a coisa mais linda que você poderia fazer. Aplico isso não apenas ao ato de escrever, mas em tudo que acontece na minha vida." (BIZZ, Junho de 89)

"Nunca tinha tentado compor canções de amor antes de *Out Of Time*. Pelo menos, não tão diretas. É um grande passo à frente." (*Rolling Stone*, Março de 91)

"Acho que a música pode ser uma catarse radical e uma força motivadora, mais do que simples diversão. Sempre achei que todas as emoções estão contidas nas outras — você não pode conhecer a felicidade completa a não ser que você tenha sentido a infelicidade total — e vice-versa." (*Melody Maker*, Março de 91)

"Passei a compor letras mais diretas porque fiquei menos tímido. Sou um compositor muito melhor agora do que era há dez." (*Melody Maker*, Março de 91)

"Acho muito mais fácil escrever uma canção deprimente do que uma alegre. Tudo fica meio florido e estúpido quando você tenta ser alegre em canções pop." (*New Musical Express*, Março de 91)

"Um amigo meu me disse que existe sete canções no rock'n'roll, e nós escrevemos três delas muitas e muitas vezes, e muito bem! Só posso concordar com isso!" (*Q*, Abril de 91)

O ATOR

"Ofereceram para mim o papel de Lord Byron em *Frankenstein Unbound*, mas Michael Hutchence acabou ficando com ele. Gostaria de trabalhar como ator. Já me expus tanto ao ridículo em público, que diferença poderia fazer?" (*Melody Maker*, Março de 91)

O EXCÊNTRICO

"Não me importo em ser chamado de excêntrico. Lidei com isso a minha vida toda. Acho que as pessoas ficam desapontadas quando descobrem o cara normal que sou. Porque a verdade é que não sou excêntrico." (*Melody Maker*, Setembro de 87)

"Você tem que tomar cuidado com esse tipo de coisa. Quando percebo que essa caricatura está ficando fora de controle, dou uma freada." (*Q*, Dezembro de 88)

"Tenho aprendido a me distanciar do outro Michael Stipe, a persona profissional. O problema é que nós dois temos o mesmo nome." (*Q*, Dezembro de 88)

"Tenho uma tendência para usar combinações estranhas de palavras, não apenas quando escrevo, mas quando falo. Isso confunde muitas pessoas. Não é que eu tenha uma personalidade incrivelmente complicada, é apenas o jeito como a minha mente trabalha." (*New Musical Express*, Agosto de 89)

"Sou uma pessoa bastante engraçada. Mas não sei se as pessoas me acham tão engraçado assim. Acho que sou irritante para muita gente. Eles dizem que achariam a banda divertida, 'se não fosse pelo vocalista'." (*Melody Maker*, Março de 91)

"Não acho que eu seja mais triste do que as outras pessoas. Esse é apenas o jeito como a minha voz soa." (*Creem*, Abril de 91)

"Geralmente, fico com dor de cabeça quando um terremoto está para acontecer. Quando a cidade do Mexico desabou, fiquei mal três dias." (*Rolling Stone*, Dezembro de 87)

BERÇO ESPLÊNDIDO

"O ritmo de Athens é tão lento Isso tem muito a ver com o calor Lentidão é a característica mais intrínseca e óbvia da nossa música No começo, éramos uma banda *thrash*, não sabíamos tocar bem e morríamos de medo de tocar devagar. Fui eu que comecei a desacelerar a música." (*Spin*, Outubro de 86)

"Esse lugar cresceu comigo
É como se o meu sangue estivesse
misturado à terra. As lágrimas
me vêm aos olhos sempre
que estou chegando de avião e
vejo os pinheiros, a terra vermelha."
(*New Musical Express*, Abril de 88)

O PRODÍGIO

"Quando tinha oito ou nove anos, tocava acordeão, piano e guitarra. Comecei a tocar piano clássico com dez anos. Meu pai tocava violino, minha avó era uma cantora de ópera." (*New Musical Express*, Março de 91)

"Eu era um grande pianista. Perdi tudo isso na puberdade." (*Details*, Abril de 91)

PAI NOSSO

"Meus pais são cristãos. A última coisa que quero é ofendê-los porque eu não sou cristão." (*Spin*, Outubro de 86)

"Meu avô era um pregador itinerante. Acho que o espírito de peregrino e a vontade de aparecer em público vêm dele." (*New Musical Express*, Março de 91)

A BANDA

"Temos muito mais coisas em comum do que as pessoas pensam. Somos um grupo de verdade." (*Rolling Stone*, Dezembro de 87)

"Todo mundo dá idéias para as letras, eu funciono como um editor. Acho que esse é o segredo de como a banda funciona bem. (BIZZ, Junho de 89)

"O segredo do R.E.M. é que Mike não toca baixo como um baixista, Peter não toca guitarra como um guitarrista e eu não canto como um vocalista. E Bill meio que segura as pontas." (*Spin*, Março de 91)

"Acho que, basicamente, ainda somos uma banda de bar." (*Melody Maker*, Março de 91)

"Nossas canções são apenas um monte de acordes menores com um pouco de nonsense jogado em cima." (*Details*, Abril de 91)

"Não entendo esses ensaios sobre a nossa integridade, se ela está ou não intacta. Quem se importa? Somos apenas uma banda pop." (*Vox*, Abril de 91)

"Quando a Warner nos ofereceu o contrato, tive que rever os últimos sete anos e decidir se queria dar o grande passo. Então decidi que, sim, eu queria continuar fazendo isso, trabalhando com esses caras que realmente admiro e amo. E senti que ainda tínhamos alguns grandes discos dentro de nós." (*Melody Maker*, Outubro de 88)

A ESTRADA

"Eu costumava odiar turnês, mas agora ficou mais fácil. Não porque relaxei. Foi o mundo que relaxou. Ficou mais fácil andar pela rua, coisas assim." (*Rolling Stone*, Dezembro de 87)

"Nos shows, uso muitas camadas de roupas. Funciona como proteção emocional, sou muito tímido." (BIZZ, Março de 88)

"Eu me apresento muito melhor na frente de vinte mil pessoas do que de públicos menores." (BIZZ, Junho de 89)

"Costumo me mexer muito no palco. Mas, na próxima turnê, decidi que vou ficar completamente imóvel — o que vai ser bastante difícil." (*New Musical Express*, Março de 91)

FAMA & FORTUNA

"É grosseiro o que o dinheiro faz por você. Hoje em dia, homens de negócios me cumprimentam nas ruas. Posso estar usando uma camiseta malcheirosa e me dão a melhor mesa em um bom restaurante." (*Melody Maker*, Setembro de 87)

"Chegamos no *Top 20*, o que é inacreditável! Não acredito que esteja lá com Springsteen, ou seja lá quem for. Minha mãe também não acreditou." (*Rolling Stone*, Dezembro de 87)

"O sucesso me fez rir, até certo ponto. Não fizemos nada especial em *Document*. Acho que foi o tempo que nos alcançou." (*New Musical Express*, Abril de 88)

"Fazíamos parte de uma espécie de vanguarda há cinco anos, mas acabou. Começamos a fazer sucesso nas rádios norte-americanas porque um grupo de homens de negócio familiarizou-se o bastante com o nome da banda, depois de cinco LPs." (*New Musical Express*, Abril de 88)

OS TRÊS

PETER BUCK Nascido na Califórnia, o guitarrista do R.E.M. — que só foi dedicar-se ao instrumento aos 21 anos! — chegou a Athens em 77, depois de rodar um bom tempo pelos EUA. Dono de um vasto conhecimento musical, especialmente do rock dos *sixties* e da insurgente cena punk de Nova York e Londres, ele logo descolou um emprego na Wuxtry, uma loja de discos freqüentada pela moçada da universidade local. Foi lá que conheceu Michael Stipe, um estudante de pintura e fotografia fascinado por literatura, que só há pouco tempo começara a se interessar por rock, mas possuía quase que instintivamente as mesmas afinidades sonoras de Peter. Formar um grupo com ele foi uma conseqüência óbvia.

Marca registrada da musicalidade do R.E.M., a guitarra de Buck revela profundas influências dos Byrds, junto a um estilo muito pessoal de absorvê-las, que se estende também aos violões de seis e doze cordas, o bandolim e o banjo. A filosofia musical que o orienta pode ser resumida em uma de suas declarações: "Não quero ser visto como o rei da *jangle guitar* e, do mesmo jeito, não quero que sejamos conhecidos como esta banda sensível e guiada pela ansiedade. Sabe, nós somos assim, mas também somos caras burros que, na prática, gostam de tocar canções dos Ramones."

Peter mora em Athens, numa casa restaurada que data da virada do século, com sua mulher, Barrie. Ela também é proprietária do 40 Watt Club, um *pub* anexo ao escritório e às salas de ensaios do grupo (R.E.M./Athens Ltd.). O passatempo preferido do guitarrista são as *jams* com os amigos músicos locais.

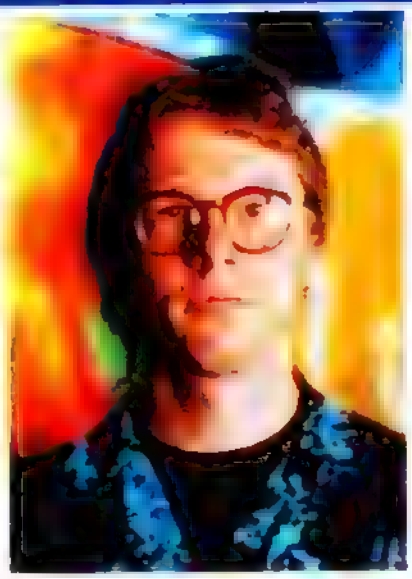
BILL BERRY São raros os bateristas de rock que se expressam com coerência e inteligência a respeito de outros assuntos que não sejam relativos ao seu instrumento e, além disso, possuam voz ativa nos respectivos grupos. Um autêntico *drop out* boa praça, Bill é uma destas exceções. De sua cidade natal — Duluth, em Minnesota, a mesma de Bob Dylan —, ele acabou chegando ainda adolescente a Macon, Geórgia, onde conheceu Mike Mills (com quem formou uma banda, aos catorze anos). Depois, ambos viriam juntos a estudar na universidade de Athens.

Fotos Terry Allen Ratna

A M I G O S

O contato com Michael Stipe deu-se na república onde morava e eventualmente tocava com Mike. Conta-se que o vocalista só se interessou em trabalhar com eles porque gostou das sobrancelhas de Berry. Peter Buck não tardou em agregar-se ao grupo. Ao longo do tempo, as aptidões musicais de Bill dentro do R.E.M. foram se ampliando e fizeram com que ele, além da bateria e percussão, também se aventurasse por outros instrumentos, como o baixo e o violão: "Havia coisas que não podia tocar tão bem como Mike, mas também há linhas de baixo minhas que só eu consigo fazer. Não sou um décimo do guitarrista que Peter é, enquanto ele não é um décimo do baterista que eu sou. Mas cada um de nós pode tocar ambos os instrumentos... e fazemos isso."

Berry vive em Athens, junto com a mulher e a filha de cinco anos, as duas chamadas Mary, freqüentemente saindo para pescar com Mills. Também se interessa por fotografia e artes visuais, atividades às quais pretende se dedicar no futuro.



MIKE MILLS É o antigo chapa Bill Berry que descreve como o conheceu: "Odiei-o desde a primeira vez que o vi, porque ele tinha a mesma aparência de *nerd* que ainda tem. E isso,enquanto eu começava a experimentar drogas, coisas assim... Ele era tudo o que eu desprezava: bom aluno, entrosado com os professores, não fumava nem cigarro..." O ar de garotão certinho de Mills, mesmo radicalmente oposto à postura neo-hippie de Berry, acabou gerando uma grande amizade — e uma ótima cozinha. Mike relembra o show de estréia do R.E.M.: "Abrimos para os Brains, outra banda da Geórgia. É de conhecimento geral que nós arrasamos com eles. Havia uma inegável ponta de arrogância na banda." Melhor para a todos.

Natural de Macon e vindo de uma família musical (seu pai era solista numa igreja local e sua mãe também cantava, além de tocar violão e piano), Mike talvez seja o músico mais técnico do R.E.M., estendendo suas habilidades do baixo para os teclados — órgão, piano e acordeão. Eventualmente, reorganiza de maneira informal os Corncob Webs, uma banda de covers que formou com Bill, para tocar em clubes locais. Além disso, compôs temas para um filme de seu amigo, o diretor Howard Libov, e recentemente fez vocais no novo álbum de Robbie Robertson. Ele também tem esperança que sejam usados trechos de gravações que fez, no órgão de uma igreja de Minneapolis, na trilha do próximo filme de Wim Wenders, que é fã declarado do R.E.M. Mike também adora beisebol e futebol americano.

CELSO PUCCI

EMI-Odeon

EQUILÍBRIO QUÍMICO

"Só bebo quando fico desesperado depois do show, porque não consigo dormir. Não tenho nenhum grande vício." (*New Musical Express*, Março de 91)
"Nunca uso drogas para compor. Acho que já tenho bastante alucinações sem alterar meu equilíbrio químico." (*New Musical Express*, Março de 91)

OS SONHOS

"Levei um tiro de um cara que havia sido enviado para me matar. Ele me perseguia, mas só poderia atirar se eu o olhasse nos olhos. Então fiquei cansado e o encarei. Ele atirou, mas não morri. Fugi durante um tempo, mas fiquei cansado. Quando olhei de novo nos seus olhos, ele pegou um furador de gelo, enfiou na minha têmpora e me matou." (*Melody Maker*, Setembro de 87)
"Em todos os meus sonhos, o cenário é sempre o mesmo. Acho que isso não é muito comum."
(*Q*, Dezembro de 88)
"Não faço muita diferenciação entre meus sonhos e minha vida desperta É tudo uma única coisa." (BIZZ, Junho de 89)

O LIVRO ABERTO

"A melhor hora para me entrevistar é quando estou sem dormir há três dias e tomei sete xícaras de café. Vomito as coisas. Depois, quando leio as entrevistas, não acredito no que fui capaz de dizer." (*Melody Maker*, Setembro de 87)
"Não é que eu não goste de ser entrevistado. Não gosto é do que acaba saindo nas entrevistas. Quando falo sobre mim, acabo me envolvendo muito. Não gosto de me abrir assim." (*Melody Maker*, Setembro de 87)

PASSADO & FUTURO

"Não penso em termos de passado e presente. Adoto a maneira de pensar dos índios americanos. Eles não têm tempos passados para os verbos." (*Spin*, Outubro de 86)
"Minha teoria é de que o real e o fantástico se tornam uma coisa só, quando canalizados pela memória. Seu passado é o que você quer que ele seja." (*Musician*, Abril de 91)

TV & VÍDEO

"Nada me aborrece mais no dia-a-dia do que a televisão. E toda a cultura que foi construída em torno dela é apavorante. Mas quando fico perto de uma TV não consigo tirar os olhos dela. Somos como mariposas em volta de uma lâmpada."
"O que passa nas emissoras populares de TV é, na maioria, lixo. Acho que estamos acima disso. Pelo menos tentamos. Como um meio de comunicação, me interessa." (BIZZ, Junho de 89)
"Sempre fui radicalmente contra dublagem. Mas, no ano passado, percebi que, se a dublagem é irreal, os clips também são. A televisão é irreal, os filmes são irreais, e a experiência de assisti-los é irreal. Nada disso é real. A realidade está na emoção e na mensagem que são passadas." (*Vox*, Abril de 91)

A PROLE

"It's The End Of The World As We Know It (And I Feel Fine)"

"Escrevi a letra enquanto cantava. Eu queria que fosse o vocal mais bombástico de que eu fosse capaz." (*Melody Maker*, Setembro de 87)

"The One I Love"

"É um tipo cruel de canção, e não sei se a maioria das pessoas percebe isso. Acho melhor elas pensarem que é uma canção de amor. Ela é dura e violenta, mas não é dirigida a ninguém em particular. Eu nunca fana isso. Ela é apenas sobre mim." (*Rolling Stone*, Dezembro de 87)

"Radio Free Europe" (1.º Single)

"Desafio alguém a achar algum sentido nessa letra. Acho que não há nenhuma palavra de verdade nela, são apenas sons. Gosto de fazer isso de vez em quando." (*New Musical Express*, Abril de 88)

"Pop Song' 89"

"Quando ouvi o grupo tocar 'Stand' e 'Pop Song' 89', pensei: 'Deus, é a música mais estúpida que já ouvi! É preciso muita coragem para escrever uma canção pop estúpida. Usei 'Pop...' como um comentário sobre a música pop, fazendo uma gozação com 'Hello, I Love You', dos Doors, e com o sexismo dos clichês pop. Deveria ser a última canção pop a ser escrita." *Melody Maker*, Outubro de 88)

"Losing My Religion"

"É uma canção desesperada. Não é sobre mim, mas sobre todos os homens. Eu ouvi essa expressão a minha vida toda. Significa algo como chegar ao seu limite, perder a paciência diante de uma situação. Não tem nada a ver com religião." (*Melody Maker*, Março de 91)

Murmur

"Chamamos o disco de *Murmur* porque é uma das sete palavras mais fáceis de pronunciar na língua inglesa." (*Rolling Stone*, Agosto de 87)

Life's Rich Pageant

"Quero que essas canções sejam ouvidas. Elas são colossais. É a melhor coisa que já fizemos." (*Spin*, Outubro de 87)

Document

"É nosso disco mais masculino." (*Melody Maker*, Setembro de 87)

"Foi como separar todas as peças e tornar a juntá-las para formar algo coeso. É nosso disco mais coeso." (*New Musical Express*, Abril de 88)

Green

"Existem vários sentidos para a palavra. Existe o partido político, mas há também o dinheiro, um senso de inocência ou ingenuidade... (*Melody Maker*, Outubro de 88)

"Queria que fosse um disco completamente acústico, mas aqueles caras me trouxeram de volta à realidade e disseram: 'Dá um tempo'! Então, chegamos ao que os quatro queriam: muito barulho e muito silêncio." (*Melody Maker*, Outubro de 88)

"Eu queria que fosse um disco otimista. Não necessariamente feliz, mas otimista, para acabar com o cinismo fácil do mundo em que vivemos." (*Rolling Stone*, Abril de 89)

Out Of Time

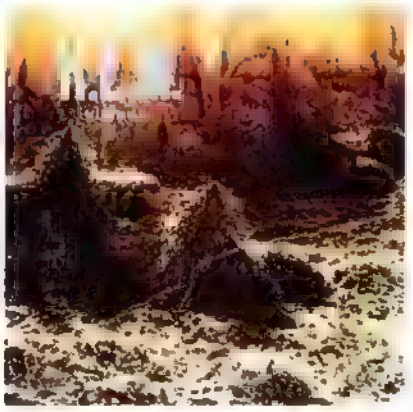
"Não é um disco de rock'n'roll. É um disco sobre memória, tempo e amor." (*Melody Maker*, Março de 91)

DISCOGRAFIA OFICIAL

MINI LP

CHRONIC TOWN (08/82, I.R.S.) *Produção: Mitch Easter & R.E.M.* Ainda sob a boa repercussão de seu single de estréia, o R.E.M. volta ao estúdio com Easter (Let's Active) para produzir estas cinco faixas que já prenunciavam a explosão criativa do primeiro álbum do grupo. Gravado em outubro de 81, o disco só foi lançado dez meses depois pelo selo *indie* I.R.S., com as músicas remixadas.

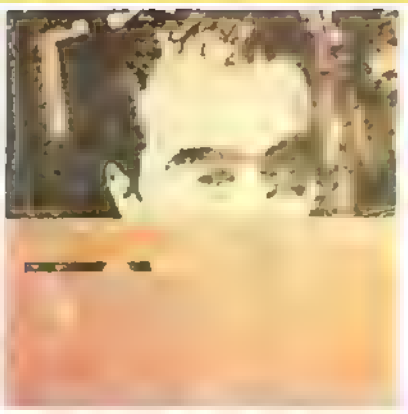
ÁLBUNS



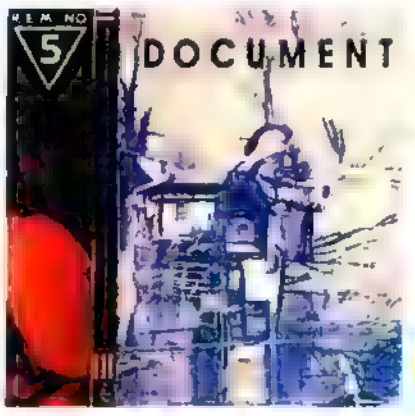
MURMUR (08/83, I.R.S.) *Produção: Mitch Easter & Don Dixon.* Há quase consenso em se afirmar que o álbum de estréia do R.E.M. é uma das obras-primas dos anos 80, que abriu perspectivas inovadoras para as *college bands* e todo o circuito independente. Mas, acima de tudo, é na soma da tradição do country rock com melodias e recursos não-convencionais, que reside o brilho perene destas doze canções.

RECKONING (04/84, I.R.S.) *Produção: Mitch Easter & Don Dixon.* Aqui se escancara a opção de Peter Buck pelo rock'n'roll, cuja urgência emoldura os versos enigmáticos de Michael Stipe. Faixas como "7 Chinese Brothers", "So. Central Rain" e "Pretty Persuasion" mostram uma *guitar band* consciente de sua musicalidade, tão singular e fluida como a recomendação da capa: "Arquive debaixo d'água".

FABLES OF THE RECONSTRUCTION/RECONSTRUTION OF THE FABLES (06/85, I.R.S.) * *Produção: Joe Boyd.* Mesmo com a assinatura do lendário produtor de folk rock inglês, este disco gravado em Londres não chega a decolar. Reflete um tempestuoso período que quase pôs fim ao grupo e soa confuso entre arranjos de cordas e metais, apesar das boas tiradas como "Old Man Kensey" e o hit "Can't Get There From Here".



LIFE'S RICH PAGEANT (07/86, I.R.S.) * *Produção: Don Gehman.* O título é uma citação repetida pelo personagem de Peter Sellers, o inspetor Clouseau. O som, nas mãos de Gehman (John Cougar, The Blasters) ganha em corpo, mas perde em sutileza e espontaneidade. Despontam as primeiras preocupações políticas em canções como "Fall On Me" e "Cuyahoga".

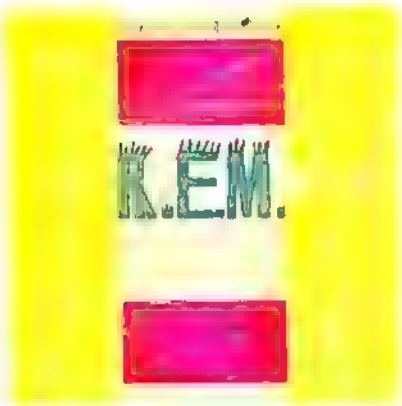


DOCUMENT (N.º 5) (09/87, I.R.S.) * *Produção: Scott Litt & R.E.M.* Peter Buck queria chamar este álbum de *Last Train To Disneyworld*. Com perfeita coesão a banda traça aqui um implacável painel dos EUA ("Welcome To The Occupation", "Exhuming McCarthy"), sem se esquecer do humor — em "It's The End Of The World As We Know It (And I Feel Fine)" — e do primeiro hit do grupo a atingir o *Top Ten* americano: "The One I Love".

GREEN (10/88, Warner) * *Produção Scott Litt & R.E.M.* No seu primeiro álbum numa grande gravadora, o quarteto logrou em manter a independência que sempre caracterizou seus trabalhos. Concebido no início como um projeto exclusivamente acústico, o LP acabou comportando boas intervenções elétricas como em "World Leader Pretend" e "Orange Crush", além das guinadas pop de "Stand" e "Pop Song '89".

OUT OF TIME (05 91, Warner) * *Produção: Scott Litt & R.E.M.* Abandonando a configuração de *guitar band* — em constante revezamento dos músicos por varios instrumentos —, o R.E.M. fez um disco com ênfase nos teclados, arranjos elaborados e ate uma seção de cordas. Incorporaram pela primeira vez participações especiais (Peter Holsapple, KRS-One, Kate Pierson), conseguindo um resultado arrebatador

COLETÂNEAS



DEAD LETTER OFFICE (04 87, I.R.S.) * *Produção: Varios.* Uma coleçao de *out takes, B sides* e covers (Velvet Underground, Roger Miller, Aerosmith, Pylon), que, longe de ter a unicidade de um álbum, mesmo assim consegue encantar pelo despojamento e crueza de várias canções (algumas retiradas diretamente de demos). A versão em CD original traz como bônus as cinco faixas de *Chronic Town*.

EPONYMOUS (THEY AIRBRUSHED MY FACE) (10 88, I.R.S.) *Produção: Varios* Um mês antes do lançamento de *Green*, a ex-gravadora do grupo editou esta compilaçao que reunia os hits de seus primeiros cinco albuns. Como atrações suplementares do disco, um *take* alternativo de "Gardening At Night", alem da rara versão de "Radio Free Europe", presente no single de estreia do R.E.M. pelo selo Hib Tone

*** Discos lançados no Brasil**

COMPACTOS

• "Radio Free Europe"/"Sitting Still" (07/81, Hib Tone) **• "Radio Free Europe"/"There She Goes Again"** (08/83, I.R.S.) **• "Talk About The Passion"/"Shaking Through"** (11/83, I.R.S.) A versão 12" inclui **"Carnival Of Sorts (Box Cars)"/"1,000,000" • "So. Central Rain (I'm Sorry)"/"King Of The Road"** (03/84, I.R.S.) A versão 12" inclui **"Voice Of Harold"/"Pale Blue Eyes" • "(Don't Go Back To) Rockville"/"Wolves, Lower"** (06/84, I.R.S.) A versão 12" inclui **"9-9"*/"Gardening At Night"***, ambas ao vivo **• "Can't Get There From Here"/"Bandwagon"** (07/85, I.R.S.) A versão 12" inclui **"Burning Hell" • "Wendell Gee"/"Crazy"** (10/85, I.R.S.) A versão 12" inclui **"Driver 8" ***, ao vivo **• "Fall On Me"/"Rotary Ten"** (09/86, I.R.S.) A versão 12" inclui **"Toys In The Attic" • "Superman"/"White Tornado"** (03/87, I.R.S.) A versão 12" inclui **"Femme Fatale" • "It's The End Of The World As We Know It (And I Feel Fine)"/"(This One Goes Out To) The One I Love" ***, ao vivo (08/87, I.R.S.) A versao 12" inclui **"Maps And Legends ***, ao vivo **• "The One I Love"/"Last Date" ***(11/87, I.R.S.) A versão 12" inclui **"Disturbance At The Heron House" • "Finest Worksong"/"Time After Time (Annelise)" ***, ao vivo (04/88, I.R.S.) A versao 12" inclui **"Finest Worksong (Lenghty Club Mix)" * • "The One I Love"/"Fall On Me"** (10/88, I.R.S.) A versão 12" inclui **"So. Central Rain" • "Stand"/"Memphis Train Blues" *** (01/89, Warner) A versão 12" inclui **"(The Eleventh) Untitled Song" • "Orange Crush"/"Ghost Riders" *** (05/89, Warner) A versão 12" inclui **"Dark Globe" * • "Stand"/"Pop Song '89 (Acoustic Version)" *** (08/89, Warner) A versão 12" inclui **"Skin Tight" ***, ao vivo.

* Faixas méditas em outros discos oficiais
Nenhum compacto foi lançado no Brasil

MISCELÂNEA

MICHAEL STIPE Fez vocais em três faixas do LP *Visions Of Excess* (85, Celluloid, lançado no Brasil pela BMG-Ariola), do grupo nova-iorquino The Golden Palominos. Cuidou parcialmente da produção do álbum *Drum* (87, Relativity), de Hugo Largo, ao mesmo tempo que participava de uma faixa ("A Campfire Song") no LP *In My Tribe* (87, Elektra, lançado no Brasil pela WEA), dos 10,000 Maniacs. Em 88, gravou com a cantora do grupo, Natalie Merchant, uma canção — "Little April Showers" — incluída num álbum em tributo a Walt Disney. Também fez *backing vocals* em "Kid Fears", faixa do disco de estréia das Indigo Girls (Epic, lançado no Brasil pela Sony), além de produzir *Make Dubouti* (Texas Hotel), primeiro LP do grupo de Athens, Hetch Hetchy — que, ao contrário do divulgado, não conta com a presença da irmã de Stipe, Lynda. Tambem trabalhou com outras bandas de sua cidade natal, como Girl Group Swell, Opal Fox Quartet e Beggarsweed, antes de começar em 89 um projeto de álbum solo — sob o título provisorio de *Fields Recording* —, que até agora não foi concluído. Este ano, Stipe produziu algumas das canções do álbum de estréia do duo The Chickasaw Muddpuppies, além de ter participado das gravações do disco *The Greenhouse Effect*, com KRS-One.

PETER BUCK Tocou guitarra na faixa "Wind Out", do LP *Speed Connection II* (85, I.R.S.), da banda nova-iorquina Fleshtones. Também participou dos álbuns *Globe Of Frogs* (88, A&M), de Robyn Hitchcock And The Egyptians, e *Open All Night*, (88, Elektra), dos Georgia Satellites, além de ter atuado em gravações de uma banda de Atlanta (Drivin'n'Cryin') e produzido algumas faixas do primeiro LP do Run Westy Run, grupo de Minneapolis. Em 90, tocou dulcimer na faixa "World Falls", do segundo álbum das Indigo Girls — *Nomads * Indians * Saints* (Epic, no Brasil pela Sony).

BILL BERRY Participou da produçao de um álbum *(New Experience)* do compositor de Athens, Michell Malone, além de ser o único membro do R.E.M. a ter um single solo: "My Bible Is The Latest TV Guide", editado em 88 pelo selo local Dog Gone.

MIKE MILLS Em 83, colaborou com a produçao de um álbum para o grupo de Athens, Billy James, chamado *Six Sixes And Sevens*

BERRY & MILLS Juntamente com Warren Zevon, gravaram o single "Gonna Have A Good Time Tonight" (85, Virgin), que daria início à colaboração de ambos — depois seguida por Buck — com o compositor

BUCK, BERRY & MILLS O trio acompanhou Warren Zevon no LP *Sentimental Hygiene* (87, Virgin), alem de ter participado da faixa "Tried To Be True", do álbum de estreia homônimo das Indigo Girls (88, Epic, lançado no Brasil pela Sony). Como resultado dos trabalhos com Zevon, tambem foi lançado em 90 um LP com *out takes* daquelas sessões, intitulado *The Hindu Love Gods*, na verdade um dos primeiros nomes sugeridos para o quarteto de Athens.

R.E.M. No ano passado, a banda participou da coletânea *When The Pyramid Meets The Eye: A Tribute To Roky Erickson*, em homenagem ao compositor texano. Em 91, depois de gravar "First We Take Manhattan", para uma compilação francesa dedicada a Leonard Cohen, o quarteto prepara-se para editar um EP apenas com covers de canções do grupo inglês The Troggs, um dos fetiches musicais de Peter Buck

C.P.

LÍDER & GURU

"As pessoas acham que eu tenho algum tipo de resposta. Estou questionando as coisas de uma maneira diferente, mas a verdade é que estou tão perdido quanto todo mundo." (*Melody Maker*, Setembro

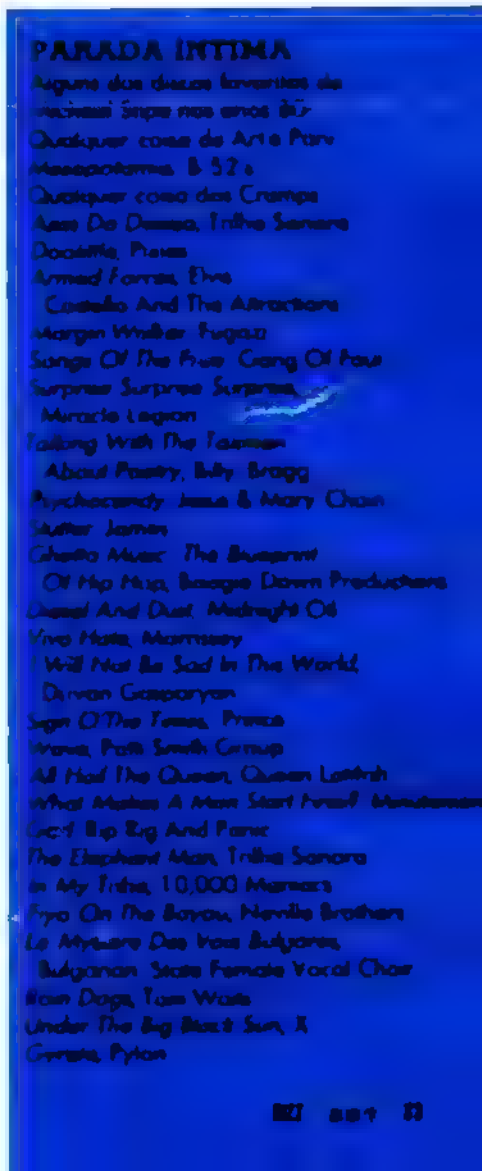
"Quando estou no palco, passa pela minha cabeça uma porção de teorias sobre o comportamento das massas, é assustador. Pode ser algo útil se o líder for Martin Luther King, mas apavorante se for Hitler." (*New Musical Express*, Abril de 88)

"Muitas vezes me questiono sobre o que levo a me expor dessa forma. Nunca tive uma resposta. Tenho apenas 28 anos. Não tenho respostas para nada, estou so perguntando, como todo mundo." (*Melody Maker*, Outubro de 88)

"No começo, gostava de ser um músico, mas não queria ser uma figura pública. Nos últimos anos, decidi aceitar isso. Admito que gosto do processo, de me vender como um produto. Mas nao é como vender um utensílio, quem está a venda sou eu! Minha voz, minhas ideias, nossa música. Eu aceitei isso." (*Musician*, Abril de 91)

"Continuo achando que música e politica não se misturam, e como água e óleo. Mas, maldição, eu tenho que tentar!" (*New Musical Express*, Agosto de 89)

"Deviamos ser obrigados a votar, toda vez que existisse a possibilidade de uma guerra. Quem votasse a favor, estaria concordando em ir para a guerra. Queria ver quantos desses defensores da guerra iam realmente se armar e ir à luta." (*Q*, Abril de 91)



MUQUIFO FELIZ

Um show único, em todos os sentidos

Imagine um show de diretório universitário: teatrinho furreca, cadeiras em diversos estágios de deterioração, ar condicionado nem pensar, calor infernal, uma cortina azul-piscina à guisa de cenário, luzes brancas chapadas à guisa de light show. Imagine uma multidão acalorada e feliz, participante, animada, pontilhada de familiares, cervejas e o ocasional baseado. Imagine um apresentador alegremente confuso, amassando e desamassando uma pilha de papéis em que, deduz-se, está seu roteiro, e eventualmente perguntando, perplexo: "Mas quem mesmo vai entrar agora?" Imagine uma sucessão de bandas sem aparentemente coisa alguma em comum, a não ser o óbvio prazer de estar ali — sem números de abertura, sem coreografia, mas com uma dose abundante de pronunciamentos políticos de todo tipo e matiz. E imagine que uma dessas bandas está no primeiro lugar da parada do maior mercado do mundo, o americano. Que, em um mês, já vendeu um milhão de cópias de seu último LP. E que, no meio de um de seus sets, eles param tudo porque o cantor grita: "Peraí, peraí, em que tom nós estamos mesmo?"

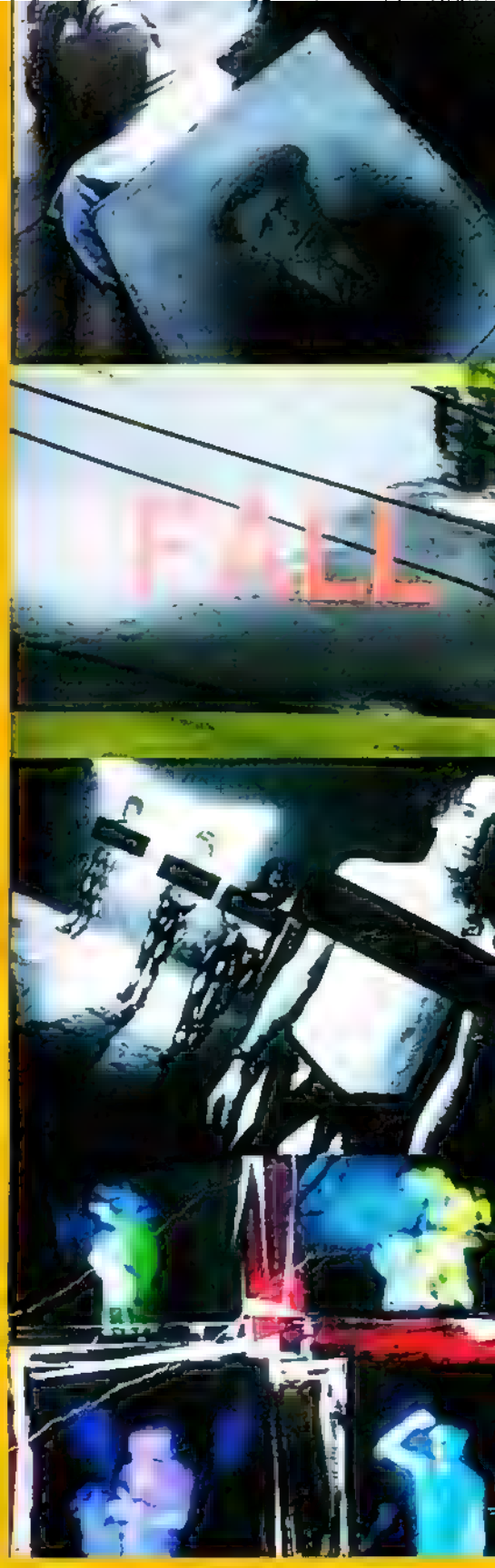
Pois você acaba de imaginar não apenas um concerto do R.E.M., mas o único show ao vivo do R.E.M. em solo americano neste ano da graça de 1991. Um ano em que os rapazes de Athens decidiram tirar férias dos palcos, em que suas poucas apresentações foram em Milão, na Itália, e nos estúdios da MTV em Nova York (para o programa *Unplugged*). "Eu sei que parece incrível, mas foram eles que nos procuraram", disse, depois do show, um exultante e exausto Larry Groce, o apresentador/produtor da série de concertos Mountain Stage, promovida pela rádio pública de Charleston e escolhida pelo R.E.M. como palco de sua rara performance americana. "Existe uma coerência notável neles — eles acreditam na causa da rádio pública ao ponto de subsidiarem a estação pública de Athens. Então foi coerente que eles se apresentassem aqui."

Coerente, sim. Mas nem por isso menos extraordinário. No estágio atual de sua carreira, o R.E.M. não apenas pode se dar ao luxo de tirar um par de anos de férias como, se quiser, escolher qualquer teatro ou arena dos Estados Unidos para um show — e enchê-lo até transbordar. Mas optou por dar uma força à série de concertos Mountain Stage, promovida pela rádio pública de Charleston e colocada no ar através da rede de rádios públicas dos Estados Unidos. É uma série militante, modesta, mas nem por isso jeca: nomes do calibre de Michelle Shocked, Thomas Mapfumo, Terrance Simien, Lava Hay e até o nosso bom Hermeto Paschoal estão programados para os próximos domingos. E, na mesma tarde em que o R.E.M. exercitava seu charme georgiano, Billy Bragg e Robin Hitchcock dividiam igualitariamente o palquinho azul-piscina do Cultural Center — um nome pomposo para um velho teatro de variedades no centro de Charleston, a modesta capital de um dos estados americanos mais pobres.

E, se o clima da série é funky e descontraído quase até o caos, tanto melhor: uma das doenças que está matando — se é que já não matou! — o rock, como nossos antepassados o conheciam, é justamente a previsibilidade, a superprodução, o light show, a fumaceira, a coreografia, a arena que reduz qualquer banda ao status de caríssimo circo de pulgas. Em Charleston, na tórrida tarde de 28 de abril, as coisas tinham uma perspectiva humana: o ingresso custava quatro dólares, a platéia gritava sugestões para as bandas (o R.E.M. atendeu duas, tocando "Swan Swan H" e "Monument"), todos podiam errar — e corrigir seus erros. De volta ao palco, depois de um intervalo, Michael Stipe desfechou: "Olha, nós ferramos a primeira interpretação de 'Radio Song', por isso vamos fazer de novo, tá?" Havia também uma perspectiva social: o R.E.M. estava a poucos quilômetros de casa, no mesmo vale do Rio Ohio (*Cuyahoga*, na língua indígena e em uma de suas canções), numa comunidade não muito diferente de Athens. Uma cidade mineira, circundada por universidades e fábricas, lutando para preservar o que ainda resta de seu equilíbrio ecológico. "A fábrica Dupont é linda de noite, toda iluminada", Stipe comentou, descrevendo sua chegada, de carro, a Charleston. "Que pena. Que ironia." Inteiramente acústicos, trocando de instrumentos a toda hora, os cinco REMs (Peter Holsapple agora é um REM em tempo integral, ainda que honorário) fizeram um show basicamente idêntico ao do programa *Unplugged* — tudo de *Out Of Time*, mais alguma coisa de *Green* e *Document* —, só que muito mais solto, quente e aberto. Aberto aos pedidos do público, à participação de outros músicos (uma violinista local acompanhou quase todos os números; Stipe cantou com Billy Bragg duas de suas músicas; Robin Hitchcock e Bragg se incorporaram entusiasticamente à interpretação de "It's The End Of The World As We Know It").

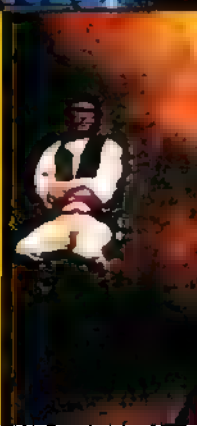
No final da tarde, o jovem governador da Virgínia Ocidental e sua ainda mais jovem mulher subiram ao palco para entregar um diploma à banda, declarando o dia 28 de abril, oficialmente, "Dia do R.E.M.". Em qualquer outro lugar, outras circunstâncias, isto seria um dos momentos mais embaraçosos da carreira de um artista. Não em Charleston: a platéia ululuou, Stipe enxugou uma lágrima furtivà e Peter Buck ergueu o diploma bem alto. Depois do show, mãos trêmulas, ele confessou: "Ficamos chapados de emoção. Foi muito bonito. Nos sentimos recompensados por nosso trabalho nesta comunidade".

ANA MARIA BAHIANA



Fotos Rui Mendes

R.E.M. em clips: de cima, o encanto de "It's The End...", letreiros em "Fall On Me", uma brincadeira com a censura em "Pop Song '89", colagens em "Get Up". E o fenômeno de "Losing My Religion"



OLHOS EM MOVIMENTO

Parte importante na imagem construída pela banda pode ser creditada aos videoclips, alguns dirigidos pelo próprio Stipe. "Losing My Religion" é peça fundamental na *invasão R.E.M.* e confirma algumas regras... pela exceção

Os vídeos do grupo sempre seguiram alguns princípios — um deles é o de não haver necessariamente uma relação direta entre música e visual. O ritmo da edição, por exemplo, pode entrar diretamente em choque com o ritmo da música — um confronto que faz supor um ritmo resultante. É o caso, para citar um entre os vários, de "Finest Worksong", que Michael Stipe dirigiu (além desse, ele realizou "Can't Get There From Here", "Driver 8", "Fall On Me" e "Pop Song'89"). Na montagem, o ritmo usado pelo cantor corresponde à uma batida mais veloz que foi mixada subliminarmente na música, numa freqüência alta o suficiente para não ser captada pelo ouvido humano!

Outro clássico é a pequena obra-prima "It's The End Of The World As We Know It (And I Feel Fine)", dirigido por Jim Herbert. Jim, que foi professor de Stipe na Universidade da Geórgia, é sua influência confessa. No vídeo, estamos no fim do mundo e um garoto se sente maravilhosamente bem numa casa isolada de tudo — tão bem, na verdade, que parece não se dar conta de que está num vídeo e de que há uma música tocando. Para quê? É a expressão máxima da aversão de Stipe (e, deduz-se, de Buck, Mills e Berry) pelo tipo convencional de clip, em que o centro é o vocalista e seus lábios sincronizados com a música.

Esse, aliás, é o princípio abandonado com o vídeo para "Losing", atração da MTV, em que Stipe, pela primeira vez, é o foco das imagens, em toda sua elegância bizarra. O clip foi realizado por Tarsem, o diretor hindu de vanguarda responsável também por "Love", do Dream Academy. E o fato de Stipe estar tão presente é porque quer, cada vez mais, dirigir-se ao seu público, sublinhar as letras não apenas com uma boa articulação das palavras (até há pouco o que cantava era freqüentemente incompreensível), mas também com gestos...

Essa sua preocupação didática fica evidente também no seu trabalho à frente da produtora C-Hundred Film Corporation, sem fins lucrativos, que montou com Jim McKay (seu eventual colaborador na concepção de capas e encartes). Os filmes — para ampla divulgação pública — falam de aborto, de como fazer sexo sem perigo, e também de agrotóxicos e outras questões ecológicas. Stipe também se encarregou da direção e edição de *Tourfilm*, que registra a turnê de lançamento de *Green*.

Mas se o clip de "Losing My Religion" impressiona pela nitidez — substituta das colagens, sobreposições, descontinuidade e recursos experimentais dos vídeos antigos —, também é certo que o R.E.M. não abriu mão da coerência. Se lhe falarem em "renascimento do rock", pode crer, é verdade. *DANIEL BENEVIDES*

AQUI ESTÃO AS PESSOAS QUE ACREDITAM NA MÚSICA

METEORO
AMPLIFICADORES

Tagima®
GUITARRAS E BAIXOS

CHORUS® Pedals

IBOX®

P.A.
INSTRUMENTOS MUSICAIS
Televendas 24 horas (011) 282-565
R. Teodoro Sampaio, 763 - lj. 9

Primor®
BATERIAS

Beat Strong®
PEDAIS P/ BATERIAS

ESCOLA DE BATERIA
DUDA NEVES
Rua Roque Petroni Junior, 144 - Santo Amaro - Tel.: 532-1564
Métodos por Correspondência
Caixa Postal 21321 - S.P.

PINHEIROS, O MAIOR BAIRRO MUSICAL DO BRASIL.
AQUI VOCÊ SEMPRE ENCONTRA AS PESSOAS QUE VIVEM A MÚSICA.

SHABBA RANKS

subindo no

ranking

dancehall é digital e duro na queda. A tecnologia, cada vez mais acessível e aprimorada, permitiu um som em nível dos padrões do pop internacional. Os principais promotores do novo formato foram os produtores Augustus "Gussie" Clarke e a dupla Steely & Clevie, estes apelidados de o Sly & Robbie do dancehall. A música jamaicana nunca foi tão pesada no ritmo e agressiva, tanto que agora faz muito sucesso em círculos dance e hip hop. O estilo rastafari está *out*. Embora a mudança seja radical, segundo Shabba, "não existe qualquer rivalidade entre a nova geração dancehall e os velhos rastas".

Shabba Ranks explica seu nome: "É uma homenagem à Rainha de Sabá" (idolatrada pela cultura rastafari. O rasta supremo Hailé Selassié declarava-se descendente dela). O uso do Ranks no nome já é uma prática comum entre DJs jamaicanos (Cutty Ranks, Nardo Ranks). Vem de ranking e significa que o DJ está na competição para valer.

Shabba Ranks é o mais forte candidato a líder dessa disputa para os próximos anos. A concorrência intensa da prolífica e populosa cena de dancehall não é páreo para quem vem arregimentando nos últimos quatro anos uma crescente multidão de admiradores, especialmente mulheres.

Shabba começou sua carreira como DJ aos quinze anos, em 79, com o single "Heat Under Sufferer's Feet", que ele assinou como co-piloto. Com seu fracasso, Shabba se dedicou ao toast (o rap da Jamaica) e à discotecagem em vários *sound systems*. Seu jeito para a rima logo foi sendo divulgado via fitinhas piratas ao vivo. Em 87, finalmente voltou a gravar. Nos últimos dois anos, Shabba lançou um pouco mais que cinqüenta singles, todos hits nas paradas de reggae. Indo de um lado para outro, entre infinitas parcerias e trabalho com as principais equipes de produção da Jamaica, o vinil veio de baciada.

O que lhe deixava sem tempo para gravar um LP. A primeira tentativa foi do produtor King Jammy, em 88, que montou *Rough And Rugged*, com seis raps de Shabba e seis de Chaka Demus. O estouro internacional veio com o single "Who She Love" (fim de 88), em parceria com Cocoa Tea e Home T. Foi primeiro nas paradas reggae da Jamaica, Nova York, Londres, Toronto e Miami.

Best Baby Father foi o primeiro álbum todo dele, lançado em setembro de 89 e pilotado por Bobby Digital. No ano passado, Shabba foi trabalhar no Music Works, de Gussie Clarke, um encontro que tinha que acontecer, mais cedo ou mais tarde.

Sony

Bob Marley e Peter Tosh estão mortos. Jimmy Cliff está no Brasil. Yellowman e Gregory Isaacs já eram. Os Wailers viraram os Rolling Stones do reggae (no mau sentido da comparação). Levando em conta que o reggae hoje está quase que todo

Sony

dominado pelo dancehall, a BIZZ está apostando todas as suas fichas em Shabba Ranks como seu novo monarca. De Kingston, numa péssima ligação, o aspirante falou à BIZZ. Publicamos os trechos que conseguimos recuperar.

Daí saíram seus sucessos mais conhecidos: "Twice My Age", junto com a cantora Krystal, e "Pirates' Anthem", com Cocoa Tea e Home T. Outros singles bem-sucedidos e LPs como *Wicked In Bed*, *Golden Touch* e *Rapping With The Ladies* — cujas faixas são parcerias com cantoras, principalmente de *lovers rock* (baladas), como Deborahe Glasgow e JC Lodge — estabeleceram de forma massiva a figura de Shabba.

Na Inglaterra sua popularidade chegou a extremos. Um show no Brixton Academy, em Londres, superlotou. Descoladinhos como Caron Wheeler e Aswad ficaram de fora. Fãs barrados depredaram tudo, alguém jogou uma bomba de gás lacrimogênio na platéia e um homem de 53 anos foi ferido a tiros. Outra: quando Shabba se atrasou para uma tarde de autógrafos na Tower Records, também em Londres, mais fãs frustrados promoveram vandalismo e roubo na loja, deixando um prejuízo de seis mil libras (12 mil dólares). "Abomino totalmente qualquer violência. Lamento que isso tenha acontecido"

No famoso festival de reggae Sunsplash, no ano passado, o público esperou ansiosamente, show após show, até as oito da manhã, para ver Shabba. Foi quando o astro aterrissou de helicóptero no palco. E, é lógico, levantou até o mais morgado dos espectadores.

Recentemente, Shabba deu seu primeiro passo dentro do *mainstream* pop. Gravou um single com o Scritti Politti, grupo pop inglês de um homem só, Green Gartside. O resultado foi uma bizarra versão de "She's A Woman", dos Beatles. Rolaram comentários na linha do clássico "fulano se vendeu"?

"Isso sempre rola, mas quem conhece Shabba Ranks sabe que é besteira. Não preciso de ajuda para entrar na parada pop. Da próxima vez vai ser sozinho."

Shabba Ranks não tem tranças longas, não pertence ao culto rastafari, usa muito ouro pendurado e rapeia com fúria e sem papas na língua. Seu assunto predileto é sexo. No final do ano passado assinou um contrato mundial com a Epic/Sony, no valor de um milhão de dólares. É o maior contrato de um artista de reggae desde que Bob Marley fechou com a Island, no início dos 70.

Ele aproveita para mandar "paz para todo o povo do Brasil. Vocês têm que ouvir meus discos aí".

Shabba Ranks parece estar com tudo em cima para levar sua antodefinição: "Eu não sou uma estrela, sou uma galáxia".

CAMILO ROCHA

SIMPLE MINDS

Sucesso é PAI

Não. É trabalho duro, muito esforço, mais sorte e destino. Palavras do homem que quer apenas ser um "compositor útil": JIM KERR

Jim é uma dessas pessoas que acreditam que a música pop e o rock são ótimos veículos para a política. "Não se você disser: 'Agora vou sentar e escrever uma música política!' ", ele exclama. "Mas se você disser: 'Vou tentar entender a época e o mundo em que vivo, vou fazer perguntas dentro da minha música', aí sim... você acaba tomando uma direção política. A arte — a boa arte — sempre inspirou pessoas e serviu para acabar com a dor, mas também funciona como informação. Para mim, este é o melhor tipo de entretenimento."

A história dos Simple Minds mostra que Jim não está simplesmente falando da boca para fora: desde sua performance na ponta americana do Live Aid em 85, a banda tem trabalhado sempre com organizações não só beneficentes como abertamente políticas, incluindo a Anistia Internacional e a campanha Cash For The Kids. Em 88, os Simple Minds tomaram parte do show em comemoração do septuagésimo aniversário de Nelson Mandela, e dois anos depois estavam no Wembley Stadium, desta vez para celebrar a liberdade recém-adquirida do militante sul-africano. Foi nessa ocasião que Jim Kerr, de repente, se viu no meio de uma briga com seu velho ídolo, Peter Gabriel, para decidir quem iria tocar por último.

Talvez este encontro tenha levado Jim a tomar uma atitude mais leve em relação à política: "É apenas música! Se você não gostar, ouça outra. Tem gente que compra discos do Sting, Peter Gabriel, Bob Marley... e tem gente que quer dançar *vogue*".

"O que eu acho assustador é que as pessoas não querem que os pop stars digam a elas o que fazer, mas não se importam quando estas pessoas lhes dizem para tomar Pepsi!" Jim tem seus momentos de cinismo, mas é aí que se lembra de seu encontro com Nelson Mandela, numa pequena sala em Wembley, com mais cinco ou seis pessoas: "Ele nos disse que, quando estava quase perdendo a esperança, eram sempre as vozes dos artistas que o encorajavam. Para mim isso basta".

O décimo LP de estúdio da banda, porém, marca uma virada significativa na carreira recente dos Simple Minds. *Real Life*, como o próprio título sugere, é um retorno a temas mais íntimos. "Depois das questões mais sociais e políticas de *Street Fighting Years*, voltei a escrever sobre emoções pessoais. Acho que foi porque ficamos felizes com o resultado final de *Street Fighting Years*. Musicalmente, e em termos de letras, esse foi um disco bem completo, e não sentimos necessidade alguma de repeti-lo." *Real Life* foi inteiramente composto por Jim e seu guitarrista, Charlie Burchill. Após a saída de Michael McNeil no ano passado, os dois são os únicos membros fundadores ainda presentes, e o Simple Minds hoje em dia funciona mais como um núcleo (Jim e Charlie) cercado de músicos — o baterista Mel Gaynor (há nove anos no grupo), o baixista Malcolm Foster (há três) — do que como "banda", no sentido mais tradicional da palavra.

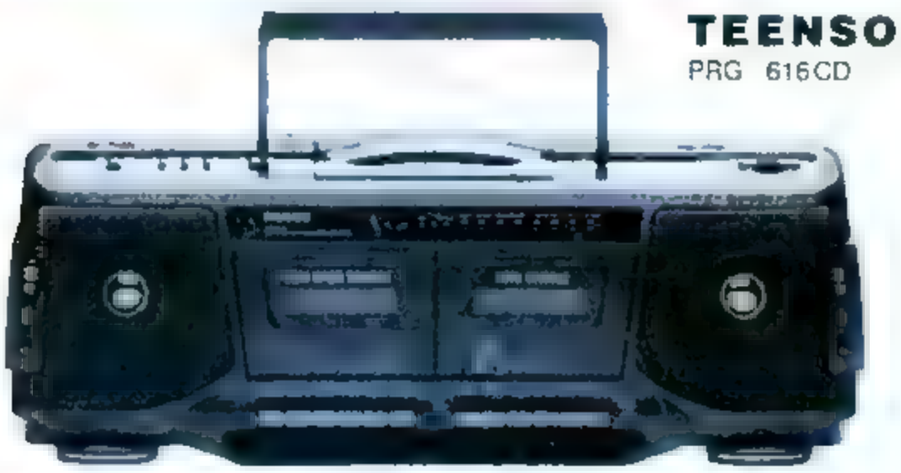
Este ano, o ex-empresário do grupo, Bruce Findlay — de quem se separaram em 90, devido a opiniões divergentes sobre assuntos financeiros —, declarou à revista *Q* que "os Simple Minds estão com fome de sucesso: isso agora é um obsessão para eles". Mas Jim Kerr parece achar que "sucesso" não é uma palavra tão suja assim. "Esse comentário dele me machucou", admite. "Não só porque é o roto falando do rasgado, mas... que sucesso? Os Simple Minds já tiveram sucesso. Se nunca vendêssemos nenhum outro disco em nossas vidas, não teríamos do que reclamar. O que é sucesso? Sucesso é escrever uma música que afeta as pessoas, que as faz sentir bem? Eu tenho fome disso? Acho que tenho, sim. Quero ser um bom compositor, um compositor útil. Nós entramos nessa sem esperar nada. Não tínhamos idéia do que iria acontecer, e nada te prepara. O que te pode preparar para subir ao palco no Wembley Stadium? Nada! Você tem que simplesmente fazê-lo. E quando as pessoas falam de sucesso, eu imagino que elas estejam falando de algum alvo, um objetivo. De quantas casas você precisa? Quantos carros? Sim, eu quero sucesso... mas como amigo, como pai, como compositor, como ser humano. Tem gente, melhor do que nós, que nunca conseguiu nem um contrato com uma gravadora. Então, o que é sucesso? Acho que tem muito a ver com trabalho duro e esforço, mas também com sorte e destino. Eu até entendo... o cara que disse isso, Bruce, é uma pessoa legal, ele foi como um mentor para mim, e a separação não tem sido fácil."

Para os "monstros sagrados" dos anos 80, não deve ser fácil entrar para a década seguinte. Alguns dos contemporâneos dos Simple Minds, como o R.E.M. e o Depeche Mode, fizeram esta passagem de maneira triunfante. Outros, como o U2, ainda não botaram a cabeça para fora da toca. Mas Jim se recusa a tentar seguir as modas e movimentos do mundo pop. "Eu não tento ficar por dentro do que está acontecendo — e, ao dizer isto, não estou tentando parecer *blasé (risos)*. Se eu tivesse dezesseis anos, talvez tivesse várias coisas a dizer sobre o estado atual da música popular. Mas não tenho, e isso não me envergonha. Um jornalista me perguntou se eu achava que estávamos vivendo uma crise musical... Crise é uma palavra um pouco forte demais em se tratando de música pop. Há uma crise em Bangladesh atualmente... não confunda as palavras *(risos)!*"

Quando conversamos, os Simple Minds estavam ensaiando intensamente para uma turnê mundial, começando na Grã-Bretanha no final de maio. Jim, que adora sair pelo mundo tocando, espera que a turnê chegue ao Brasil. "Só a palavra 'Brasil' já desperta uma sensação maravilhosa para a maioria das pessoas. Foi uma grande honra, para nós, tomarmos parte daquele festival *(o Hollywood Rock 88)*. Eu gostaria de poder tocar em mais cidades. Mas adorei... só não sei se tocamos muito bem. Prometo que da próxima vez estaremos muito melhor!"

ANAMARIA G. DE LEMOS

AVRÃO?



TEENSOUND LASER

PRG 616CD

Você não precisa mais sair de casa cantarolando a última música que ouviu antes de desligar o seu CD player.

Com o Teensound Laser Philco, você leva para onde quiser a altíssima qualidade de reprodução digital.

E ele aproveita pra levar junto um duplo-cassete e um receptor para FM stereo e AM.

COM O LASER,
O SOM CHEGOU À PERFEIÇÃO.
COM O TEENSOUND LASER,
O SOM TAMBÉM CHEGA
AO TRABALHO, AO CLUBE
E AONDE VOCÊ QUISER LEVAR.

Você não perde nenhum detalhe: o Teensound Laser emite 40 watts de potência (PMPO) bem balanceados pelo equalizador gráfico de 3 bandas. Tem memória para seleção de suas faixas prediletas, repete a execução do disco e tem as funções search e skip, que possibilitam rápido acesso a qualquer faixa ou a localização de trechos de uma determinada faixa.

Teensound Laser. Já que o som chegou tão longe, não deixe de ter o seu por perto.

PRA QUEM ENTENDE DE SOM.
E DE LIBERDADE.

PHILCO
HIGH TECHNOLOGY

RONI

DA NAS ONDAS

Ou de como o DJ JOEY RAMONE animou a noite paulistana, movido a rock, cafezinho melado e bom-pracismo

Jorge Rosenberg Azul

Foi assim uma coisa muito louca, saca, cara... e a culpa é toda do Barcinski, esse carioca escroto. Era maio e eu estava tranqüilo curtindo minha senilidade precoce; induzida por três anos de trabalho direto, me sentindo um velho caquético, pronto para me filiar ao Touring, ao PFL, à Beneficência Portuguesa e à Golden Cross. Era uma vida boa, sabe, me arrastar do trabalho para casa, com uma ou outra bebedeira ou disk-pizza nos intervalos... mas o destino, esta força elemental e misteriosa, me reservava ao menos mais um momento de glória.

Estava, como dizia, acometido de monumental apatia quando de repente, não mais que de repente, me vejo passando uma noite com uma divindade do rock... o tio torto do punk, aquele que Debbie Harry chamou de "o ser mais sensual na face da Terra"... Yes!!! Passei uma noite de delícias com Joey Ramone. Mordam os cotovelos de inveja, porcos.

Deixe que digam, que falem... o fato inegável é que passei horas e horas na intimidade de Joey Ramone, que para sempre ficarão indelevelmente guardados em minha memória. Principalmente quando no dia seguinte Joey dedicou uma música só para mim, no meio do show... bom, não foi bem assim, a dedicatória de "Pet Sematary" foi para nós todos... mas estou botando o carro na frente dos bois, e assim a coisa não anda. Isto é uma porra de matéria para a BIZZ, para a qual eu estou atrasado duas semanas, e não o meu querido diário... nem o *Planeta Diário*... e se eu não quero ser acusado de egocentrismo masturbatório, deturpação da verdade e arrogância injustificada, é bom ir logo aos fatos... sou, acima de tudo, um profissional.

Minha aventura começou quando André Barcinski, ex-repórter policial, ex-fotógrafo, ex-dirigente da torcida do Fluminense e atualmente talvez o jornalista cinemato-musical da imprensa diária paulistana com mais ataque, ufa, entrevistou Joey Ramone para a *Folha Ilustrada* por telefone, antes de Joey vir para cá. Claro que o popular Barça aproveitou para convidá-lo a participar do seu programa de rádio... só que ele ainda não tinha um programa de rádio, ou melhor, estava entre um programa (o *Caixa Preta*, que parou de fazer porque deixou de ser ao vivo, sabe como o Barça é, gosta daquele contato direto com o povão) e outro, para o qual foi convidado por este que vos fala.

Quem não quer ter um programa de rádio? Eu sempre quis — só que não saco nada, então resolvi fazer uma parceria com o Barcinski, que tinha experiência.

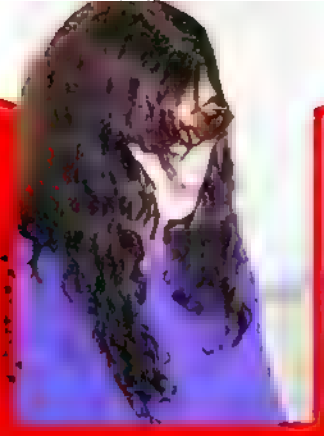
Numa daquelas baitas coincidências de que sempre nos falava o Jung, calhou do Joey amar rádio, ele também sempre quis ter um programa de rádio, tanto que acabou tendo mesmo — até outubro do ano passado, quando sei lá por que seu programa em Noviorque dançou. Portanto Joey estava com fome de bola, e topou fazer o programa na boa.

Não botei muita fé não, sabicumé, jornalismo diário esgota o saco e a energia, fiquei naquela "imagina, é boiada demais".

Pois não é que o desgraçado do Barcinski tanto que encheu o saco de todos os envolvidos — promotores, empresários etc. — que acabou rolando mesmo. Há uma lição aqui, rapazes. Mirem-se neste exemplo de tenacidade ou recolham-se a seus cantos mofentos como as lesmas que são.

E agora chega aquele momento em que é preciso descrever o que rolou depois do segundo show dos Ramones, numa quarta. Durante as quatro, quatro, quatro horas em que Joey Ramone esteve discotecando na rádio Brasil 2000 FM, entre uma da manhã e as *fucking* cinco e meia, o dia quase raiando quando a gente botou o cara no carro e levou ele para o hotel. É obrigatório dizer que Joey Ramone não bebeu, não fumou, foi extremamente gentil e não queria mais parar de fazer som, nem ir embora. Dissemos "quando você quiser, a gente encerra". E ele: "não, tá tudo bem, vamos tocar mais umas músicas". *Unbelievable.*

Joey Ramone ficou fascinado com a) as dezenas de discos obscuros que levamos para o cara tocar; b) o pique dos ouvintes, que ficaram ligando até a matina e fazendo perguntas; e c) o café doce demais da Brasil 2000, o qual sorveu ininterruptamente até que acabasse tudo, término es-



QUATRO HORAS E MEIA DE RÁDIO

Todas as músicas foram escolhidas e comentadas por Joey Ramone, entre o catalogo da Brasil 2000 FM de [illegible] e CDs que levamos. Cobre do início dos anos 60 a 91, com ênfase no final dos 60, glitter rock e punk. A lista está na ordem e com os intervalos [illegible]

SET 1 — Rock'n'roll

Ramones" Motorhead
Ignorance Is Bliss" Ramones
TV Eye" Stooges
Os Stooges soltavam a fera que existe dentro das pessoas"]

SET 2 — Mais rock

Trash" New York Dolls
Hooverbear" AC/DC
[illegible]
Search And Destroy" Stooges
God Save The Queen" Sex Pistols
Love Kills" Ramones
Essa é do Dee Dee. Iamos arrasar pq era uma Sid And Nancy, mas aquele Alex Cox é meio maluco, né?]

SET 3 — Mais rock ainda

Ace Of Spades" Motorhead
"Cesspools In Eden" Dead Kennedys
"Can Your Pussy Do The Dog?" Cramps
End Of The World" X
Psychotherapy" Ramones
"Welcome To The Jungle [illegible]
[Essas duas tinham que ser tocadas [illegible] um mundo esgrota lá fora, mas temos que segurar a onda. We're making the best of it"]

SET 4 — Intervalo abobrinha

Tema do Picapau
Somebody Put Something In My Drink" Ramones

SET 5 — Glitter, parte A

Cum On Feel The Noize" Slade
Os maiores, os mais barulhentos na época]
Rock On" T. Rex
[Chegamos a conhecer Marc Bolan que era joia. Foi numa festa, todos os punks estavam lá. John Lydon tentou [illegible]

School's Out" Alice Cooper
[Meu herói. Minha primeira [illegible] minha primeira banda, o Sniper, em 73. O cara mais novento na época]
Satellite Of Love" Lou Reed
[Prefiro as coisas sc[illegible] Velvet. Berlin é uma obra prima]
Mama Weer All Crazy Now" Slade
[illegible] e Warmest [illegible]]

SET 6 — Baladas

[illegible] mas expandindo sua mente para c[illegible] s as mais legais]
Jealous Guy" John Lennon
[illegible]
Set Me Free" Kinks
[illegible]

SET 7 — 60, 70, 70, 60

[illegible]

SET 8 — The end

Three Days" Jones Affair
Looking At You" MC [illegible]
All The Young Dudes" Mott The [illegible]
Starman" David Bowie
[É do Ziggy Stardust que é um fa[illegible] que ho[illegible] pi[illegible]]

AUTO-RETRATO

"No fundo sou um cara bem sentimental... (*rindo*) quer dizer, tenho porradas de lados diferentes. O que acho saudável, e um deles é bem romântico. Tanto que adoro baladas".

A SAÍDA DE DEE DEE

"Outro dia eu e CJ, o novo baixista, fomos ver um show de Dee Dee com sua nova banda. Fazia um ano que eu não falava com ele, desde que ele saiu. O show era de Dee Dee Ramone And The Spiky Tops — a banda acabou desde então. Conversamos e... quer saber? Chegamos à conclusão de que a saída foi boa para ele e para os Ramones. Somos amigos de novo".

DROGAS

"Sempre achamos que Johnny Thunders iria morrer de overdose, mas quando realmente aconteceu, fiquei chocado. Ele tinha largado tudo, e agora é que estávamos ficando amigos, apesar de nos conhecermos há muito tempo. Soube no dia em que estávamos iniciando esta turnê... seu trabalho era excelente, tanto nos New York Dolls como com os Heartbreakers. Foi uma merda".

DROGAS 2

"Já tomei muita coisa, agora não tomo mais nada. Nem bebo mais, estou totalmente sóbrio há mais de um ano e meio. Minha atitude sobre drogas é que você tem de decidir por você mesmo, ninguém pode decidir por você. Se alguém fala 'você não pode fazer isso', a primeira reação é ir lá e fazer. O importante é decidir sozinho — não começar a tomar heroína, por exemplo, só porque todo mundo que é legal está tomando. Me lembro nos 70, teve uma época em que todo o pessoal de Nova York estava tomando — Dee Dee, Richard Hell, Johnny Thunders.

FUTURO

"Nosso próximo disco será um duplo ao vivo que acabamos de gravar em Barcelona, na Espanha. É o primeiro que tem a participação de CJ. Depois vem um LP de estúdio, que ainda não tem nome. Deve sair até o final do ano e tem quatro músicas compostas por Dee Dee. Estou envolvido num outro projeto, uma trilha sonora em que cada artista grava uma das suas faixas favoritas. A minha é um dueto que fiz com Holly (*Holly Beth Vincent, do Holly & The Italians*, lembra?) É 'I Got You, Babe'".

se que aceitou com simplicidade que humilharia mortalmente dez entre dez roqueiros brasileiros. Nóis bebia cerveja e comia pizza de frango com catupiry; ele bebia café e água.

Um gentleman, quem diria, por baixo daquela cabeleira toda e da fala arrastada, pontuada por "you knows" e "I means". Tanto que topou fazer o programa de madrugada, depois de tocar, e estava esperando no lobby do hotel quando fomos buscá-lo. Detalhe: Joey não tirou os óculos durante nenhum momento.

Boa parte do papo foi ao ar; muita coisa legal foi dita no estúdio, enquanto uns dez fãs se amontoavam em volta do ídolo e as músicas rolavam. O repertório foi glam rock e metal da última geração, passando pelo tema do Picapau e, claro, muitas músicas dos Ramones. A seguir, o compacto com os melhores momentos.

A LONGEVIDADE

"Nunca pensei que ia passar dezessete anos na mesma banda. Muitas vezes não foi fácil viver com meus companheiros. Mas no fim tudo se resume a coisas básicas. Qual é a sua visão? Em que você acredita? O que a banda representa para você?"

Jorge Rosenberg Azul

OS MESTRES

MC 5 "Um dos monstros de Detroit. Que cidade!... produzir Alice Cooper e Stooges e MC 5, tudo ao mesmo tempo".

Black Sabbath "Somos fãs deles desde o primeiro disco, desde 1970. Num sentido eram próximos do punk rock... não no som, bem diferente, mas o Sabbath sempre esteve consciente de situações... situações foda, barra pesada, e isso era algo que o punk também tinha".

John Lennon "É um herói para mim. 'Jealous Guy' é uma das músicas mais bonitas desde sempre. Um dos caras mais talentosos da história do rock, tanto nos Beatles quanto em sua carreira solo".

Kinks "Todo compositor quer compor uma música como 'Set Me Free' ".

Trashmen "Depois do sucesso de 'Surfin'Bird', pensamos em gravar outra faixa dos Trashmen. A idéia era gravar o lado B, 'King Of The Surf', mas não conhecíamos direito. Fui comprar, mas era duro de achar... aí emprestei de um cara, saímos para excursionar e não devolvi. Aliás, acabei perdendo o disco".

Motorhead "Uma das bandas de que mais gosto. Lemmy é um estudioso de música e de história, pouca gente sabe... eu até o entrevistei ano passado para o meu programa de rádio".

AC/DC "Adoro. Fui ver a última turnê deles e fiquei chapado... Angus ficou mais de duas horas batendo cabeça sem parar. Inacreditável".

CONSELHO

"Se você sabe o que é bom para você, deveria sair agora mesmo e comprar todos os discos dos Stooges".

PUNK X METAL

"Já fizemos muitas coisas esquisitas e enfrentamos muitas platéis hostis. Me lembro de 1980, quando fizemos uma excursão com o Black Sabbath. Foi Legal, mas o público se matava. Em San Bernardino, uma cidade interiorana cheia de motoqueiros caipiras, o show foi promovido como 'Os reis do punk contra os reis do heavy metal'. Foi uma guerra, choveram garrafas de uísque e carburadores na nossa cabeça. Chegou uma hora que falamos foda-se, Johnny mandou os caras tomarem no cu e saímos. No *backstage*, o *stage manager* disse que não via uma reação daquelas desde as primeiras turnês dos Rolling Stones. Para mim foi um dos maiores elogios que os Ramones poderiam receber".

O FUTURO DO ROCK

Jane's Addiction "Perry Farrel é um gênio, um artista de verdade. Principalmente o novo disco, *Ritual De Lo Habitual*, é um dos mais diferentes, mais refrescantes que ouvi em muito tempo. Não ouço nada como 'Three Days' desde os anos 60 — é uma verdadeira odisséia, cheia de camadas e instrumentos".

A TURNÊ SUL-AMERICANA

"A Argentina foi selvagem, fui atacado por uma multidão quando fui fazer um programa de rádio. Estou acostumado a enfrentar muita gente, dar autógrafos e tudo. Gosto de cruzar com os fãs, porque eles são... fãs. Mas aquilo era uma turba de animais, e estava sem nenhuma segurança. O programa foi legal, fiquei quase três horas. Mas o clima foi péssimo, me broxou completamente. No Brasil por enquanto está tudo cool... chegamos antes de ontem, e os shows têm sido animados. Vamos ver amanhã, parece que ainda não venderam todos os ingressos (*Foi bom* — A.F.)"

BRASIL

"O Brasil é ótimo... ahhh... uh... sei lá. O nosso show no Rio foi cancelado... mas tudo bem... algum dia ainda vou conhecer o Rio".

INTEGRIDADE

"Muita gente acha que entramos nos shows completamente chapados. Isso é um absurdo. Não poderíamos manter nosso nível de estamina e tocar como tocamos se estivéssemos malucos. Já depois do show, se for para tomar umas cervejas, tudo bem. O caso é que os Ramones são essencialmente uma banda de shows, nosso negócio é ao vivo. Cada dia tocamos para uma platéia diferente, e se o cara pagou pelo show, tem direito ao melhor que a banda pode oferecer. Nosso objetivo é fazer com que o garoto saia de um show dos Ramones pensando, 'caramba, este é o melhor show de rock'n'roll que já vi em toda a minha vida' ".

Pois foi mesmo. R-A-M-O-N-E-S... RAMONES!

ANDRÉ FORASTIERI
(colaborou André Barcinski)

Jorge Rosenberg Azul

COM BIZZ VENCEMOS A CORRIDA DO OURO

Ao longo dos últimos seis anos, Bizz e Polygram forearam cinco planos econômicos, além de algumas dezenas de solevancos. Só com muita garra, competência e amor pela música pode-se resistir a tantas mudanças.

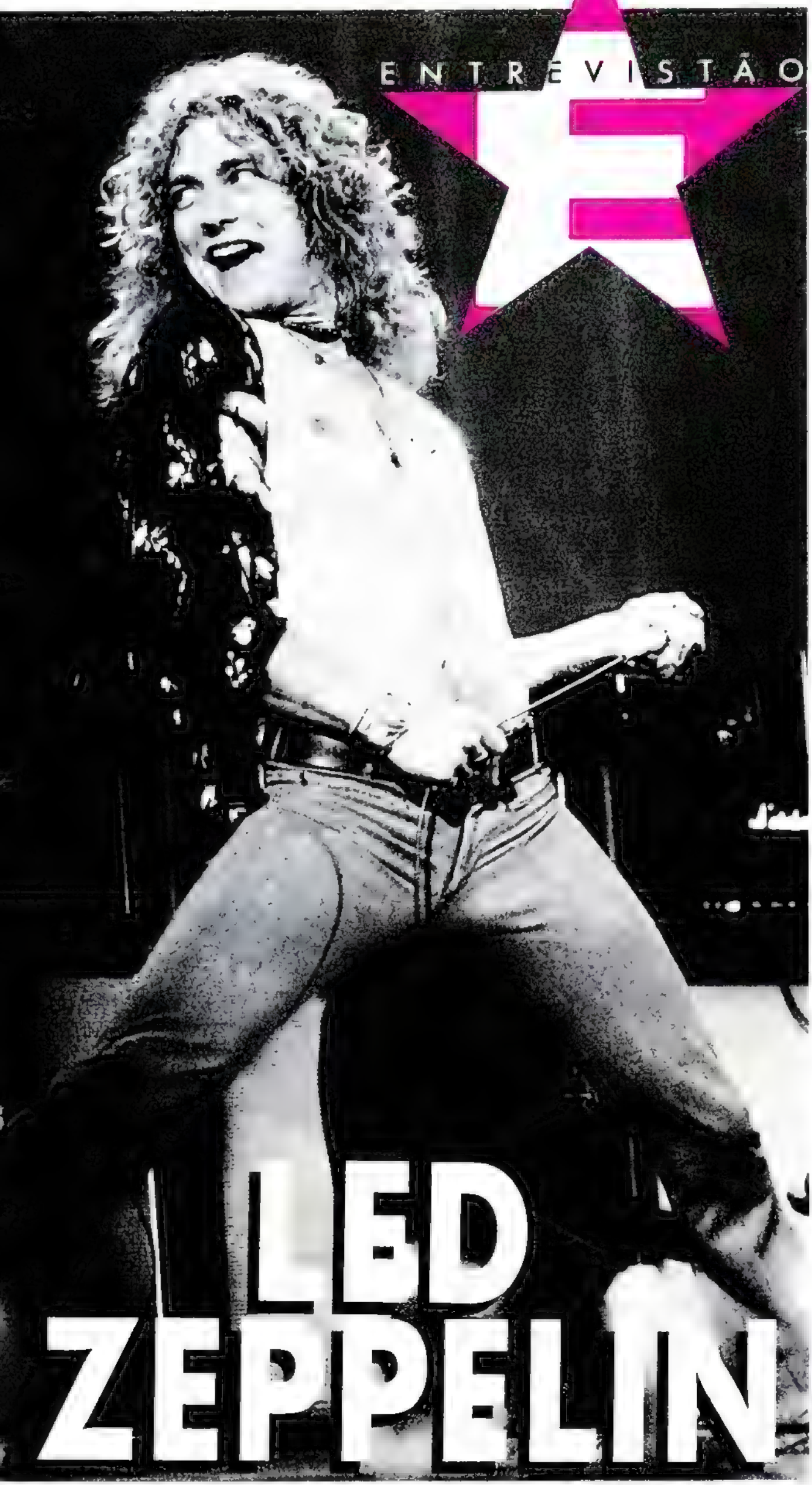
Durante esses 6 anos, Bizz não deixou de ir às bancas um só mês. E a Polygram não parou de pendurar discos de ouro e platina na parede.

Bizz foi peça importante na conquista de 3 discos de ouro da Polygram este mês: ***ELTON JOHN*** (The Very Best Of), ***JON BON JOVI*** (Blaze Of Glory) e ***FAITH NO MORE*** (The Real Thing). Virão muitos outros. Assim como virão muitos anos de sucesso para essa incrível revista chamada Bizz.

PolyGram

ENTREVISTÃO

LED ZEPPELIN



Michael Putland Retna

Como nos velhos tempos dos vikings, eles saquearam e pilharam sem misericórdia — a banda mais pesada da história do rock'n'roll, e também a de pior reputação. Quebrando recordes de público e quartos de hotel; perfeccionistas em estúdio e delirantes no palco: nunca houve outra banda como o Zeppelin. E nem haverá, se depender das imitações.

Uma década depois que sua trilha de excessos vitimou o baterista John Bonham — ou seja, em setembro do ano passado —, e coincidindo com o lançamento da coletânea *Remasters*, os três remanescentes se reuniram para esta entrevista histórica. Ironia e franqueza escancaradas, é o balanço de JIMMY PAGE, ROBERT PLANT e JOHN PAUL JONES dos anos de glória, barulho, experimentalismo e safadeza.

Na época, ninguém achou que ia dar certo. Keith Moon, depois de ouvir as idéias de Jimmy Page, dos Yardbirds, para uma nova banda de inspiração blueseira, simplesmente riu. A banda, previu o baterista do Who, não teria a ascensão de um balão, mas de um dirigível (zepelin) de chumbo (lead).

É desnecessário dizer que Moon estava errado. O Led Zeppelin foi um estouro praticamente desde o momento em que seu primeiro LP, *Led Zeppelin*, foi lançado, em 1969, e a banda iria dominar o rock'n'roll pela próxima década.

Foi um tipo de sucesso inteiramente novo. Ao contrário dos grandes titãs do rock dos anos 60, o Led Zeppelin tinha pouco uso para singles. Os LPs tinham mais importância. Geraram um catálogo completamente novo, que incluía faixas como "No Quarter", "Immigrant Song", "Communication Breakdown" e a eternamente popular "Stairway To Heaven".

Clássicos, cada uma delas, mas clássicos de um novo tipo. Outras bandas haviam dado o melhor de si para fazer o rock parecer maior, mais alto, mais robusto e mais ambicioso, mas foi o Led Zeppelin que fez a música ficar pesada. Do estrondo galopante de "Whole Lotta Love" e o grunhido eriçado de blues de "Black Dog" ao exotismo de "Kashmir", o som do Led Zeppelin ia além da vida normal. A música da banda, entretanto, raramente carregava a brutalidade de grupos protometal, como Black Sabbath e Deep Purple; seu impacto era mais uma questão de intensidade do que de marteladas insistentes.

Ao vivo, não existia nada igual. Constantemente se reinventando no palco, viraram lenda as pilhagens improvisadas através de músicas como "Dazed And Confused". E enquanto os fãs lotavam seus concertos, parecia que o Led Zeppelin crescia para bem longe da concorrência; por volta de 1975, a banda era inquestionavelmente a mais popular do rock.

Talvez tenha sido a mais popular graças a Peter Grant, empresário da banda, que mudou a maneira como os negócios

O insubstituível John "Bonzo" Bonham, o homem que pôs o peso no metal

Fotos Michael Putland/Retna

eram conduzidos no circuito dos shows, transferindo o poder — e a grana — dos bolsos dos promotores para as mãos dos artistas.

Tamanho sucesso, é claro, não deixou de ter o seu preço. Logo, a primazia do Led Zeppelin ganhou status de mito e surgiu todo tipo de histórias. Algumas eram sinistras, algumas obscenas, algumas simplesmente idiotas. Aparentemente, a banda havia feito de tudo, de mensagens satânicas secretas (ostensivamente em "Stairway To Heaven") a orgias com frutos do mar (nas quais desejosas groupies incluíam a pescaria do dia). Tragédias também aconteceram pelo caminho, entre elas um acidente de carro na Grécia que colocou o cantor Robert Plant numa cadeira de rodas (e quase matou sua mulher) e uma briga em Oakland, Califórnia, com o promotor Bill Graham, que levou à prisão do baterista John "Bonzo" Bonham.

Foi a morte de Bonham, em 1980, porém, que finalmente trouxe o zepelin de volta ao solo. Com exceção de *Coda*, um LP de 1982 com material inédito, faz mais

PORTÁTEIS
PHILCO

PRA QUEM ENTENDE DE SOM.
E DE LIBERDADE.

PHILCO
HIGH TECHNOLOGY

de uma década que o Led Zeppelin não lança nada novo.

Desde a morte de Bonham, os três membros sobreviventes da banda — Page, Plant e o baixista John Paul Jones — tocaram em público apenas duas vezes: no Live Aid, com Phil Collins e Tony Thompson como bateristas, e no concerto comemorativo dos quarenta anos da gravadora Atlantic, com o filho de Bonham, Jason, na bateria. Tudo indica que as chances para uma reunião da banda ao estilo Who são mínimas.

"Para mim, é impossível conjugar o Led Zeppelin no presente", disse Plant em Cleveland, recentemente. "Se você removesse a bateria de Bonzo, a banda ia soar imprestável. Eu acho que, tirando o orgulho que tenho do trabalho que fiz na banda, tudo pertence inteiramente ao passado."

De fato, todos os três estão ocupados com suas atividades pós-Zeppelin. Apesar de Page ter voltado recentemente para Londres, depois de ter remasterizado faixas para *Remasters*, a coletânea de 54 músicas do Led Zeppelin, sua prioridade é a carreira solo, que começou após o término do Firm. Plant atualmente está fazendo a excursão de seu quarto álbum solo, *Manic Nirvana*. Jones tem estado em Barcelona, Espanha, gravando um grupo de "flamenco industrial", La Sura Dels Baus.

Faz uma década que o Led Zeppelin se separou, e ainda assim, para muitos fãs, é como se nunca tivesse acabado.
ROBERT "Bom, na verdade, não acabou para ninguém. Quer dizer, Bing Crosby também não acabou, sabe? Elvis certamente não acabou."

Vocês se preocupam com isso?
JIMMY "Oh!, pelo amor de Deus, não. Por que deveria? Eu achava que estava na maior banda do mundo. Mas musicalmente, naquele tempo, as coisas eram tão saudáveis em tantas áreas diferentes."

Enquanto estava remasterizando faixas para a caixa-retrospectiva, você se pegava pensando onde o Led Zeppelin praticamente se localiza na história do rock?
JIMMY "Sim, e eu percebi que obra de referência absolutamente brilhante era, e ainda é, obviamente. Por causa das diferentes áreas musicais que atingíamos e dos diferentes caminhos que estávamos preparados para trilhar — às vezes a passo lento, às vezes esmagando tudo pela frente —, tivemos tamanha variedade de estilos. E, você sabe, boa parte do negócio era muito bem-feita. Havia muita alma e profundidade envolvidas."

Atualmente, porém, a rádio americana — particularmente as rádios que só tocam "clássicos do rock" — parece ser um fator principal na preservação do legado Zeppelin. Você considera isso uma perspectiva saudável?
ROBERT "Depende. Se tivesse acontecido em 1968, creio que jamais teríamos sido ouvidos. Se estivéssemos inseridos nesse conservadorismo, talvez nunca teríamos sido expostos. Porque não soávamos como Tommy James ou Gary Puckett, ou seja lá o que for que tocasse na época."

Mas a Led Zeppelin encontrou bastante resistência por parte da imprensa e do rádio no começo de sua carreira.
ROBERT "Do rádio, não. Só da impren-

Jimmy Page e sua célebre Gibson SG de dois braços, encomendada especialmente para a execução ao vivo de "Stairway To Heaven"

sa. E isso porque nós simplesmente não fazíamos parte do jogo, qualquer que fosse. Imaginamos que a melhor coisa a fazer era calar a boca e tocar, sabe? Não adianta nada tentar ser profético quando se tem 20 anos de idade. Então, o lance era, 'se você não sabe do que está falando, fique quieto'!"

JOHN PAUL JONES "A primeira crítica sobre nós na *Rolling Stone* foi... o assunto era somente o buxixo em torno do Led Zeppelin. 'É apenas outra banda de inúteis, e todo mundo está promovendo um *hype* em torno deles, e é uma bosta mesmo'. E isso realmente magoava naquela época, porque sabíamos que o disco era bom. Isso ajudou a alimentar meu ódio pela imprensa em geral."

Mas as platéias não tinham dificuldade em reagir ao que vocês estavam fazendo.

JOHN "Certo, bom, eles vinham aos shows. Esta era a diferença. Foi a mesma coisa na Inglaterra. Lotávamos nossos shows onde quer que fosse. Havia filas que davam a volta no quarteirão onde ficavam os pubs ou clubes. Tudo apenas com a divulgação boca a boca, tipo 'essa banda é boa, vá ver'. E sinto que a imprensa ficou um pouco despeitada pelo fato de não estar lá quando a banda começou. Então eles decidiram ignorá-la, e nós decidimos ignorá-los. Na verdade, foi bem legal não ter que responder uma quantidade absurda de perguntas idiotas. Não estou querendo dizer que é o caso agora (*risos*), mas você sabe o que quero dizer."

ROBERT "É realmente engraçado, porque a aclamação sempre veio da rua, nunca da imprensa musical. E, realmente, de uma maneira bem mais básica, a mesma coisa está acontecendo comigo agora.

Alguns críticos andam tentando me detonar, reclamando sobre minhas mudanças constantes como artista solo. Tudo o que estou fazendo é o que sempre fiz — me divertindo muito e indo de um lado para outro como um puta lunático. Mas é o mesmo tipo de situação. Só que duas gerações se passaram — jornalistas que estavam mamando nas tetas da mamãe quando as primeiras críticas irritadas apareceram agora estão fazendo a mesma coisa comigo.

Você sabe, a reputação barra-pesada do Led Zeppelin era apenas uma parte da história toda. Às vezes era brutal e muito indecente e às vezes era lindo e delicado, sabe?"

JOHN "Certas pessoas simplesmente não captam nada. Havia muito humor no grupo, muito humor na música. Nada desse lixo satânico, mal-encarado."

E a maneira como o Led Zeppelin está sendo considerado nos últimos tempos — como se fosse um mito?

JIMMY "Suponho que seja um mito apenas para quem nunca nos ouviu ao vivo. Se você tivesse nos ouvido ao vivo, saberia exatamente do que se tratava."

Entretanto, existe um número razoável de bandas cujo único ponto de referência são as gravações do Led e que tentam recapturar a força dessas gravações — às vezes, ao ponto da imitação pura. Isto não é uma espécie de mitificação?

JIMMY "Eles não entendem. Não pegam nada do espírito que estava por trás de tudo, nem a emoção. Ficam só imitando os riffs, sem ir atrás do que estava por trás disso. O Zep era uma banda muito apaixonada."

"No início, quando tocávamos 'Stairway To Heaven', as pessoas se acomodavam para tirar um cochilo"

PLANT

E os fãs? Vocês acham que eles entendiam o que era a banda? Ou eles têm sua própria visão do que fazia o Led Zeppelin ser tão bom?

ROBERT "Não sei, porque ninguém nunca me diz o que sente. A única coisa que dizem é 'é isso aí, cara, Zeppelin'. E é só! Eles não dizem 'você realmente fodeu alguém com uma cobra?' " (*risos*)

Bom, você já fodeu alguém com uma cobra?

ROBERT "Ahhh não, deve ter sido o Jimmy (*ri*). Mas existe uma devoção ao Led Zeppelin, e eu não acho que o fator que mais contribui é o nosso estilo de vida hedonístico ou algo assim. É que algumas canções têm um encanto atemporal. Eu não sei se seria melhor que não tivessem. Assim eu poderia seguir com a minha vida. Mas realmente não importa. Sempre se deve ter orgulho de qualquer trabalho bem-feito e, olhando para trás, tivemos uma grande quantidade de trabalhos bem-feitos."

Você chegou a encarar outras bandas como concorrentes — da maneira, por exemplo, como os Beatles encaravam os Stones?

ROBERT "Estávamos mais preocupados com diversidade, satisfação pessoal, criatividade... então, realmente não havia ninguém com quem competir, porque, acima de tudo, estávamos tentando nos divertir, sem a jogada intencional de fazer uma canção bonita apenas pela canção bonita.

Desde o início, era uma postura do grupo que singles não seriam levados em consideração. Se você quisesse saber o que era o Led Zeppelin, tinha que ouvir a coisa inteira. Não iríamos lançar singles como chamariz. Então, realmente, não havia ninguém com quem competir. Acho que estamos juntos com o Buffalo Springfield ou o Kaleidoscope, quanto à diversidade. Jimmy não concordaria com isso (*ri*), ele não gostava muito do Buffalo Springfield.

Mas eu acho que o modo como a música rolava — em seu jeito inglês e suas raízes no blues — não permitia competir com ninguém. Não era uma banda pop. Era pop, mas certamente não era pop."

Provavelmente não há melhor exemplo que o de "Stairway To Heaven". Talvez seja a canção radiofônica mais popular de todos os tempos, mas nunca esteve disponível como single.

ROBERT "É, mas o fato de ter capturado a imaginação das pessoas é realmente interessante. E o tipo da lenda que criou 'Stairway To Heaven'."

Como assim?

ROBERT "Bem, porque quando nós a tocamos, no começo, podia-se ver com freqüência gente se acomodando para tirar um cochilo."

Mesmo?

ROBERT "É! Porque as pessoas nunca a tinham ouvido. Eles não sabiam o que era."

JIMMY "Ah! isso não é verdade. Não, eu me lembro de tocar no Forum em Los Angeles e... não estou dizendo que toda a platéia nos aplaudiu de pé, mas havia um número considerável nos aplaudindo de pé. E eu pensei: 'Isso é incrível', porque ninguém nunca ouviu essa música antes. É a primeira vez que estão ouvindo! A música mexeu com eles, é claro. Porque é sempre difícil ouvir uma música que você

nunca ouviu antes, especialmente uma comprida como aquela."

JOHN "'Stairway' personifica muito o que era o Led Zeppelin. Ela tinha, na verdade, um precedente numa música do primeiro LP chamada 'Babe, I'm Gonna Leave You', que continha muitos dos mesmos elementos: o começo acústico, o *crescendo* e o fim meio pesado.

Começou com uma boa melodia. Jimmy apareceu com os fraseados de guitarra originais e a idéia, e acho que Robert tinha uma letra curtinha, um verso inicial ou algo assim, algumas linhas. Aí Jimmy e eu sentamos, só nós dois, e inventamos o arranjo inteiro, elaboramos a música toda. O resultado veio, basicamente, através de bastante trabalho duro."

O que me chama a atenção em "Stairway To Heaven" é que existem músicas mais para o folk, como "The Battle Of Evermore" e "Going To California"; e existem canções de hard rock, como "Black Dog" e "When The Levee Breaks". "Stairway" parece ser onde os dois lados se encontram.

ROBERT "É, concordo com você. Quero dizer, essa abordagem não era exclusividade nossa porque algumas das bandas da costa oeste americana estavam fazendo isso, combinando esse tipo de coisa."

Obviamente, o Led Zeppelin usava uma ampla gama de estilos musicais. Como a banda chegava a um denominador comum?

JOHN "Não era uma banda purista, como se tem hoje em dia, quando a banda inteira escuta o mesmo tipo de música. Entre as influências de blues do Robert e as influências rock'n'roll do Jimmy — que também curtia blues —, as influências soul do Bonzo e minhas influências de soul e jazz, encontramos uma área comum, que era o Led Zeppelin. A fusão de todos os tipos diferentes de interesses."

Havia também uma boa diferença de experiência entre os quatro membros da banda. Robert, como era para você e Bonham — que eram basicamente desconhecidos antes de se juntarem ao Led Zeppelin — se unir a músicos estabelecidos e bem-sucedidos como Page e Jones?

PORTÁTEIS
PHILCO

PRA QUEM ENTENDE DE SOM.
E DE LIBERDADE.

PHILCO
HIGH TECHNOLOGY

ROBERT "Está tudo na visão do espectador. Jimmy era membro dos Yardbirds e era músico de estúdio, era bem-sucedido. Jones era muito mais dos bastidores — eu não me importava, realmente, se ele havia produzido 'Mellow Yellow' ou não, porque era uma canção pop, e ela simplesmente começava e terminava. Uma música bonitinha, mas alguém tinha que compor a música, sem falar de organizá-la. Então, o tipo de posições e antigas funções que eles exerciam realmente não chegavam a intimidar.

Mas a maneira como eles transavam

Leão e Capricórnio, Fogo e Terra, Plant e Page: a linha de frente do Led Zeppelin

Michael Putland Retna

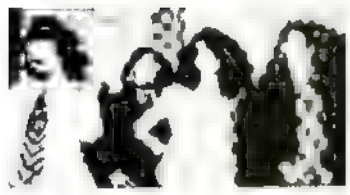
suas relações conosco era importante. Jones era um pouco... não retraído, mas ele ficava meio na dele e de vez em quando falava alguma coisa. Você vai gostando dele aos poucos. E a personalidade de Jimmy, inicialmente, era... eu nunca tinha conhecido alguém com uma personalidade daquelas antes. Ele tinha um jeito ao qual você tinha que se ajustar; no começo, não te deixava nada à vontade. Mas a música era tão intensa que tudo era intenso. A ambição era intensa, e a execução era intensa, e a direção em que estávamos indo era intensa.

Ninguém sabia que porra era, mas todos sabíamos desde o começo que nossa força era absurda. Então era muito difícil relaxar, sentar, tomar uma cerveja e agir como caras normais. Bonzo e eu éramos muito mais simples na maneira como lidávamos com tudo — incluindo aí o Jimmy. Porque era necessário lidar de forma especial com ele."

Mas não deve ter sido tão difícil assim. A formação não bateu desde a primeira vez em que os quatro se juntaram?
JIMMY "Bateu! Nós nos juntamos numa pequena sala de ensaios e tocamos 'Train Kept A Rollin' — uma música que eu costumava tocar com os Yardbirds, e que Robert conhecia. E quando chegamos ao final da música sabíamos que era *aquilo*, havia energia de verdade. Excitante é a palavra. Seguimos dali para os primeiros ensaios do LP."

O que havia na maneira como vocês quatro tocavam que fazia a música ser tão excitante?
JOHN "Todo mundo tinha os ouvidos abertos, é isso que havia. Suponho ser uma química que não-músicos talvez não entendam. Os quatro iam atrás da música com todo tipo de combinação. Isto era muito importante para nós. De maneira alguma eu poderia fazer parte de uma banda que repetisse os discos nota por nota todo show, e a única pessoa a tocar de maneira diferente é o guitarrista principal.

Na época, realmente não pensávamos como tudo iria ser recebido. Não estávamos preocupados em fazer um disco para vender. Os discos eram feitos principalmente para nós mesmos. Não analisamos o primeiro LP para tentar descobrir o que fez sucesso, como fazem hoje. A mentalidade era "está feito — agora é ir sempre em frente'."



"Nós não analisamos nosso primeiro disco para saber o que tinha feito sucesso; era fazer e ir em frente"

JONES

O Zeppelin tinha uma habilidade de saltar de estilo para estilo. De onde veio isso?
ROBERT "Personalidades."

Deve haver outras razões.
ROBERT "Havia, mas você não viu a Band Of Joy, antes do Zeppelin. E era a mesma coisa."

Plant, Page e John Paul Jones

Mesmo?
ROBERT "É! Eu e Bonzo... na Band Of Joy fazíamos versões de 'White Rabbit', aquela do Jefferson Airplane, com a 'Marcha Das Crianças Siamesas', da peça *O Rei E Eu*, no meio. Fazíamos todo o tipo de coisas estranhas... como uma cover de 'Hey, Grandma', do Moby Grape, que virou uma coisa bem peculiar.

Quando eu ouvi Om Kalsoum pela primeira vez, foi um dia muito importante para mim, porque me abriu, enriqueceu minha vida. Mesmo sem entender quase nada do que ela cantava — era em árabe — eu tinha que extrair alguma coisa do efeito que sofri e passar isso para a minha música. Como agora, com *Manic Nirvana*: você se estimula através da sua própria excitação."

Você não precisa ainda de uma certa dose de habilidade para alcançar esse objetivo?
ROBERT "Mas, se ninguém mais está fazendo isso, você não tem com quem ser comparado. Nós conseguimos, às vezes. Faixas como "Friends" e "Four Sticks" — Jimmy e eu fomos para a Índia e gravamos versões dessas duas faixas com a Sinfônica de Bombaim. Nós tínhamos que juntar uma espécie de desorganizada gangue de músicos em Bombaim e gravar duas faixas do Lep Zeppelin. A sessão correu muito bem até eu aparecer com uma garrafa de conhaque, e... não há nada igual a um bom indiano, e não havia nenhum bom indiano naquela sala quando a garrafa esvaziou. É mesmo uma vergonha que eles não vão incluí-la entre as faixas da caixa."

Por que não?
ROBERT "Eu não sei. Acho que não passou pela cabeça do Page (*ri*). Não passou pela minha cabeça até um segundo atrás."
JOHN "Bom, as únicas coisas que sobraram, com vocal completo, saíram todas em *Coda*. Aquelas faixas eram algo no qual iríamos trabalhar em algum momento mais para frente. O verdadeiro plano original, depois de fazer aquilo, era fazer uma excursão pelo Extremo Oriente, ir do Egito até Bombaim, depois seguir até a Tailândia e o resto, e então gravar nesses lugares. Aquilo foi como a primeira experiência, para ver como rolava. É claro, nunca chegamos a fazer nada disso, mas era um dos planos que tínhamos na época."
ROBERT "Nós gostávamos de viajar e explorar. Quero dizer, não podemos ser considerados antropólogos ou coisa do gênero, mas sabíamos de alguns puteiros no Extremo Oriente..."

Sabiam de alguns puteiros — ah, isso é mais típico do mito Led Zeppelin do que imaginar vocês com a Sinfônica de Bombaim.
ROBERT "Você pode fazer muitas coisas num dia."

É verdade. É claro, naquele tempo havia uma cena groupie que hoje parece quase lendária — e talvez nunca mais se veja algo semelhante. Isso parece deixar muitos fãs mais jovens com a sensação de que foram trapaceados.
ROBERT "Você quer dizer que a cena toda, na cabeça dos fãs mais jovens, mudou de sexo, drogas e rock'n'roll para preservativos, nada de drogas e rock'n'roll (*ri*)?"

Exatamente. Era tão maravilhoso naquele tempo, como a garotada hoje imagina?
JIMMY "É melhor perguntar ao Robert (*ri*)."

'Nas partes de *Hammer Of The Gods* que li, o humor da banda havia desaparecido. Era só sensacionalismo"

PAGE

ROBERT "Isso mesmo. Aquele período, toda a coisa das GTOs (Girls Together Outrageously, ou Garotas Unidas no Ultraje — lendárias groupies cantoras apadrinhadas por Frank Zappa). Qual era aquele LP do Zappa? *10,000 Motels?* "I've Been To Bed With Robert Plant (eu estive na cama com Robert Plant)"... É, enfiando um molde em gesso do pau do Jimi Hendrix no rabo de uma das garotas num hotel em Detroit... na verdade, foi bem divertido. Não me lembro de quem fez isso, mas eu me lembro de que estava no hotel na época. Era... amor livre."

E isso agora praticamente não existe mais, não é?
ROBERT "Bom, eu acho que agora tem de se adotar uma atitude totalmente diferente com relação à coisa toda. Justo agora que a minha resistência estava ficando boa de verdade (*ri*).

Mas foi ótimo. E toda aquela coisa absurda do vocalista ser algo além da realidade — a maneira como eu era visto em meados dos 70 — era histérica. Na verdade, eu não podia me levar a sério por muito tempo porque eu seria constantemente despedaçado pelos meus companheiros da banda, que tirariam o maior sarro de mim."

Enquanto ainda estamos no assunto das lendas em torno do Led Zeppelin, grupos fundamentalistas têm alegado por anos que se você tocar "Stairway To Heaven" de trás para frente ouvirá mensagens satânicas. Existe alguma verdade nestas acusações?
JIMMY "Bom, eu não tenho nada a dizer sobre eles (*suspira*)."
ROBERT "É o seguinte: quem poderia ter concebido isso? Você tem de ter muito tempo livre para considerar a idéia de pessoas fazendo isso. Especialmente com 'Stairway'. Pô, estávamos tão orgulhosos daquilo e as intenções eram tão positivas que a última coisa que faríamos seria... eu achei a idéia toda repugnante, sabe?"

"Mas... é bem americano. Em nenhum outro lugar do mundo alguém sequer parou para pensar sobre isso. Eu acho que se mensagens gravadas na rotação contrária funcionassem, cada LP numa loja teria oculta a mensagem 'Compre este disco'."
JIMMY "É isso, você acertou na mosca. E isto é tudo que há para dizer sobre isso."
JOHN "Sabe, é fatal que ocorra isso. Se você sai por aí dizendo: 'Se você tocar a faixa oito em 36 rpm, ouvirá uma mensagem', as pessoas vão direto para casa tentar. As bandas inglesas tendem a ser mais irônicas e sarcásticas, e uma vez que sacam a falta de humor e ironia americanas é só tirar de letra."

É uma faca de dois gumes, porém. Por exemplo, vejam todos as fãs que acham que o livro *Hammer Of The*

PORTÁTEIS
PHILCO
PRA QUEM ENTENDE DE SOM.
E DE LIBERDADE.
PHILCO
HIGH TECHNOLOGY

Gods, **de Stephen Davis, é uma espécie de tributo ao Led Zeppelin. Eu imaginaria que vocês três não ficaram tão entusiasmados com o livro.**

JIMMY "Acho que abri em algum lugar no meio, comecei a ler e o atirei pela janela. Eu morava ao lado de um rio na época, então ele realmente foi parar no fundo do mar (*ri*). Isso é um *fato*.

Não vou me dar ao trabalho de ler aquele tipo de coisa, é masoquismo puro. Nas partes que li, todo o humor da banda havia desaparecido, era apenas um livro sensacionalista. Tubo bem: se há fumaça, há fogo. Mas não era um relato muito factual."

Pensando sobre como o Led Zeppelin é encarado agora, eu fico imaginando: as pessoas iriam reconhecer o Led Zeppelin se ele existisse hoje?

ROBERT "É claro que não. Não haveria como ser igual ao que era quando terminou. Provavelmente seríamos alguma banda num *american bar* em San Antonio — quem sabe? Digo, não seria reconhecível, não acho que seria. Poderíamos tocar 'Black Dog' por mais dez anos? Acredito que não. A menos que ficasse como o Dread Zeppelin, o que no caso seria divertido. Afinal, já fazíamos versões reggae de 'Stairway To Heaven' no tempo em que Tortelvis (vocalista do Dread Zeppelin) era magro. Enquanto fazíamos passagens de som e coisas assim. Não era uma paródia — era apenas 'aqui está outra maneira de fazer'."

JIMMY "Nossa marca registrada, por assim dizer, pode ser reconhecida em qualquer lugar. Assim como a voz de Robert é sua marca registrada. E, Deus queira, o mesmo pode ser dito sobre a minha guitarra. Obviamente, iríamos passar por muitas mudanças e tentar várias abordagens musicais diferentes, mas apesar disso essa marca entregaria que era o Led Zeppelin. Seria imediatamente reconhecível, pelas qualidades audíveis dos quatro músicos."

Mas que qualidade era essa? O que dava ao Led Zeppelin e sua música tal espírito inconfundível?

ROBERT "Muddy Waters disse — quando? Há 15 anos atrás? — que ninguém mais sente o verdadeiro blues, o blues profundo. Talvez agora, nessa segunda ou terceira geração de zeppelinismos, as pessoas estejam perdendo tudo. Talvez as pessoas... não sintam o blues como ele era originalmente sentido. Mas nós sentíamos. E essa é uma puta declaração sem reservas, hein? Mas é verdade, nós possuíamos algo que não era apenas imitação simbólica ou roubo ou sei lá o quê. Nós tínhamos um cruzamento de... eu sei lá. Digamos que era elegância conspirativa. No meio de tudo, às vezes, a coisa realmente funcionava. Era sincero, e nós conferimos a tudo uma nova personalidade."

J.D. CONSIDINE

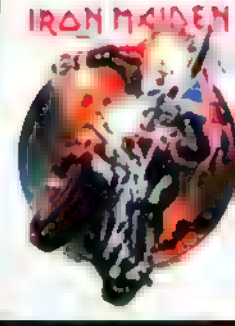
T-Shirts HYPGNOSY

THE VISUAL OF ROCK

040 - IRON MAIDEN

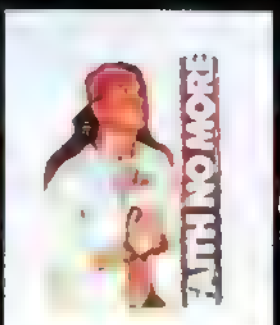
032 - SEPULTURA*

048 - SEPULTURA



030 - IRON MAIDEN

041 - GUNS N'ROSES



046 - FAITH NO MORE*

056 - FAITH NO MORE*

020 - GUNS N'ROSES

031 - METALLICA

027 - DESTRUCTION

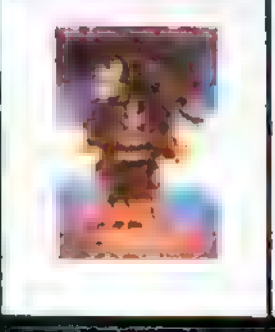
044 - RATOS DE PORÃO*

061 - SEPULTURA*

025 - SLAYER

042 - MOTORHEAD

050 - METALLICA

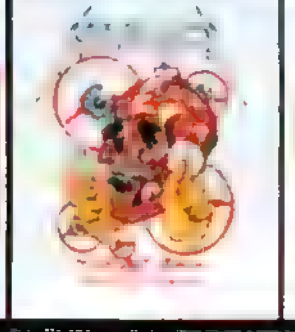


023 - IRON MAIDEN

004 - JANIS JOPLIN

008 - METALLICA

035 - POISON



010 - METALLICA

034 - SKID ROW*

001 - PINK FLOYD

015 - SLAYER

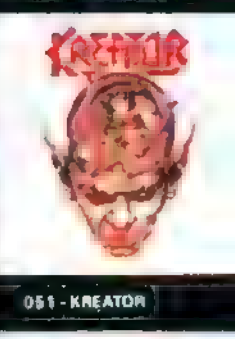
017 - IRON MAIDEN

058 - DORSAL ATLÂNTICA*

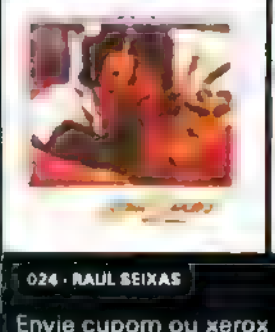
057 - RED HOT CHILLI P.

019 - BLACK SABBATH

055 - MORBID ANGEL



051 - KREATOR



024 - RAUL SEIXAS

053 - DEEP PURPLE

052 - MEGADETH

005 - GUNS N'ROSES

054 - SCORPIONS

047 - JUDAS PRIEST

037 - LED ZEPPELIN

Envie cupom ou xerox para Hypgnosy T. Shirt
Caixa Postal 20.025 - CEP 02597 - S. Paulo.
ou faça seu pedido pelo telefone.
Pague somente ao retirar no correio.
Despesas postais não inclusas
Preços especiais para Revendedores.
Fone: (011) 222-4552
SOLICITE CATÁLOGO COMPLETO

Temos camisetas Manga curta/longa
Malha Simples (M.S.)/Malha Especial (M.E.)

Manga Curta (M.S.)	Manga Curta (M.E.)
Branca - Cr$ 3.500,00	Branca - Cr$ 5.000,00
Preta - Cr$ 4 500,00	Preta - Cr$ 5.500,00

Manga Longa (Malha Especial)
Branca - Cr$ 6.000,00 Preta - Cr$ 6.500,00

Visto que fiz o pedido, comprometo-me à retirá-lo no correio no prazo máximo de 03 dias ao receber o pedido.
Ass. _____ R.G. _____

VALOR DA COMPRA..... + despesas de Sedex.

REF.	COR	MOD.	REF.	COR	MOD.	REF.	COR	MOD

Nome: .....
End.: ..... Cid. .....
Est. ..... CEP ..... Fone .....

CATÁLOGO

PRIMEIRA PARTE

Os fãs dos Flintstones sabem. A música pesada surgiu lá na Idade da Pedra. Também não tinha como não ser pesada uma música feita de tambores e porretes. Os mesmos tambores atravessaram os séculos através dos aborígines e de rituais satânicos pelo mundo afora. Com Wagner, Stravinsky e Beethoven o peso ganhou espaço em salões aristocráticos e no meio intelectual. Daí é só um pulinho para os absurdos supersônicos do MC5, dos Stooges e dos texanos ultra-radicais do Red Crayola And The Familiar Ugly, em plena psicodelia dos 60...

o novo met

aberto às influências de outros
gêneros, escancara a
e a imaginação dos fãs

EMI-Odeon

FUTURO

Mas foi só no começo dos anos 70 que o finado crítico Lester Bangs — num raro rasgo de intuição — tomou, pela primeira vez na história, o termo "heavy metal". Literalmente "metal pesado", um neologismo criado pelo escritor William Burroughs no livro *Nova Express*, foi adotado por Bangs para definir o som que estava sendo feito por grupos como o Led Zeppelin, Black Sabbath, Cactus, Deep Purple e Mountain, entre outros. Um produto da megamplificação do protótipo de três acordes delineado nos sixties — inicialmente pelas *garage bands*, depois pelos adeptos do hard rock —, para os detratores o HM nunca passou de barulho, de mera poluição sonora. Todavia, eram justamente essas características que fascinavam seus cultores.

De uns tempos para cá, o gênero viu-se ameaçado por um sem-número de subdivisões (thrash, speed, death, glam etc.), cujos apologistas hostilizavam-se mutuamente. Pior que isso, o heavy metal chegou às raias da estereotipação: roupas de couro negro, cabelos cuidadosamente despenteados, calças com rasgões estratégicos e uma demonologia tipo "boi da cara preta" tornaram-se simulacros de algo que, um dia, pretendeu ser a expressão máxima da frustração e da rebeldia juvenis.

Em flagrante (e talvez inconsciente) oposição a tal estado de coisas, um punhado de formações começa a empreender o resgate do sentido original do HM. Rompendo com a couraça que o protegia das intempéries e mesclando-o com estilos musicais tidos, até então, como incompatíveis. Não há como localizar esse processo transmutativo com precisão — o fenômeno parece ser fragmentário por natureza e está acontecendo *agora*, bem diante dos nossos sentidos. Ainda assim, é possível rastrear as diversas frentes de mudança...

Jo Sheppard Reina

Faith No More

al,

paradas

FORTUNA

G De Sota LFI

D Trebitz LFI

1990. O Brasil descobre que a sua música contemporânea mais reconhecida pelo mundo afora não é nenhum balanço com sabor tropical. Chegam as notícias de que o Sepultura arromba qualquer parada européia ou americana, desbancando até alguns medalhões do pop.

1991. O Rock In Rio consagra o metal e o hard rock em noites que mesclaram as baladas do megassucesso Guns N'Roses, o massacre sonoro dos santos-de-casa do Sepultura e a patifaria metal-funk do Faith No More. Hoje, todas as listas de mais vendidos, aqui e lá fora, atestam a nova realidade: o som pesado se misturou e conquistou.

Na verdade, o Faith é apenas a ponta de lança no movimento de miscigenação do metal, por um lado com estilos pop e por outro com os menos usuais. Essas misturas já tinham sido ousadas antes. Do lado branco, o Black Sabbath e o Aerosmith flertaram efusivamente com o funk. Os negros do Mother's Finest e dos Bad Brains arriscaram inovadoramente pelos caminhos do funk metal e do hardcore *(ver box)*. Mas é só hoje que grupos radicais aproximaram sua loucura do até então bom-mocista padrão de mercado.

Aliás, esse padrão foi completamente devassado com a nova leva de grupos pesados (ma non troppo): os novos queridinhos das paradas adolescentes já não são os bem-comportados A-has e ā-hās. Os cabeludos arrombaram a porta dos fundos. Logo os ouvidos brasileiros mais descolados deverão estar se embalando ao som de Black Crowes, Almighty, Pantera, Danzig e The Throbs. Estes últimos já chegaram aqui com *The Language Of Thieves And Vagabonds*, produzido pelo mago Bob Ezrin (Alice Cooper, Kiss, Lou Reed). Glam rock, hard e metal temperados com psicodelia. Danzig é uma versão pesada e demonista dos Doors. O cantor Glen Danzig é um nanico de um metro e meio de músculos, tatuagens e pose de malvado. Os europeus detestam. Ainda preferem Misfits e Samhain, experiências bem mais ousadas do vocalista, cultuadas até hoje pela geração death-gothic-metal.

Campeões mesmo das paradas são os Black Crowes. Sessenta e duas semanas na Billboard, chegando ao quarto lugar com o disco *Shake Your Money Maker*. Os Crowes são hard rock'n'roll lançado pelo selo Def American, do produtor Rick Rubin, um dos maiores responsáveis pela disseminação metálica. Rubin produziu as primeiras gororobas funk-metal-pós-hip hop de Run-DMC e Beastie Boys, sem contar obras-primas thrash do Slayer, além de Danzig e Public Enemy.

Outros rockers consagrados como Almighty e Pantera respondem com dignidade às florzinhas disfarçadas, do tipo The Cult. Tudo aquilo que soava como pastiche idólatra é puro e verdadeiro *feeling* no Almighty. Prova dada em *Devil's Toys* e *Blood, Fire And Live*, os dois LPs que assombram os charts há mais de um ano. Já o Pantera adiciona um tanto de funk à receita e cresce à medida do corte moicano/dreadlock do vocalista Phil Anselmo. Eles se proclamam (com um pouco de exagero) a banda mais pesada do mundo. Fãs não faltam. O careca Rob Halford, do Judas Priest, chegou ao absurdo de tatuar, em meio à falta de cabelos, um morcegão igual ao de Anselmo. O álbum de estréia deles, *Cowboys From Hell*, é heavy tradicional, mas não só.

Inspirados nas novas tendências, muitos malandros tentam uma vaguinha nessa praia poluída. É o caso do Killing Joke, que tinha entregado os pontos em discos como *Brighter Than A Thousand Suns* e *Outside The Gate*, mas que se redime dos pecados com um discaço nota 10, *Extremities, Dirt And Various Repressed Emotions*. O engraçado é que eles estão de volta a um selo independente, o Noise. Até o Sisters Of Mercy se recicla, incorporando elementos pesados — sem radicalismo.

Agora, em se tratando de thrash, a coisa realmente evolui. E muito. Desde as brincadeiras do Anthrax com o hip hop em "I'm The Man" até as invencionices inteligentes de seu mais novo disco, *Ride The Time* — não falta nem uma cover acelerada de "Got The Time", de Joe Jackson —, muita coisa se passou...

Kristin Vaal LFI

BURACO DO BARULHO

Nem só de técnica e eficiência vive o metal americano. De Seattle, cafundó do estado de Washington (nada a ver com a capital dos EUA), vem uma das maiores podreiras sonoras de que já se teve notícia. Fica mais ou menos na região da cidade (imaginária) de Twin Peaks. Também é o berço de Jimi Hendrix. Mas hoje, acima de tudo, é a cidade do Sub Pop, o selo que não só congrega as principais bandas da região como até atrai gente de muito longe.

Em geral, o som dessas bandas transita em torno de um Black Sabbath mais lento, sujo e esculhambado. Desse meio, pelo menos duas bandas já saltaram para as *majors:* o demente Soundgarden gravou para a A&M e o Alice In Chains para a Columbia (leia-se CBS/Sony). Este último conseguiu encostar nos Top Pop da Billboard, emplacando um 87.º lugar.

As grandes estrelas da Sub Pop, no entanto, continuam firmes no território independente. Mary My Hope, os ingleses do Thee Hypnotics, Nirvana, Afghan Whigs, Mudhoney e Tad sabem explicitar o que significa rock pesado. Milhões de decibéis despejados em avalanches de guitarras distorcidas e ritmos obsessivos corroendo o polidinho *american way of life*. *C.E.M.*

Mat Anker LFI

Derek Riggers LFI

FUSÃO

Sony

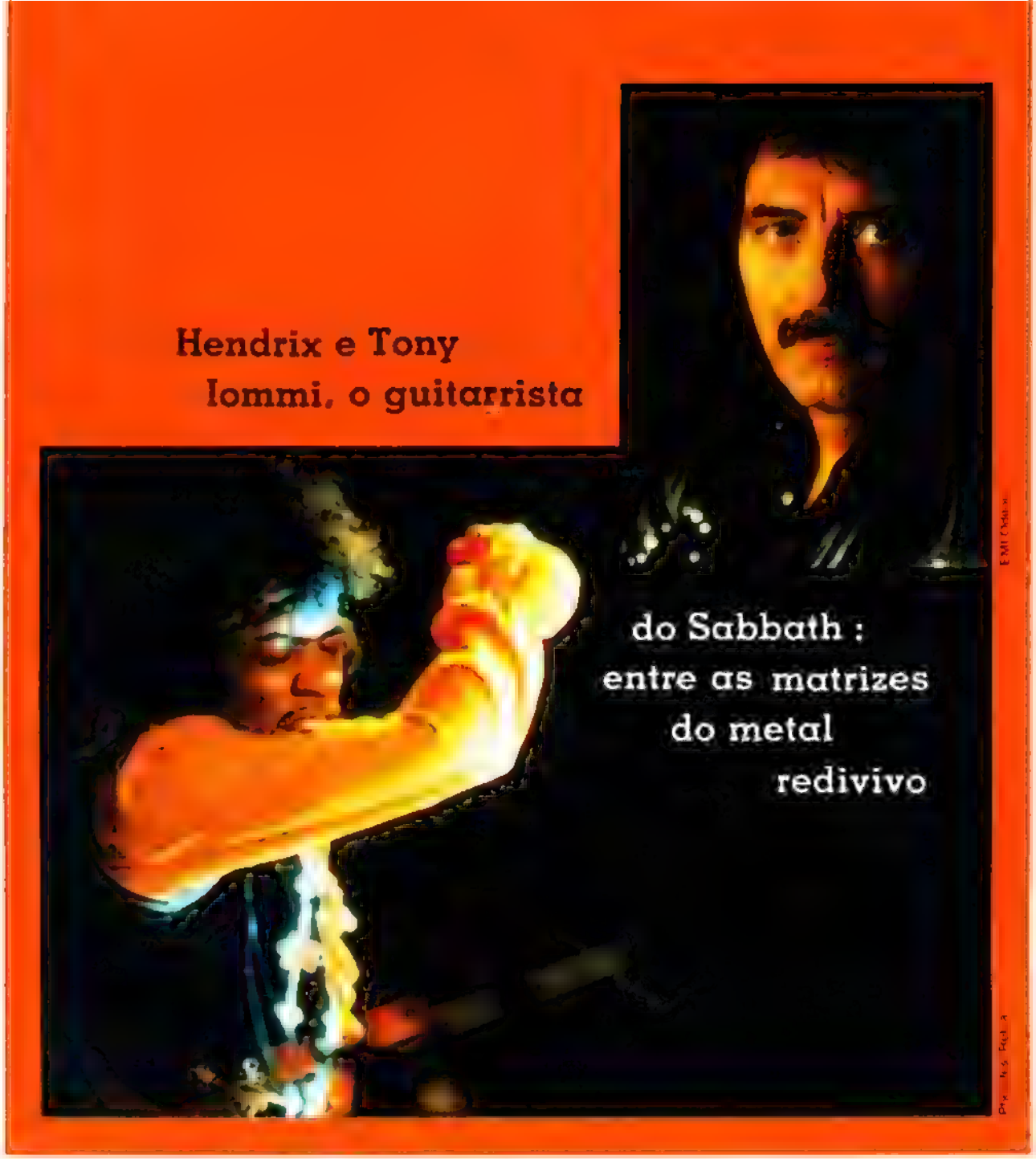
O metal funk é, sem dúvida, a vertente mais importante do liquidificador siderúrgico em que se transformou o heavy metal. Inspirados no sacolejante conglomerado Parliament Funkadelic de George Clinton e Bootsy Collins, em Sly And The Family Stone, no Mother's Finest e em Jimi Hendrix, uma leva sem tamanho de bandas — encabeçadas por Faith No More, Living Colour e Red Hot Chili Peppers — tem feito os bangers sacudirem bem mais que a cabeça..

O Mother's Finest é um caso à parte. Os verdadeiros pioneiros do funk metal lançaram, em 76, um disco de estréia já tão híbrido que a Epic CBS se viu incapaz de rotulá-los e vendê-los. Foi o que acabou embananando o merecido sucesso da banda. Na década de 90, se tornaram influência assumida por grupos como o Dan Reed Network e Electric Boys e voltaram à ativa com *Looks Could Kill*, um álbum frouxo. Mas se salvaram logo depois com *Subluxation*, um petardo gravado ao vivo na Alemanha, onde resgatam seu repertório clássico.

Na virada para a década de 80, do cenário do jazz de Nova York, despontou o guitarrista James Blood Ulmer. Com seu fraseado rapidíssimo e cristalino e um vozeirão *bluesy*, ele detonou o *dyatonic funk*, um som intrincado, porem, bastante pesado, lapidado em discos como *Are You Glad To Be In America?* e *Black Rock*. Ulmer, talvez o mais legítimo herdeiro de Hendrix, se dedicaria depois a formas mais singelas do blues.

Na Inglaterra, no mesmo período, algumas bandas brancas da ala mais radical da new wave flertaram com o formato punk-funk. O PIL de John Lydon, o Killing Joke e o Gang Of Four, o som absurdamente caótico do PopGroup acabaram se diluindo e desaparecendo em meio aos maneirismos do *brit funk*. Outros ecos do período *wave* foram ouvidos no mundo todo, até na Austrália do Midnight Oil, com discos como *10.9.8.7.6.5.4.3.2.1* e *Red Sails In The Sunset*. A vertente branca do metal funk encontra o seu primeiro representante de peso no Red Hot Chili Peppers, cujo primeiro LP foi produzido por Andy Gill, o guitarrista do Gang Of Four (outro que está voltando), e o segundo, *Freakey Styley*, por ninguém menos que George Clinton. Mais sobre os Peppers na próxima BIZZ.

Na ala negra, já em 82 os fusionistas de jazz-rock do Bad Brains se transformaram, num só golpe, em grupo hardcore! A banda de Washington, que passaria depois a variar de velocidade, incluindo até



24-7 SPYZ

o reggae em sua receita, existe até hoje. Eles estão estreando sua nova formação, que inclui Chuck Mosely, ex-vocalista do Faith No More.

Em linha direta com o Mother's Finest vem o Living Colour, cujo guitarrista Vernon Reid, também egresso da vanguarda jazzeira nova-iorquina, é outro que soube ouvir Hendrix muito bem. Reid e seu pessoal criaram um caleidoscópio de influências multicolores que conquistou a fatia pop do mercado via MTV.

Public Enemy e Geto Boys conferiram violência extrema ao rap. Os Gettovets, produzidos pelo baixista Bill Laswell (outro fanático fusionista do funk com outros gêneros) e com participação especial de Bootsy Collins, D ST e do eclético guitarrista Nicky Skopelitis, geraram discos recheados de peso e suingue. Scatterbrain, Limbo Maniacs, Primus, King's X, Scat Opera e Extreme levaram ainda além as idéias de mistura sonora, injetando mais metal no funk — ou vice-versa. Assim como o Mind Funk, grupo do antigo baterista do thrash Celtic Frost.

Volume no topo, Marshalls empilhados como um arranha-céu, o 24-7 Spyz é um dos melhores da safra. O quarteto do Bronx graduou-se nas matinês hardcore do lendário CBGB's de Nova York. No line-up, as atenções voltam-se para as estrepolias do negão Jimi Hazel, um guitarrista capaz de entremear acordes jazzísticos, chanka chanka caribenho e relâmpagos thrash de modo brutalizante. Seus LPs, *Harder Than You* (pelo selo indie Relativity) e o recente *Gumbo Millennium* (via In-Effect) são imprescindíveis. Quem duvidar que trate de ouvir o tema "John Connelly's Theory", um incendiário panfleto musical cujo pavio é um mix dos riffs de "Purple Haze" e "Iron Man".

C.E.M.A.A. A.G.C.D.

Na próxima BIZZ, a continuação desta matéria. A contradição californiana — matriz, a um só tempo, de *posers* e radicais; é a terra de Warrant e Skid Row, de Faith No More, Red Hot Chili Peppers e Jane's Addiction. O metal experimental e o novo metal europeu. O *crossover* no metal brasileiro. Um guia das mais novas e inusitadas formações. Uma discografia do gênero: é o futuro do metal, parte 2.

Stamp

ano 07

CAMISETA - BLUSÕES - JAQUETAS

MANGA CURTA E LONGA — DE MOLETON — ESTAMPA NAS COSTAS

100% ALGODÃO — MALHA MERCERIZADA — TAMANHOS P,M,G

CONFECÇÃO PRÓPRIA — MODELAGEM GRANDE

RECEBA PELO CORREIO

PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES

TEL.: (011) 299-7478 — HORÁRIO: 2.ª A 6.ª DAS 8:00 ÀS 17:30 HS.

PREÇOS

MANGA CURTA (MC)	Cr$ 6 300,00
MANGA LONGA (ML)	Cr$ 8 000,00
BLUSÃO (MT)	Cr$ 11 500,00
JAQUETA (JQ)	Cr$ 16 000,00

VÁLIDOS ATÉ A PRÓXIMA BIZZ

ATENÇÃO ATENÇÃO ATENÇÃO ATENÇÃO ATENÇÃO ATENÇÃO

Só enviaremos o pedido mediante remessa antecipada de cheque nominal à Stamp ou Vale Postal, no valor total do pedido.
Preencha o Vale da seguinte maneira:
Unidade Pagadora: Ag. Shopping Center Norte — Código: 403369 —
Destinatário: Stamp — Rua Embaixador João Neves da Fontoura, 156
CEP 02013 — São Paulo — SP

ENTREGA URGENTE — SEDEX

— Você receberá um aviso do Correio para retirar seu pedido na agência mais próxima de sua casa num prazo de cinco dias, senão a encomenda será devolvida.
— A despesa postal será paga pelo cliente na retirada do pedido.
— O preço do Sedex varia de acordo com o peso da encomenda e localidade
— O pedido será entregue num prazo de 24 a 48 horas após nossa postagem
— Todas estampas estão disponíveis nos quatro modelos: Camiseta Manga Curta (MC), Manga Longa (ML), Blusão (MT) e Jaqueta (JQ).

ESTOU ENVIANDO CHEQUE ☐ OU VALE POSTAL ☐ BIZZ-72

NO VALOR DE . . . . . .

REF.	TAM.	MOD.	REF.	TAM.	MOD

NOME _____

END.: _____

CEP _____ CID _____ EST.: _____

ASSINATURA _____

R.G. _____ TEL. _____

Envie este cupom ou cópia p/ Stamp Rua Emb. João Neves da Fontoura, 156

CEP 02013 — São Paulo — SP

BOB MARLEY

Ele morreu a 11 de maio de 1981, mas fica a mensagem do sacerdote do reggae. Música ou religião, música e religião, música é religião. Dez anos depois, as palavras de Marley

Fotos Adnan Boot Retna

pregação

Em 75, depois de três anos gravando na Inglaterra, Bob Marley já havia concluído sua ascensão ao primeiro escalão do pop mundial. De volta à Jamaica, o embaixador do reggae concedeu esta entrevista a *Dermot Hussey*, de uma rádio de Kingston (alguns trechos foram enxertados no recém-lançado *Talkin' Blues*).

Todas as suas canções têm mensagens. Elas dizem respeito só aos jamaicanos, ou você está se comunicando com uma audiência mais ampla?

Não, com toda a Terra. Eu falo com todas as crianças. Eu falo com tudo que se move e vive na Terra.

Você acha que o reggae alcançará um público maior nos EUA?

Veja, sou um homem que não gosta de falar sobre certas coisas, mas se você quiser que eu fale, falarei para valer. Posso falar sobre a qualidade da música. Quando você fala dos EUA, está falando de pessoas, e músicos como Count Basie, Gerry Mulligan, Dizzy Gillespie. Um povo educado com um certo tipo de música, se você quiser penetrar no gosto deles, tem de tocar mesmo. Não pode só entrar no estúdio e fazer "tcham-tcham-tcham" e achar que tudo bem, pois a grande maioria da música que fazemos na Jamaica é comercial. Puros comerciantes, ninguém que ama a música, e é por isso que só há um tipo de música saindo da Jamaica. Antes costumávamos ter rocks steady, ska e reggae, poderíamos ainda ter as três, mas todos tentam repetir o que é sucesso. Parece que só um homem cria e todo mundo segue atrás.

Toda minha família é musical e enxergo as intenções nos olhos da pessoa. Sei dizer se é músico de verdade. A Jamaica quase não teve nenhuma oportunidade, não há onde aprender para valer, por isso sinto que a música aqui é meio limitada. O talento musical é limitado na Jamaica, ouço os limites o tempo todo. Não me importo com quem não quer ouvir a verdade. Deus diz que você deve falar a verdade e a verdade te libertará. Há irmãos que realmente amam a música e trabalham com ela, e há outros que só trabalham com ela por causa de uma inclinação comercial.

Amar a música exige dedicação para aprender um monte de coisas, por isso, na realidade, o verdadeiro músico não tem sentimentos para com as pessoas. Ele não tem tempo para isso.

Acho que muitas pessoas não sabem quem sao os Wailers. Você poderia nomeá-los?

Bem, os Wailers originais eram Junior Braithwaite, Cherry, Beverley, Peter (*Tosh*), Bunny (*Livingstone*) e Bob. Aí Junior caiu fora, depois as garotas, e sobraram Peter, Bunny e Bob. Dissemos que continuaríamos trabalhando e tudo bem... mas não, foi duro. Tentamos montar uma companhia e... mas você quer saber é sobre os Wailers, certo? (*risos*).

Nós três trabalhamos juntos por um tempo, sofrendo, teorizando e gravando. Aí eu disse: Uns caras na Inglaterra querem lançar nosso disco, por isso estou indo para lá saber como é que é, quero acompanhar meu trabalho com meus próprios olhos. Não sei muito bem o que aconteceu, mas eu senti que poderia ficar uns dez anos sentado aqui na Jamaica — tínhamos um monte de trabalho acumulado e nada acontecendo. Não gostava disso. Sofri muito no gueto, você sabe, e o último lugar em que havia morado era uma cidade fantasma, até o governo derrubá-la.

Então eu estava saindo fora, dizendo algo do tipo: Se vocês não quiserem vir comigo, não venham. Aí formei os Wailers. Agora, o grupo é quem quer que esteja tocando comigo. Poderíamos ter mais de um Wailers. Se Bunny e Peter tivessem vindo falar comigo, dizendo que não queriam mais trabalhar junto, tudo bem, mas o que aconteceu foi que certos comentários começaram a ser espalhados, sem nada ser dito diretamente. Todo mundo queria saber por que não estávamos mais trabalhando juntos, o que havia acontecido e a verdade é que até hoje não sei a razão, pois todo mundo é simplesmente hipócrita. Bunny não queria excursionar e posso entender isso. Aí leio no jornal, Peter falando sobre finanças, eu não entendo nada disso. Quando trabalho, tenho de ser pago. Nenhum de nós sabia alguma coisa sobre negócios, nem tínhamos um empresário. Bem, eu dizia que íamos excursionar e outras pessoas diziam que não — isso chegava a mim, mas nunca diretamente. Foi aí que resolvi que quem quisesse tocar comigo seriam os Wailers. Se não quisessem trabalhar, problema deles, eu não me importava. Se eu tiver que dar a volta ao mundo tocando, eu vou. Se nós três cantamos num disco e, depois de pronto, não queremos mais cantar, é uma

perda de tempo. Não estou nessa profissão para sofrer, depois de Deus mostrar como tudo pode ser facilitado, embora certas pessoas possam dizer que é uma atitude materialista. Eu não ouço o que as pessoas dizem porque muitas delas são simplesmente hipócritas.

Mas eu acho que as pessoas te invejam porque...

Você pode me invejar porque eu me seguro. Se vejo uma vovó tropeçar e corro para ajudá-la, ela joga seu peso sobre mim. Quando a solto, ela diz: Deus te abençoe, meu filho. Não, ninguém pode tirar esta bênção de mim. A mesma coisa com meus amigos. Você vê os amiguinhos com que você cresce, eu não lido com essas coisas, fui mais longe do que a amizade. Eu estava totalmente sozinho, aprendendo a me virar, muito antes de conhecer qualquer amigo.

Se quiserem brigar comigo, eu brigo, ninguém é pior do que eu. Quanto mais pessoas quiserem lutar, melhor para mim, pois posso sentar e meditar sobre a razão que teriam para me combater e com isso posso compor uma música. Como você acha que fiz "I Shot The Sheriff" e todas aquelas músicas? Só com as brigas internas em meu próprio grupo.

Como a consciência Rastafari influenciou a sua música?

Não entendo essa pergunta, pois Rasta é tudo, não uma influência. Não conheço nenhuma outra coisa além de Rasta.

Nos seus primeiros trabalhos não havia tantos protestos militantes quanto atualmente. Há uma conscientização aí ou o quê?

Veja, a primeira música que eu fiz chamava-se "Judge Not" ("Não Julgue"). Mas eu sou um hômem e também tenho de cantar canções de amor — desde que sejam naturais, que as pessoas possam entender que é algo diferente do que só dizer "baby, baby, eu te amo". Isso pode até elevar o espírito de uma mulher, fazer ela pensar de uma maneira mais positiva.

Vou te contar uma coisa, é simples assim. Se você e eu cantássemos num grupo, com mais alguns músicos, aqui na Jamaica... Esta é a minha história. Dizem que toda história tem três, quatro, cinco versões, mas eu não lido com versões, lido com a minha história. Trabalhando na Jamaica, foram dez anos sendo roubado e eu nunca quis apelar para a violência, não compensa. Jah me deu a inspiração para trabalhar, me guiou e me protegeu. O único modo de eu poder ser mais livre era trabalhar e ficar conhecido — não só minha pessoa, pois eu defendo a África. Como eu estava dizendo, digamos que eu e você tivéssemos um grupo. Poderíamos ficar tocando só na Jamaica ou ir para o estrangeiro. Se você tiver uma razão para não irmos para o estrangeiro, tem de mostrá-la para mim. Não me preocupo com superstições, eu sinto que somos nós que governamos a Terra. Não me importo em que parte do planeta eu esteja, sou eu quem governa. Não temos medo, podemos ir para qualquer lugar. Pois se algo pode te corromper, você já está corrompido, entende? Como se você, indo para a Inglaterra, não fosse mais Bob Marley & The Wailers, se transformasse instantaneamente (*estala os dedos*) no Jackson Five. Não funciona assim, é ignorância. Eu sei lidar com isso. Se você me dissesse que não deveríamos ir para a Inglaterra nem para os EUA porque blablablá... cada um acha que uma coisa é melhor para si, aí temos uma diferença, o suficiente para pararmos de trabalhar juntos. Você sabe, esse tipo de coisa acontece o tempo todo. O tempo todo estamos crescendo, ganhando experiência. Eu tenho sete filhos, tenho de cuidar deles e poderia ficar na Jamaica trabalhando para isso. Estas são as coisas simples, mas não é o meu lance. O meu lance é juntar as crianças — dizem até juntar o rebanho, coisas assim. Não estou querendo dizer que seja algo grandioso, como se eu fosse um Moisés, mas tudo que pedi a Jah foi um trabalho para fazer, senão me sinto inútil. Ele me disse: Tudo bem, este é o seu trabalho, se você quer fazê-lo, terá de fazê-lo... e eu fiz.

Alguém te perguntou uma vez, em Londres, por que você ainda não tinha ido à África e você respondeu que não precisava ir até lá para ver como as coisas eram, porque você sabia que, se fosse, não voltaria mais.

Me vêem como um *entertainer* e tentam imaginar por que, se eu posso pagar a passagem, não vou para a África. O que estou tentando demonstrar é que, se fizesse isso, estaria fugindo da minha causa. Que é trabalhar para que todo o povo possa ir para a África. Isso é o que eu quero.

Quanto tempo você acha que vai demorar essa unidade de todos os povos africanos?

Poderia acontecer agora.

Como podemos fazer isso acontecer o mais rápido possível?

Não vou dizer, porque poderiam tentar nos impedir.

A música vai fazer isso?

Bem, esta é a consciência da Terra, todo joelho se dobrará e toda língua confessará, e Rastafari é o Todo-Poderoso. Este é o poder sobre a Terra.

Agora que você se tornou uma pessoa poderosa no mundo da música, as pessoas estão começando a se aproximar...

Jah diz que até os músicos estarão lá, e você pode imaginar que tem um monte de gente que ama a nossa música e eles estarão lá também. Mas tem de amar a música, porque para amar a minha música é preciso amar a realidade. As pessoas que amam a minha música são diferentes das que amam Barry White. A música nunca vem em vão, você sabe.

Você acha que a fama, e o que ela significa — que parte de você pertence agora ao mundo da música —, você acha que isso pode te mudar ou afetar suas crenças de alguma forma?

De jeito nenhum, você está louco, eu estou sob controle. Nada nem ninguém pode mudar, a não ser que essa mudança já esteja lá dentro. Nada acontece, tudo que você vê já estava ali antes do homem. O diabo captura certas pessoas, está certo. O diabo possui alguns e Jah possui outros, se você me entende, alguns tiveram de morrer, muitos mais terão de morrer, há há há.

Sony faz a sua cabeça.
SONY
AUTO REVERSE
WALKMAN SPORTS
WM - BF 59
WM - F2015
Agora no Brasil
WALKMAN
Marca e produto criados pela SONY
SONY

ENGENHEIROS DO HAWAII

LOBÃO

LULU SANTOS

NENHUM DE NÓS

CAPITAL INICIAL

TNT

O MELHOR DO ROCK BRASIL PARABENIZA A REVISTA DO ROCK BRASI

SEXTO ANIVERSÁRIO

JUKEBOX

JOANIE SOMMERS

Durante um ano inteiro seu lançamento foi preparado pela gravadora. Nesse período, Joanie Sommers apareceu nos shows de TV produzidos pela própria Warner e estreou em disco cantando nas *novelties* de Edd "Kookie" Barnes, seu colega na série *77 Sunset Strip*. Em seguida, como teste, editou-se um *single* com a balada "One Boy" (da peça *Bye Bye, Birdie*). Mas o lançamento, para valer, foi no final de 59: o álbum *Positively The Most!*, que trazia na capa uma mensagem apostando tudo na nova cantora: "... temos certeza de que Joanie Sommers representa a maior revelação dos últimos quinze anos...". Basta uma audição para saber por que — aos dezoito anos, ela tinha um swing, um senso de divisão, uma capacidade de brincar com o ritmo e afinação comparáveis às melhores e mais experientes cantoras americanas. A esperteza de sua voz jovem denunciava a estreante que em pouco tempo se tornaria uma sensação.

O segundo LP, com *standards* da música americana, ganhou um título ousado, *The Voice Of The Sixties!*, e toda a carreira de Joanie se equilibrou entre *jazz/easy listening* e música pop para jovens.

Em 61, a Pepsi detonou uma campanha milionária que dividiria o mercado das colas nos EUA. Joanie foi escolhida Pepsi Girl e gravou o principal *jingle* da campanha, "For Those Who Think Young", com tanto sucesso que ficaria ligada à Pepsi durante anos. (Em 62, foi reeditado o *single* "One Boy", em que se ouvia a então Pepsi Girl cantar "one boy to have a Coke with" — "um garoto para se tomar uma Coca junto". Ironias da propaganda.)

O ano de 62 foi todo seu: ganhou prêmio da revista *Cash Box*, ficou famosa (e talvez rica) com a Pepsi, teve um compacto no *Top Ten* e lançou três LPs, *For Those Who Think Young, Johnny Get Angry* e *Let's Talk About Love*. O segundo, por ser o único de seus LPs não dirigido exclusivamente ao público adulto, é o mais interessante. A Pepsi Girl não conhecia limites, podia até meter o narizinho sardento em qualquer rock descabelado e sair-se bem.

Em 63, lançou o LP *Sommers' Seasons*, com canções tendo como tema as estações do ano. Em 64, apareceu no filme *The Lively Set*, ao lado de James Darren e Pamela Tiffin. Em 65, pegando as reverberações da bossa nova, lançou seu melhor álbum, *Softly, The Brazilian Sound*, com Laurindo de Almeida. Além de comprovar a enorme influência da bossa nova na música americana e apresentar Joanie no seu máximo, o LP contém as melhores interpretações de "Meditação", "Corcovado" e "Manhã De Carnaval". Em 66, lançou pela Columbia o LP *Come Alive*, aproveitando a fama de outro *jingle* da Pepsi, homônimo. Até o final dos 60, Joanie passou pela Capitol, Happy Tiger e Warner/7 Arts. Nos anos 80, gravou para a Discovery e a Horn, mas nenhum disco foi editado. Há uns dois anos, saiu no Japão um CD chamado *Tangerine*, com gravações novas. A música é aquela que ela cantou melhor, a nossa velha conhecida bossa nova...

RENÉ FERRI

DISCOGRAFIA SELECIONADA

LPs

Positively The Most!
(Warner, 59)
Johnny Get Angry
(Warner, 62)
Softly, The Brazilian Sound
(Warner, 65)
Todos editados nos EUA

CONEXÃO BRASIL

SALVADOR

Uma história de amor perdido, narrada sobre um rock pós-punk dançante, foi a grande sensação das rádios na Bahia pós-Carnaval. A música é "Quando Eu Bater À Sua Porta"; o grupo, um certo **Elite Marginal**, do qual nada se esperava até o lançamento da coletânea de bandas iniciantes *Rock 96* (*ver* BIZZ 66). Formado por Maico Ribeiro (guitarra, vocais), Heverton Ribeiro (baixo) e Mauro Rodrigues (bateria), o Elite está na estrada desde 86, e já havia dado o ar de sua graça em outra coletânea, *Rock: Conexão Bahia*. Mas foi com o novo hit que esses discípulos confessos do Jam extrapolaram, conseguindo doze execuções diárias em algumas rádios da cidade.

Entusiasmados, os rapazes do Elite já pensam na gravação de um LP, em negociação com duas gravadoras. "Rock no Brasil ainda vale a pena", diz Maico. "Não estamos ganhando nenhuma grana com ele, mas botamos fé..."

Luís Cláudio Garrido

Fernando Vivas Azul

RIO DE JANEIRO

Foi uma demonstração de reconhecimento explícito. Depois de assistir a um show da banda carioca/capixaba **Combatentes Da Cidade**, representantes da rádio Fluminense propuseram ao grupo que gravasse uma nova fita demo para ser veiculada pela emissora. Alexandre Lima (guitarra, vocais, sax), Saulo Simonassi (guitarra, vocais), Rogério Moitinho (baixo) e Serginho Melo (bateria) já rodavam pelo circuito de rádio desde 89, com uma gravação demo de "Funk Na Favela". A banda produz um som que mescla influências de blues, soul, reggae e até do gênero afro-indígena-brasileiro congo (em alguns shows, eles são acompanhados pelo grupo de congo Banda 12, com 17 percussionistas). Outra arma dos Combatentes são as letras urbanas, no estilo Barão Vermelho. "Não acho que a música vá mudar o mundo", diz Alexandre. "Mas dá para dar um toque."

Eduardo Feijó

SÃO PAULO

Uma das melhores fitas a aterrissar na redação nos últimos meses foi a do grupo paulista **Firebox**. Os garotos executam um heavy metal elaborado, com um bom trabalho de guitarras e sem os exageros comuns no gênero. "Queremos fazer um som que combine rapidez, técnica e melodia", explica Paulo Thomaz, ex-baterista do Centúrias. Paulo foi o último a entrar, em 89, aceitando o convite de Michel Perie (guitarra, vocais), Marcelo Araújo (guitarra) e Luis Mariutti (baixo), juntos há meses.

Starting Fire, a demo em questão, foi gravada em 90. Desde então, a banda já tocou em várias casas noturnas de Sampa e preparou material suficiente para um LP. Por enquanto, continuam sem contrato. "Achamos que existe espaço para um som mais trabalhado, na linha do Iron Maiden", declara Paulo. "O thrash está saturado e, além do mais, já tem dono: o Sepultura." Contatos com a banda: Firebox — Caixa Postal 18890, CEP 04699, São Paulo, SP.

Marisa Adán Gil

Marcio

Alexandre Kruspmark

★ Mais uma do velho e bom Arthur G. Couto Duarte. Ele edita, ao lado de João Eduardo de Faria Filho, o fanzine mineiro *Let It Rock*, que teve seu número 0 lançado em março. Riquíssimo em informações e recheado com ensaios e resenhas sobre grupos de rock de hoje e ontem, o fanzine deve circular bimensalmente, podendo ser adquirido em lojas de discos especializadas. Quem desejar informações ou quiser fazer pedidos pelo correio, deve enviar envelopes selados para resposta. O endereço é: Rua Rio de Janeiro, 927, Loja 20, CEP 30190, Belo Horizonte, MG.

★ Também de Minas — mais exatamente, Divinópolis — vem o fanzine *Distraídos Venceremos*, produzido pelo pessoal do Liceu Underground. Música, poesia e cinema numa edição confusa, mas interessante. Escrevam para Rua Rio Grande do Sul, 555/102, CEP 35500, Divinópolis, MG.

★ *Pico de Pena* é o que poderia se chamar de "fanzine de um homem só". Júnior é o autor de todos os desenhos (70!) que ocupam as páginas do segundo número do fanzine, lançado em fevereiro. Os interessados em comprar um exemplar ou colaborar podem escrever para Rua Paes de Carvalho, 1533, CEP 68745, Belém, PA.

LIVRARIA DO ROCK

Rock in Books

O show continua. Página por página.

Na Livraria do Rock o show não pára.
Verdadeiras páginas musicais de grande inspiração ou piração. Depende...
O importante é o retrato fiel e, às vezes, surpreendente do seu ídolo.
Comprove. Vale a pena!
Veja abaixo alguns títulos, todos importados das melhores editoras inglesas ou americanas.
Se o seu ídolo não estiver aí, reclame!!!
Escreva-nos e enviaremos uma lista completa específica para você.
Não perca este show.
Com certeza vai valer o ingresso.

U2 - POSTER BOOK

Livro tamanho gigante com 20 posters destacáveis e exclusivos.

Cr$ 6.050,00

Temos vários títulos do U2, inclusive revistas importadas por **Cr$ 1.500,00**

NEW KIDS ON THE BLOCK

Fotógrafo: Goldsmith.
Livro oficial de fotos do New Kids On The Block.
160 páginas com 220 fotos.

Cr$ 15.270,00

LED ZEPPELIN: A VISUAL DOCUMENTARY
96 páginas com 41 fotos a cores e 132 fotos preto e branco.
Cr$ 8 565 00

LED ZEPPELIN: HEAVY METAL PHOTO BOOK
96 páginas com 58 fotos a cores e 61 fotos preto e branco
Cr$ 6 565 00
Temos vários títulos da banda Led Zeppelin, inclusive songbooks para guitarra, piano, guitarra baixo e percussão.

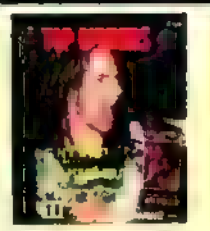
MADONNA LIVE
Um livro cheio de fotos feitas durante a tour "Who's that girl" 36 páginas.
Cr$ 3 780,00
Temos 3 revistas importadas exclusivas da Madonna.
Cada Cr$ 1.500 00

METALLICA: WHIPLASH
O primeiro livro que conta toda a história da banda Metallica. 60 fotos distribuídas nas suas 64 páginas.
Cr$ 6 650 00

METALLICA KILL EM ALL (EASY GUITAR)
Songbook da banda com arranjos facilitados para guitarra
Cr$ 5 750 00

JAMES DEAN - POSTER BOOK
Livro gigante com 20 posters exclusivos e destacáveis
Cr$ 6 050 00

JAMES DEAN IN HIS OWN WORDS
O mundo visto pelos olhos do maior sex symbol da America e um dos mais populares ídolos de todos os tempos. 96 páginas de grandes recordações.
Cr$ 6 650 00



GUNS N' ROSES - TOP GUNNERS
Revista importada que se transforma num poster gigante
Cr$ 1.600,00

MANIAXE - GUNS N' ROSES
Revista importada com a banda GUNS N' ROSES (capa), METALLICA, ANTHRAX, W.A.S.P.
Cr$ 1 500 00

MANIAXE 3
Revista importada com GUNS N' ROSES, DEF LEPPARD, POISON, VIXEN e W.A.S.P.
Cr$ 1 500 00

SKID ROW - MANIAXE 6
Revista importada com SKID ROW (capa e reportagem principal) MEGADETH, THE QUIREBOYS, DAN REED além de 1 poster do GUNS N' ROSES.
Cr$ 1.500 00

BONO: IN HIS OWN WORDS
Bono fala sobre religião, política e música e muito mais! Altamente ilustrado com fotos preto e branco em 96 páginas
Cr$ 5 695,00

U2 - THREE CHORDS & THE TRUTH
Um livro que conta toda a história da banda U2. Entrevistas atualizadas, reportagens de bastidores etc. 160 páginas brilhantemente ilustradas
Cr$ 9 520 00

DEEP PURPLE. HM PHOTO BOOK
A história ilustrada de uma das maiores bandas de rock do mundo. 96 páginas com 45 fotos a cores e 73 fotos preto e branco.
Cr$ 7 610 00

BEATLES THE CONCISE BEATLES COMPLETE
Pela primeira vez reunidas num só livro todas as letras, melodias e acordes de tudo que os Beatles gravaram. Com discografia e muitas fotos. Na capa os autógrafos impressos dos quatro integrantes da banda. Indispensável!
384 páginas
Cr$ 12.390,00

IRON MIGHTY - IRON MAIDEN
Revista importada com Iron Maiden, incluindo um poster.
Cr$ 1 500 00

IRON MAIDEN - SEVENTH SON OF THE SEVENTH
Songbook da banda com letras e arranjos para guitarra.
Cr$ 6.650,00

ELVIS PRESLEY - THE COMPLEAT ELVIS
Livro de luxo com todas as canções que Elvis gravou, discografia e fotos do Rei do Rock N' Roll. Indispensável. 232 páginas finamente encadernadas
Cr$ 12 390 00

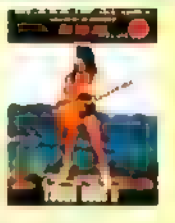
ELVIS. A TRIBUTE TO HIS LIFE
O livro mais completo sobre toda a vida do Rei. Edição de luxo no formato 36,2 x 27,2 cm com 256 páginas. Totalmente ilustrado com centenas de fotos
Cr$ 28 600 00

MANIAXE - ISSUE 5
Revista importada com AEROSMITH, POISON, W.A.S.P. e ALICE COOPER
Cr$ 1 500,00

PINK FLOYD: 21ST ANNIVERSARY EDITION
O maior e melhor documentário visual de toda a carreira da fantástica banda Pink Floyd.
156 páginas com 151 fotos a cores e 36 fotos preto e branco
Cr$ 9 525 00

PINK FLOYD - DARK SIDE OF THE MOON
Songbook para guitarra
Cr$ 10 470 00

MARILYN MONROE. HER LIFE & LEGEND
Edição de luxo, altamente ilustrada contando toda a verdadeira história de Marilyn Monroe, a grande estrela de Hollywood dos anos 50. Ilustrado com 450 fotos distribuídas nas suas 256 páginas
Cr$ 27 670 00



BON JOVI BLAZE OF GLORY
Songbook com 10 músicas inspiradas no filme "Young Guns II"
Cr$ 6 650 00

BON JOVI - ROCK SCORE
Arranjos completos para bandas dos principais sucessos da banda de Bon Jovi
Cr$ 6 650 00

BON JOVI - AN ILLUSTRATED BIOGRAPHY
A história completa da banda que transformou Bon Jovi no primeiro sex symbol do hard rock
64 páginas repletas de fotos
Cr$ 6 650 00

BON JOVI
Revistas importadas amplamente ilustradas com fotos. STAR BLITZ SPECIAL HITS MANIAXE e NEW FROM STAR BLITZ
Cada Cr$ 1 500 00

PREÇOS VÁLIDOS ATÉ 10/08/91

TEMOS MAIS DE 2.000 TÍTULOS IMPORTADOS DA INGLATERRA E DOS ESTADOS UNIDOS EM CONSTANTE RENOVAÇÃO. ESCREVA-NOS SOLICITANDO A LISTA DOS SEUS ARTISTAS PREFERIDOS.

ENVIE-NOS SEU PEDIDO COM O NOME DO LIVRO ANEXANDO CHEQUE NOMINAL A SBS - Special Book Services ou VALE POSTAL

SOLADRA

SBS Special Book Services

LIVRARIA DO ROCK

SÃO PAULO: R. Augusta, 1206 (Consolação) Fax: (011) 283-2309 - CEP 01304
RECIFE: R. Princesa Isabel, 129 (Centro) Tel.: (081) 222-2899 - CEP 50070
PORTO ALEGRE: R. Riachuelo, 838, Cj. 2 (Centro) Fax (0512) 28-1260 - CEP 90010
RIO DE JANEIRO: R. Francisco Serrador, 2 - Sala 903 (Cinelândia) - Tel. (021) 220-9016 - CEP 20031

DANCE MUSIC

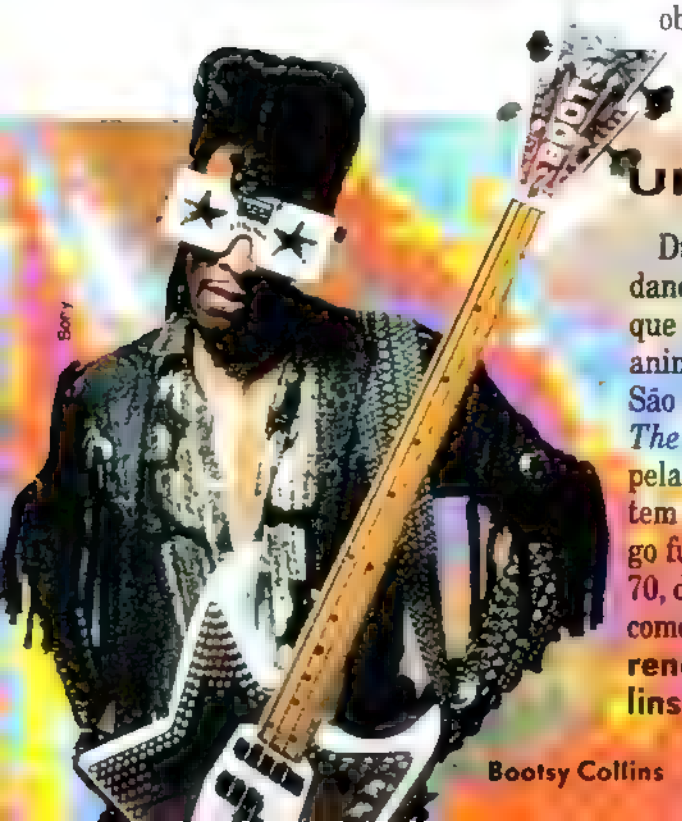
ITALO HOUSE PARTE II

Lembra-se quando, em 89, apareceram todos aqueles entorta-espinhas de selos obscuros como Disco Magic e Flying, com nomes como Davioli, Bortolotti e Limoni nos créditos? Foi quando músicas como "Ride On Time", "Número Uno", "Touch Me" e "Going Back To My Roots" anunciaram uma furiosa invasão do produto italiano nas pistas do mundo. A ítalo house, como ficou conhecida, favorecia pianos em abundância, refrões soul-disco aos urros e usava samples impetuosamente. Além de tudo, era viabilíssimo comercialmente, um gênero com tudo em cima para o crossover pista-charts.

O problema é que, de repente, brotaram intermináveis e insuportáveis discos tentando mal e porcamente se instalar no bonde ítalo. Junte a isso o aparecimento de formas como as batidas cool, o tecno, o ragga e o dance-indie rock, e você explica o ocaso da ítalo de qualidade.

Mas os estúdios da Bota nunca pararam, tanto que vez por outra, na entressafra, coisas despontavam. É o caso de **Double Dee**, **Piano Negro** e **Lee Marrow**. Mas, este ano, sua produção massiva está sendo redescoberta por DJs ingleses, americanos e brasileiros. Não há pista que resista a esses grooves cataclísmicos, acompanhados sempre e obrigatoriamente daqueles pianos, de um rap meia-boca no estilo hip house, e de um refrão gancho que te pega pelo colarinho, gira e joga contra a cama elástica do baixo. A mensagem é rave puro: jogar as mãos para cima, amar o próximo e mergulhar no ritmo.

Como há muita coisa rolando para registrar tudo, comece por estes: **Frank K**, "Everybody Let Somebody Love"; **FPI Project**, "Everybody"; **DJH feat. Stefy**, "Think About..."; **Beverlee**, "Set Me Free"; **Katherine E**, "It's Alright"; **Xpansions**, "Move Your Body"; e a essencial *Paradiso*, compilação dupla com 12 faixas escaldantes. Capito?



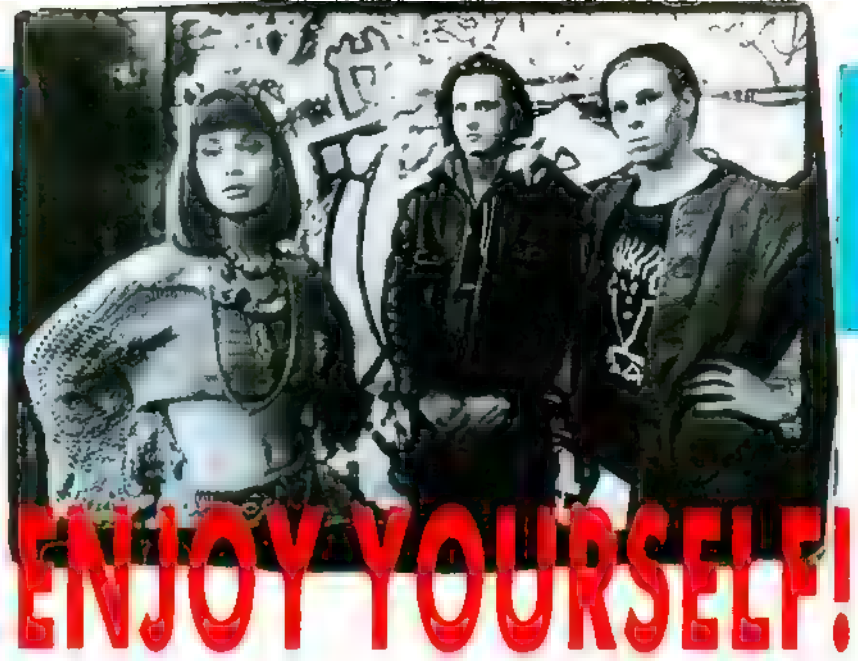
ULTRA • HIPER • MEGA • BÁSICO

Duas coleções de velhos hits dançantes tão imprescindíveis que vale a pena penhorar seu animal de estimação por elas. São elas: *Funk In Yo'Face* e *The Disco Years 1974-1978*, pela WEA. Na primeira você tem grandes singles do catálogo funk da gravadora dos anos 70, de artistas da velha guarda como **Jimmy Castor**, **Clarence Reid**, **Bootsy Collins** e **Sly And The Family Stone**. O som é bem influente, quer dizer, mais do que uma fonte de sample de rap pode ser localizada aqui.

Na segunda você ganha uma ótima reunião de diamantes — discos dos talentos de **Candi Staton**, **Sister Sledge**, **Chic** e **Trammps**. Aula de história e hora do recreio ao mesmo tempo. A edição é de primeira, com texto explicativo, repleto de dados.

CORREÇÃO

— Assim que fechamos a edição passada, chegou a notícia de que o **Massive** decidiu reincluir o Attack no seu nome. Portanto eles são novamente **Massive Attack**.



ENJOY YOURSELF!

BMG Ariola

N-JOI Visualize um comboio de Scanias guiados a toda velocidade por andróides de última geração. Você visualizou a música da dupla inglesa N-Joi. Dois singles, "Anthem" e "Adrenalin", destroçaram as pistas inglesas e depois atingiram o topo das paradas. N-Joi, isto é, Nigel Champion e Mark Franklin, que inclui tecno, italo, new beat, hip hop etc., estará tentando contato em breve na sua pista. *Bleep!*

Hello Afrika

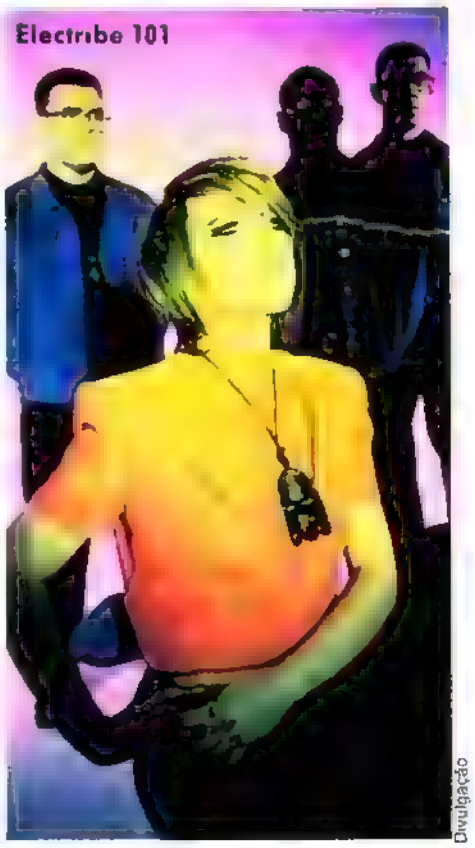
Dr. ALBAN Historinha curiosa essa: um cara da Nigéria, Africa, resolve ir para a Suécia estudar odontologia. Só que ele acaba fazendo dance music de muito sucesso, da Europa ao Brasil. É o Dr. Alban, DJ, promotor de clubes e dono de uma loja de roupas. Grava pela Swemix, o selo que botou a Suécia no mapa da dance. "Hello Afrika", um massacre percussivo afro-reggae-hip hop, é a que todo mundo está Sinéad O'Connor de ouvir. Para quem quiser mais, como os hits "No Coke" e "You And Me", o primeiro LP de Dr. Alban *The Album — Hello Afrika*, está saindo no Brasil. Ah! Fique atento para a cover oportunista de "Hello Afrika", de um tal Terra One, que circula por aí. É pior.

PARADAS

EUA Billboard 15/6

"Good Beat" **Deee-Lite** (Elektra)
"Gypsy Woman" **Crystal Waters** (Mercury)
"Tonite" **Those Guys** (MCA)
"Fascinating Rhythm" **Bass-O-Matic** (Virgin)
"(I Wanna Give You) Devotion" **Nomad** (Capitol)

O DJ Renato Lopes (Nation, São Paulo) e o top em divas vocais:
"You Got The Love", **The Source feat. Candi Staton**;
"Gypsy ... ", **Crystal Waters**;
"Faith In The Power Of Love", **Rozalla**;
"Talking With Myself", **Electribe 101 (Billy Rae Martin)**;
"Silent Voice", **Innocence (Gee Morris)**



Divulgação

nas PISTAS

"Where Love Lives", **Alison Limerick** / "Another Sleepless Night", **Mike 'Hitman' Wilson feat. Shawn Christopher**
Candidatas a diva house soul mostram serviço em cima de muita melodia e suingue

"Alright", **Urban Soul**
Deep house frenético. O baixo reverbera, a batida devasta e os vocais mandam soul cristalino.

"Ring My Bell", **Monie Love & Adeva**
Esperava-se tudo dessa colaboração dos deuses, menos esse groove house comunzinho com joguinho de vozes.

"Gypsy Woman", **Crystal Waters** / "Is It Love?", **Ultra Naté**
Duas refinadas produções dos Basement Boys, de Baltimore Vocalistas escolhidas a dedo e base house chique mas endemoninhada.

"Good Beat ESP", **Deee-Lite**
Por que o Deee-Lite não acerta nos remixes? No LP, essas faixas arrebentam, mas estas remixagens só chovem no molhado.

"Ring Ring Ring", **De La Soul**
"Same Song", **Digital Underground** (do EP *This Is An EP Release*)
Sem deixar a peteca cair. O DLS pulsa meio jazzeado. O DU segue o veio P-Funk aloprado, com direito a longo solo de órgão

"Anthem", **N-Joi**
Espetacular. Para largar tudo, bater a cabeça no teto e pular descontrolado

"Think About...", **DJ H feat. Stefy**
Cowabunga! Pizza! Mais bombardeio italiano. Não tente contar os mortos e feridos depois que acabar.

LPs

IMPORTADOS NOVOS: *The Incredible Sound Machine*, **Mantronix**; *Rebirth Of Cool*, coletânea com **Dream Warriors, A Tribe Called Quest, Soho** e **Gang Starr**; *The Nature Of A Sister*, **Queen Latifah**; *Blood, Sweat And No Tears*, **Stetsasonic**; *Intercourse*, **S'Express**.

Mantronix

AO VIVO

SEPULTURA

Pacaembu (SP)

Jorge Rosenbe g Azul

O dia 11 de maio de 91 foi um dos mais importantes para a história do rock no país. Não, não é presunção. Nesse dia, trinta mil pessoas foram à Praça Charles Miller, em frente ao estádio do Pacaembu, para o show de despedida do Sepultura, que no dia seguinte embarcou para uma consagradora turnê pela Europa, Estados Unidos e Canadá. Não importa se o som não estava tão bom, ou se a apresentação foi curta demais. O significado do evento é que conta. Aquela tarde pode ter marcado a retomada da credibilidade pelas bandas nacionais, perdida quando o BRock foi encampado pela indústria.

Faz apenas alguns anos, a "sociedade brasileira" abraçou os roqueiros como filhos pródigos. Bem-comportados e lucrativos. Garantiu-lhes espaço na mídia, o lançamento de seus livros de poesia em disputadas noites de autógrafo, a participação em campanhas filantrópicas — e o beija-mão com a geração musical anterior à sua, notadamente os medalhões da MPB. Mas as colunas sociais também estão à procura de caras novas, e os posters dos quartos das menininhas se deterioram rapidamente... E o efeito RPM, que já vitimou tantos grupos descartáveis.

Bandas como o Sepultura, goste-se ou não delas, ou de heavy metal (e isso vale não só para o metal, mas para o reggae, a dance, ou o que quer que seja), impõem-se pela honestidade. Evitam essa síndrome, pois conquistam seus fãs seletiva, gradativa e arduamente, às custas de seu som e de sua postura. Na panela (de pressão) do Sepultura entram apenas a banda e seus fãs.

O Sepultura conseguiu chocar novamente a sociedade. "Deus escreve certo por linhas tortas", é o dito popular. Os acontecimentos lamentáveis da tarde do dia 11 de maio — a morte de um jovem baleado, e isso depois de um outro ter morrido, esfaqueado no show dos Ramones, poucos dias antes — foram apenas o pretexto para colocar os reacionários novamente contra o rock. Mas, ao contrário do que se possa pensar, esse enfrentamento é benéfico. De qualquer modo, é inevitável. As melhores fases da história da música jovem sempre foram aquelas em que o rock esteve de mal com o mundo.

ANDRÉ BARCINSKI

"Hammer", o apelido, veio de sua semelhança e adoração adolescente por "Hammerin' " Hank Aron, um jogador de beisebol. Mas Stanley, ou Hammer, o MC, já deixou a adolescência para trás há muito tempo (sua idade é um segredo muito bem guardado), e sua adoração é hoje reservada para outros ídolos: o deus cristão e o deus verdinho. No palco, ele veste aquelas calças ridiculamente largas, que parecem fraldas — por falar nisso, é proibido aos jornalistas mencioná-las durante as entrevistas! —, mas fora do palco Hammer é acima de tudo um homem de negócios. Sua turnê, por exemplo, é uma verdadeira operação militar: quem não seguir as regras impostas pelo General Martelo — por exemplo: não beber, não fumar, ir para a cama antes da meia-noite, rezar antes do show — tem que pagar uma multa. Como se isso não bastasse, Hammer descobriu Deus durante sua estadia na Marinha americana e vem atazanando a todos com seu rap "positivo" desde a época de seu primeiro duo, os Holy Ghost Boys. O fato de seu rap insosso ter implodido nas paradas do planeta irritou a comunidade hip hop. Não importa quantas vezes Chuck D tente defendê-lo, ele ainda é visto como o Pai Tomás do rap.

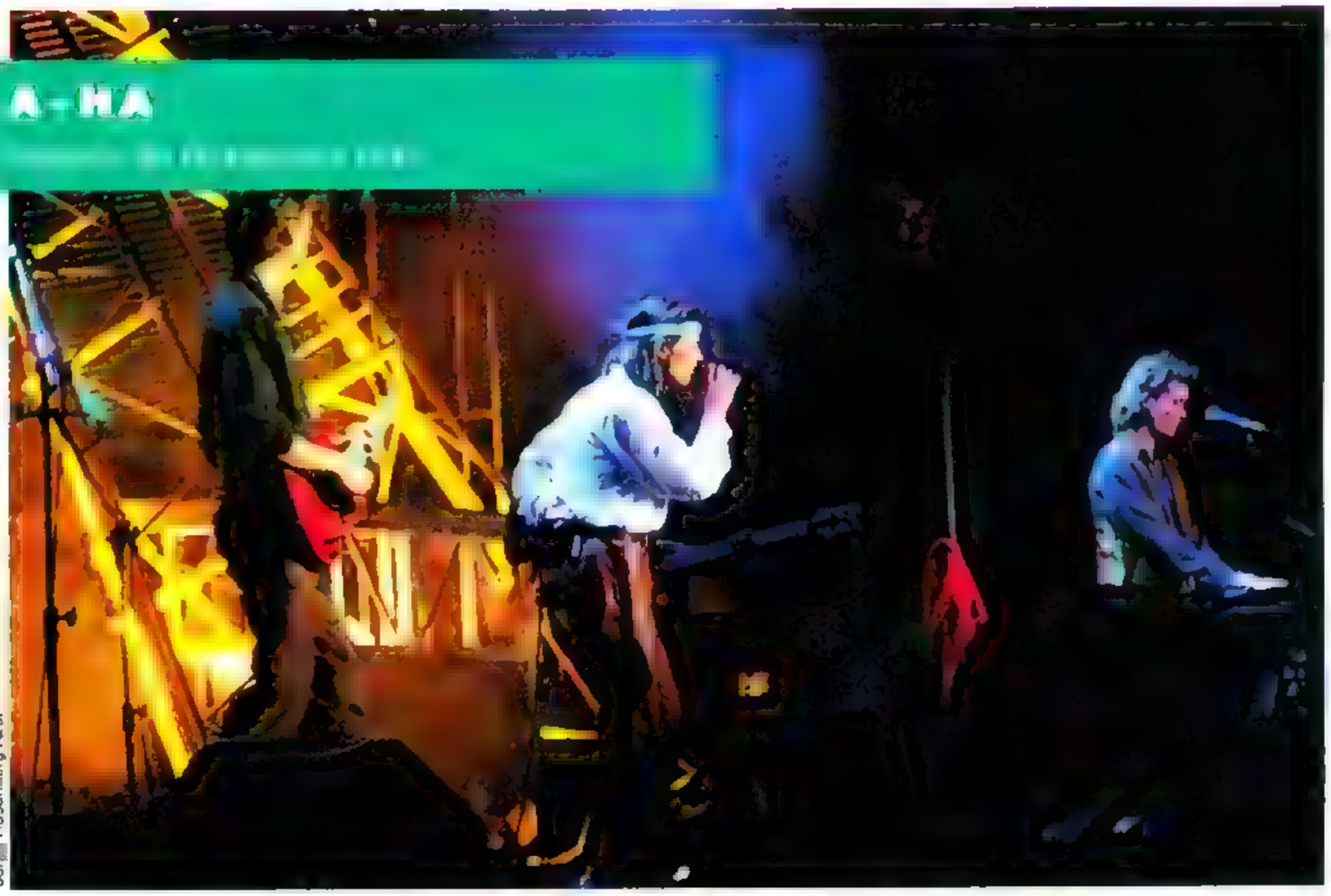
Fui para a Wembley Arena de cabeça leve e coração cheio de esperança, preparada para uma noite de pura diversão. O Snap! até que agitou um pouco a garotada com seu show de abertura, mas continuo convencida de que aquele grito de "I've Got The Power..." é o único achado interessante de Turbo B.

Os acordes majestosos de *2001 — Uma Odisséia No Espaço* anunciam a chegada da turma de Hammer. As silhuetas no palco provocam um verdadeiro maremoto na platéia. Assim que as luzes se acendem, percebo duas coisas: a) há umas trinta pessoas no palco, b) este show promete ser extremamente brega. Os telões mostram uma garrafa daquela bebida escura e gasosa a qual Hammer vendeu a alma, e seu co-rapper, Frosty, grita no microfone. Não sei mais quem é quem. Mas espere aí... aquele de jaqueta dourada, diferente de todo mundo... Hammer! (desculpe, é difícil reconhê-lo sem os guarda-costas). "Here Comes The Hammer" e "Let's Get It Started" dão início ao espetáculo. Todo mundo, de verde e preto, dança e pula (seus dançarinos são realmente incríveis), enquanto Hammer e Frosty tentam dar uma de engraçadinhos. Sobre a música há pouco a dizer. "Help Children" é Marvin Gaye, "Pray" é Prince, "U Can't Touch This" (com o palco cheio de crianças e a presença do humorista Jim Belushi) é Rick James (puxa, Hammer, você toma emprestado *tanta* coisa de *tanta* gente *tão* boa: como fez essa música tão chata?).

Mas nem só de tédio vive o Martelo. Ele também chega a ser ofensivo: durante uma hora e meia de show, apenas umas dez músicas são apresentadas. O restante é ocupado com discursos cristãos sobre a guerra, a paz, as drogas e as criancinhas (mas só aquelas que bebem uma certa bebida escura e gasosa, né Hammer?). Estou a ponto de invocar Satã quando alguém me sugere que, se eu tivesse cinco anos de idade, estaria curtindo o acontecimento. Bem, se o futuro pertence a estas crianças, então estamos perdidos. *Please*, Hammer, deixe-os em paz!

ANAMARIA G. DE LEMOS

A-HA



Jorge Rosenberg Azul

O A-ha realizou a maior turnê pop já vista por aqui. Parece que só lugares como Anápolis e Santarém ficaram de fora... claro. Em São Paulo, o panelão sem alças, mais conhecido como Ginásio do Ibirapuera, abrigou o esperado espetáculo.

Foi todo mundo. As meninhas bonitinhas, escoltadas pelos namorados inconformados, mais o apêndice obrigatório, a amiga e/ou irmã feia e gorda, aquela que sempre enlouquece e grita mais; o pai/responsável zeloso, de sorriso nos lábios mas, no fundo, mortalmente arrependido de estar ali. E os "jornalistas"... provavelmente encharcando-se na sala dos coquetéis.

O cômodo, para eventos como este, é sacar o surrado chavão "esses caras são ignorados pelo mundo inteiro, por que continuam a fazer sucesso aqui no Brasil?" É provinciano demais, nunca li um inglês detonando o Jason Donovan porque ele é querido na ilha, ou um americano desprezando o Hi-Five por só vender muito nos EUA. Se três noruegueses com os nomes mais esquisitos desde que o ABBA reinava são venerados no Brasil, é porque forjam pop de qualidade. Nada de estranho.

A maior prova disso sou eu mesmo. Um compacto de "Take On Me" (ainda a melhor música deles) é tudo que eu posso oferecer da minha coleção para quem quiser ouvir A-ha. No entanto, consegui reconhecer quase todas as músicas logo aos primeiros acordes. E quando não, o refrão chegava para matar qualquer dúvida.

Falar que o som do Ibirapuera estava ruim virou pleonasmo. Além disso, foi um dado quase irrelevante para um show de luzes e instrumentação precisas, entusiasmo vindo do palco, e delírio insano do público agitando seus colarezinhos fosforescentes.

Tudo somado e convertido em energia bruta, mandaria uma frota de ônibus espaciais para Plutão sem escalas. Quem duvidasse, que levantasse uma taça de cristal ao ar. Não duraria dois minutos sob a barragem de berros estridentes e apaixonados. E, sob o risco de chacota de meus colegas, admito: a comoção causada na platéia por "Take On Me", que cantou sílaba por sílaba, me deixou arrepiado. "The Living Daylights", "Stay On These Roads", "Touchy", "Early Morning", são todas músicas para gente sem medo de ser feliz.

CAMILO ROCHA

MORRISSEY

Antes que você me pergunte... não, ele não cantou NENHUMA música dos Smiths. Como o próprio Morrissey disse: "A Smithologia toda estava grudando nas minhas pernas como algas molhadas, e eu não conseguia me mover". Seu passado é a cruz que ele carrega: um dos melhores poetas de sua geração, lutando contra as expectativas e até esperanças criadas pelo próprio ídolo.

A última vez que Moz se apresentou ao vivo foi em 88, num show meio surpresa em Wolverhampton. Agora, após alguns shows pela Europa, ele inicia suas três datas escocesas, seguidas de oito semanas nos Estados Unidos. Londres? Bem, dizem fontes próximas ao cantor, talvez em setembro; ele está meio nervoso. Em Aberdeen, a arquitetura cinza e sombria parece criar uma estranha coletividade: tem até camisetas do Megadeth no teatro lotado. Não faltam as flores — narcisos, é claro — e jovens rapazes com grandes topetes e colares de contas no bolso de trás de seus jeans. Os alto-falantes despejam pérolas esquecidas dos anos 60, rockabilly e até T. Rex para um público surpreendentemente jovem. (Eu sempre quis saber quem é que comprava os discos solo de Morrissey!)

No começo, ele é apenas uma silhueta, e quando finalmente consigo vê-lo — há centenas de fãs correndo para o palco — acho-o curiosamente irreal: pois Moz é exatamente aquilo que eu esperava! Desde seu jeans preto e blusa prateada transparente, até seu jeito de jogar os braços no ar quando começa a cantar "Interesting Drug". Acredite ou não, ao som de "Mute Witness", "Last Of The Famous International Playboys", "November Spawned A Monster" e "Will Not Marry", a garotada pula como se estivesse entupida de ecstasy.

Para "Sing Your Life", o baixista troca seu elétrico por um acústico, e os topetes da banda

Como os leitores desta revista sabem, os Engenheiros Do Hawaii são simultaneamente o grupo predileto do público e o mais detestado pelos jornalistas, segundo o último *Melhores do Ano*.

É uma situação engraçada, e que faz pensar. Será que o público é cretino? Ou os jornalistas são elitistas? Por que o verso "toda forma de poder é uma forma de morrer por nada" é inferior a "você diz que seu pai não te entende? mas você não entende os seus pais"? Alguém pode dizer por que catzo de razão os Engenheiros Do Hawaii se transformaram, para a crítica, num emblema de tudo que é ridículo e chato no rock brasileiro? Por que é OK tirar sarro do cabelo "paquita" de Gessinger, mas não cai bem gozar o bigodão bolerão de Renato Russo?

Foi caraminholando estas crucialíssimas questões que encarei um show dos Engenheiros no Ibirapuera. O Ibirapuera é por definição um saco. Lembra basquete e outros esportes detestáveis. E ver os Engenheiros não é minha idéia de diversão de sábado à noite. Sábado à noite é para ficar em casa vendo filmes e comendo pipoca.

Ainda mais que isso, foi nem três meses depois do Rock In Rio, e o show do Ibira foi um repeteco do concerto no Maracanã: rock simples com um leve glacê progressivo, num desfilar de hits radiofônicos — aliás, na semana do show, três das dez músicas mais tocadas nas FMs de São Paulo eram dos Engenheiros.

Não gostei do show, ando sem a menor paciência para tudo que não seja metalizado. Agora, não tenho dezesseis anos, que é a idade média do público da banda, e olhando a coisa por olhos de adolescente não dá para negar que os Engenheiros são ótimos. O talento dos moços para confeccionar melodias pegajosas é do nível de Lulu Santos e Guilherme Arantes. A isso, some a imagem de "último dos independentes" da banda, a boa guitarra de Augustinho, as letras Caetanovelosófilas de Gessinger e uma visão sofisticada, literata, do que é rock no Brasil.

O mix funciona. Vende muito e, mais do que isso, é respeitado por quem interessa, o público. Críticos maria-vai-com-as-outras talvez preferissem que o público ouvisse exclusivamente as bandinhas underground de seus amigos ou, melhor ainda, que a garotada só escutasse bandas estrangeiras e ignorasse esse cafonérrimo rock nacional. Não, não é assim que funciona, coleguinhas. Os Engenheiros são bons paca no que fazem e, salvo acidentes de percurso, Humberto Gessinger se tornará nos próximos anos a maior ameaça ao trono de Roberto Carlos. Quem não gostar que vá reclamar com o bispo.

ANDRÉ FORASTIERI

começam a fazer sentido. "Asian Rut" é mais sinistra que o resto, e a inédita "Pregnant For The Last Time" é mais animada do que o nome sugere. Depois de "King Leer" vem uma versão esquecível de "That's Entertainment", do Jam. E aquele comecinho de "Everyday Is Like Sunday",que teria emocionado até uma pedra. Em "Our Frank" — uma música que acho estranhamente não-Morrisssey —, sua blusa já está em pedaços. Parece haver uma série de regras de comportamento para os fãs, e a número um é subir ao palco e beijar o ídolo. "Suedehead", infelizmente, é estragada pela rapidez com que é tocada, e anuncia o fim do show. Dois minutos de gritos e assobios, Moz está de volta dizendo que nos ama e que vai cantar uma música do R.E.M. Termina o show com "Disappointed".

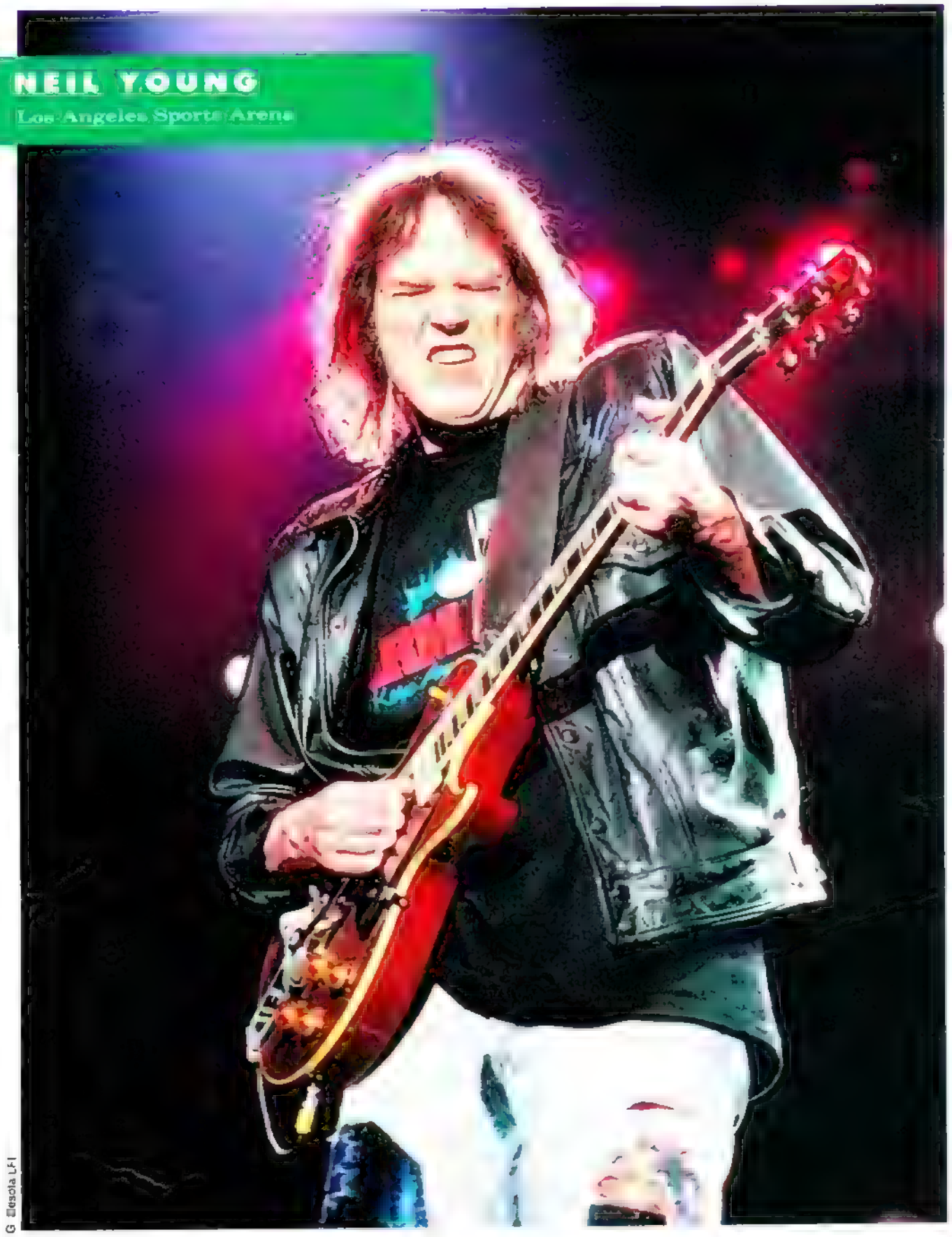
Depois de ter procurado desesperadamente pelo colaborador pós-Marr perfeito, Moz diz ter encontrado os melhores músicos com quem já trabalhou. Para mim, os membros de sua banda não passam de uns rockabillys coitados do norte de Londres que ganharam na loteria. Suas músicas só deixarão de ser comparadas com as do Smiths quando forem tão boas quanto...

Mesmo assim, Morrissey ainda tem todo o carisma de um semideus. Não, não é fácil ser o Morrissey. Mas é isso que o torna aquele Morrissey que todos conhecemos, e alguns de nós amam.

ANAMARIA G. DE LEMOS

NEIL YOUNG

Los Angeles Sports Arena



G. Fiesola LFI

É ta salada de contradições. Enquanto Jimi Hendrix entorta o Hino Americano nos alto-falantes — passando dos sons de bombardeio e destruição à melodia cívica, um eco dos protestos anti-Vietnã dos anos 60 —, um roadie vestido de caipira finge sucumbir ao peso de um microfone gigantesco que tenta erguer, no qual colocará uma fita amarela, tradicional símbolo de apoio às tropas dos Estados Unidos. Como detalhe adicional, é projetado no fundo do palco o símbolo hippie da paz...

Antes mesmo de subir ao palco, Neil Young já está fundindo os miolos de patriotas, esquerdistas, anarquistas e psicodélicos em geral: essa simbologia híbrida significa o quê, afinal? É um toque pacifista? Pró-Guerra? Ou um espelho dos sentimentos contraditórios provocados pela escalada militarista no país?

Confundir, aliás, parece a especialidade de Young, ex-folkie que navegou pelo country agridoce, inventou uma big band conceitual e agora retorna a suas raízes. Ou seja, ao período altamente eletrificado de sua colaboração na banda Crazy Horse, reunido para o álbum *Ragged Glory* e para a atual excursão.

Basicamente um adendo à turnê *Rust Never Sleeps*, esta excursão mantém os mesmos ornamentos de palco — imitações de amplificadores Fender em tamanho gigante — e a mesma atitude: as canções duram tanto quanto Young desejar, dependendo de sua inspiração para um solo; o volume é máximo, quase excruciante; se pintar distorção, melhor ainda.

A zoadeira gloriosa que esse quarteto consegue gerar — ainda mais num estádio como o Sports Arena, onde a reverberação involuntária é uma arte em si mesma — tem proporções de Golias. Neil pisoteia o palco enquanto toca, num arremedo de dança que mais parece uma crise da doença de São Vito. E as canções vão transbordando numa sucessão de *power chords* e *feedbacks*. A dobradinha "My My, Hey Hey (Out Of The Blue)"/"Hey Hey My My (Into The Black)", "Powderfinger", "Cinnamon Girl" e "Rockin' In The Free World", mais uma trinca do recente *Ragged Glory*: "Mansion On The Hill", "Fuckin'Up" e "Love To Burn". Não há espaço, praticamente, entre uma canção e outra. Neil conta "um-dois-três-quatro" e emenda na seguinte, sem respirar.

Neil não faz um show no sentido convencional, não oferece um espetáculo. Ele toca e canta com a convicção e a fúria do coração, com o nervo exposto, sem salamaleques.

E, em meio a tantos símbolos ambíguos e *megawatts* tipicamente grandiloquentes de um show de arena, Neil consegue injetar um sentimento artístico-político especial quando, sozinho e bem devagar, enfatizando os acordes e a microfonia, toca "Blowing In The Wind", um dos mais amargos protestos antiguerra de Dylan.

JOSE EMILIO RONDEAU

PAULO RICARDO

TROPICO PSICO

CD / K7 / LP
Sony Music

OS RATOS ESTÃO SAINDO DO PORÃO. AGARRE O SEU!

RDP

LP. K7. CD.

ELDORADO

DISCOS

COLEÇÃO ROOTS N' BLUES
VÁRIOS (CBS/SONY)

"Você pensa que está pegando o jeito de tocar o blues, e então escuta Robert Johnson — alguns dos ritmos que faz, tocando e cantando ao mesmo tempo. Aí, você pensa: 'Esse cara deve ter três cérebros' ".

(Keith Richards)

"Nunca encontrei nada mais profundamente tocante que Robert Johnson. Sua música permanece o mais poderoso grito que penso poder encontrar na voz humana".

(Eric Clapton)

Acima, The Big Three Trio: Willie Dixon, Leonard Caston & Ollie Crawford. À direita, Big Bill Broonzy

A turma do blues encontra-se em estado de graça com o lançamento desta série. A estrela maior — *The Complete Recordings*, de Robert Johnson — pode ter sua importância bem traduzida pelos depoimentos acima de dois dos mais aplicados discípulos do mestre, constantes do livreto (também com as letras e um belo material histórico) que acompanha o vinil triplo, ou o CD duplo. "Essencial" é o mínimo que se pode dizer sobre as únicas 41 gravações deixadas por Johnson, resultantes das cinco sessões feitas pelo produtor Don Law nas cidades texanas de San Antonio e Dallas, nos idos de 1936/37. Naquela voz e violão, registrados em um aparelho rudimentar, já estavam contidas a vida errante, a solidão, as mulheres, a bebida, cenas de violência e pactos com o demo. Enfim, tudo que viria a ser marca registrada do espírito do rock'n'roll, tudo ja estava ali, na alma exposta de Johnson. Ou, como ele mesmo confessa em "Stop Breakin' Down Blues": "The stuff I got'll bust your brains out, baby/Hoo, hoo, It'll make lose your mind...".

Mas as maravilhas da coleção não param por aí: *The Big Three Trio* traz 21 canções do primeiro grupo de Willie Dixon, criado em 46, quase uma década antes do baixista/compositor se tornar um dos pilares do blues de Chicago. Ao lado do pianista Leonard Caston e com Bernardo Dennis ou Ollie Crawford na guitarra, Dixon já unia os improvisos jazzísticos e as estruturas do r&b, em faixas antológicas como "If The Sea Was Whiskey", "Money Tree Blues", e "I Ain't Gonna Be Your Monkey Man". Atenção para os raros (e impagáveis) momentos em que Dixon solta seu vocal gravíssimo, em "Tell That Woman" e "Don't Let The Music Die".

Na seção de pioneiros, aparecem Big Bill Broonzy e Loonie Johnson, nos discos *Good Time Tonight* e *Steppin' On The Blues*, respectivamente. Durante os anos 20 e 30, ambos foram grandes estilistas nas cordas do violão, forjando riffs fundamentais para o processo de eletrificação e urbanização do blues que se seguiria. Clássicos de Big Bill ("I Can't Be Satisfied", "Too Too Train Blues") e de Loonie ("Mr. Johnson's Blues", "I Done Told You") juntam-se a faixas raras — e, às vezes inéditas — neste par de antologias.

Seguindo o mesmo apuro na produção e nos critérios de seleção de repertório, quatro compilações fecham este primeiro pacote da série *Roots N' Blues*. À parte *Cajun:Vol. 1/Abbeville Breakdown* — um relevante painel dos primórdios da música acadiana, criada em Louisiana —, as outras três dedicam-se incondicionalmente ao blues, tratando-o por vários enfoques. *The Legends Of The Blues: Volume One* traz uma excelente coletânea de clássicos do estilo dispostos em ordem cronológica, desde "St. Louis Blues", gravada por Bessie Smith em 27 até "Death Letter", registrada pelo patriarca Son House em 65. O mesmo esquema direciona *The Slide Guitar: Bottles, Knives & Steel*, que flagra o desenvolvimento da técnica de *slide guitar* (modo de tocar o instrumento deslizando sobre as cordas uma peça de metal ou vidro) ao longo de quase quarenta anos, através de históricas gravações com os maiores expoentes do estilo. Por fim, *News & The Blues: Telling It Like It Is* alinhava blues com referências diretas a fatos e figuras históricas deste século, com títulos como "'29 Blues" (Alfred Fields), "Unemployment Stomp" (Big Bill Broonzy) e "Atomic Bomb Blues" (Homer Harris).

Para o mês que vem, a CBS/Sony já anuncia por aqui o segundo pacote da coleção. Aleluia! Aleluia! *CELSO PUCCI*

TWIN PEAKS — Angelo Badalamenti (Warner/WEA)

Diane, lembra da minha voz? Claro que não. A dublagem e a tradução da versão brasileira de *Twin Peaks* fizeram um estrago considerável no Q.I. médio dos habitantes deste pequeno paraíso na Terra. A crueldade destes criminosos, ocultos por trás da fachada da tal Globo *network*, não parou por aí: chegaram a cortar a bela abertura e cenas inteiras da obra-prima de David Lynch e Mark Frost.

Pelo menos com o lançamento deste disco, a trilha de Angelo Badalamenti escapou ilesa — e isto, Diane, parece confirmar aquele surrado clichê: a música é mesmo universal.

Ouvidos mais educados reconhecerão ecos de Brian Eno e Enio Morricone, mas — outro clichê para sua coleção — todas as comparações são odiosas, sobretudo diante das sublimes texturas, climas e evocações perpetradas pelo velho Badalamenti. Sinta o doce melodrama da melodia ao piano que interliga "Twin Peaks Theme", "Laura's Palmer Theme" e "Falling", enquanto os graves insinuam uma constante ameaça de tempestades e catástrofes. A melancolia nunca esteve tão grávida de sonho.

Sinta o incotrolável torpor, típico de desejos sexuais difusos, nas baquetas-escovinha, dedos estalados e vibrafones do jazz quase caricato de "Freshly Squeezed" e "Audrey's Dance". (Responda rápido: se você fosse o Johnny Depp, teria trocado a Sherilyn Fenn — sobrinha da Suzi Quatro! — pela Wynona Rider?)

É importante frisar que a posse deste produto torna totalmente dispensável a compra de *Floating Into The Night*, festejado (e meio chatinho) LP de Julee Cruise — afinal, estão aqui as três melhores faixas de um disco que, só por ter sido incluído em várias listas de "melhores" do ano passado, poderia ter levado o jovem local a cometer a loucura de comprá-lo importado. "The Nightingale", "Into The Night" e "Falling" embalam o romantismo quase xarope das letras do Sr. Lynch como um Phil Spector em câmera lenta, entupido de ópio.

Nada mal para uma simples trilha sonora de um quase simples seriado de TV, Diane. A felicidade está em coisas pequenas, mas raras, como um bom disco. *JOSÉ AUGUSTO LEMOS*

PSICO TRÓPICO — Paulo Ricardo (Epic/Sony)

Paulo Ricardo já foi um *pop star* perfeito, mas teve seu tempo e passou. É uma das tragédias do rock: o cara chega aos píncaros de mocinho e depois vira *has been*. Ele nunca vai voltar à glória do RPM, que até era uma boa banda, pensando bem. *Psico Trópico* foi feito de encomenda para levar PR de volta ao estrelato. Capa moderna, encarte-poster com o gatão, produção (redonda) de Liminha, participações de Sandra de Sá, Flávio Guimarães etc. e tal. Tem desde funk rock de FM ("Sexy E Quente" e "Gosto") até metal psicodélico *helter skelter* ("Imperius Rex"), passando por "2X100", que você já ouviu. Não é ruim nem emocionante. Tem violão demais. E não vai dar certo. *A.F.*

1916 — Motörhead (WTG/Sony)

Não é de ontem que o rock'n'roll furioso, comandado pela voz arranhada e o baixo esmerilhado de Lemmy, vem assombrando a rapaziada. Mas, desta vez, com atenção, ainda se pode encontrar entre os sulcos um quarteto de cordas (na valsa marcial "1916"), um naipe de metais (em "Angel City") e efeitos demenciais (nas nuances psicodélicas de "Nightmare/The Dreamtime"). Mas não é só: "Going To Brazil" é uma observação maliciosa sobre a rápida turnê que o grupo fez por aqui no ano passado, enquanto "Ramones" traz uma homenagem ao quarteto punk, tramada por vagabundos dignos de fazê-la.

Outros destaques são os refrãos pegajosos de "No Voice In The Sky" — hit instantâneo nos toca-discos mais espertos — e a baladona pesada "Love Me Forever", prato feito para os programas metálicos da MTV. Com tudo isso, pode parecer aos fãs mais radicais que o Motörhead esteja soando bonzinho demais. No entanto, para estes, existem as típicas pauladas do grupo, como a abertura com "The One Who Sings The Blues", mostrando que a turma não está aí para brincadeiras. Junto a "I'm So Bad (Baby, I Don't Care)", "Make My Day" e "Shut You Down", são de tirar qualquer bundinha da cadeira e provam que o Motörhead ainda tem cacife suficiente para segurar o seu rock. *C.E.M.*

POR AÍ... — Cazuza (Philips/PolyGram)

Fruto das sobras de estúdio do já sofrível *Ideologia*, este LP póstumo só se justifica pelo valor sentimental. As circunstâncias em que o material foi gravado são notórias, o que não atenua sua inconsistência. Ainda assim, surpreende o *insight* de "Cavalos Calados" (Raul Seixas), com Cazuza — entre o sarcástico e o patético — abordando sua (então) situação limítrofe: "O meu pulso não pulsou/o aparelho aceitou/o padre encomendou/a minha morte aparente/a sua sorte/minha garganta sem voz...". *A.G.C.D.*

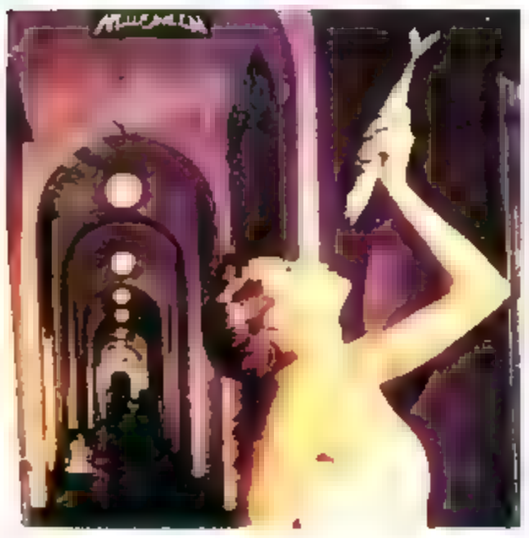
HEAVEN OR LAS VEGAS — CocteauTwins (4AD/Stiletto)

Se a voz de Liz Frazer é a "voz de Deus", como já se disse, então me desculpem, mas Deus é um tremendo mala. Parece implicância dizer isso exatamente agora que os Twins, num momento inspirado, produziram seu disco com maior concentração de canções realmente inteligi-

veis, ao contrário da empulhação etérea e cabeçona de costume. Nada contra a produção delicada e esparsa de Robin Guthrie. Pelo contrário, ela até atribuiu algum charme a bandas com um pouco mais de *punch*, como Dif Juz e Wolfgang Press. O problema é mesmo com a autocondescendência da "fadinha" e com títulos panacas como "Frou-Frou Foxes In Midsummer Fires". Posto isso, acrescento que "Cherry-Coloured Funk", "Pitch The Baby" e "I Wear Your Ring", belíssimas, são o que o trio já fez de melhor. *A.A.*

THE DOORS — The Doors e outros (Elektra/WEA)

Os "outros" acima não se encaixam no vinil nacional desta trilha sonora, já que estão ausentes tanto "Heroin", do Velvet Underground, como a introdução de *Carmina Burana*, com a Orquestra Sinfônica de Atlanta e coro. Assim, a seleção resume-se aos hits do grupo, intercalados por excertos de *An American Prayer* (LP de 78, no qual os Doors remanescentes musicaram gravações de Jim Morrison declamando seus poemas). Só para quem não tem os álbuns, ou boas coletâneas. *C.P.*



PINK BUBBLES GO APE — Helloween (EMI-Odeon)

Surgido na Alemanha em meados dos anos 80, o Helloween foi buscar inspiração nas primeiras bandas do *New Wave Of British Heavy Metal* e, por isso mesmo, lembra bastante o Iron Maiden (o atual vocalista, Michael Kiske, tem timbre semelhante ao de Bruce Dickinson). Neste LP, eles reúnem a porrada habitual a arranjos pomposos de guitarras e teclados, embalando suas preocupações ecológicas. *L.R.*

NEW FAST AUTOMATIC DAFFODILS

PIGEONHOLE — New Fast Automatic Daffodils (Play It Again Sam/Stiletto)

Fazendo jus à condição de "estranho no ninho" que goza na cena musical de Manchester, o quinteto New Fast Automatic Daffodils gravou seu primeiro LP pela Play It Again Sam, uma gravadora habitualmente associada à *new beat* belga. Ambiciosos, os New Fads — como são carinhosamente chamados pelos fãs — propõem uma personalíssima forma de *trance dance*. A imprevisibilidade dos arranjos do grupo é tanta que nem mesmo o *groove* de "Fishes' Eyes", provável hit, consegue escapar da inserção de um escalafobético sax. Outras vezes, a ousadia do grupo manifesta-se em experimentos *dub reggae* ("Big"), vinhetas de inspiração dadaísta ("Working For Him") e uma reverberante balada psicodélica ("Partial"). Por último, há de se destacar a performance do baixista Justin. Por tudo isso, não resta dúvida em se afirmar que este *Pigeonhole* é um ótimo lançamento. *A.G.C.D.*

ADONIRAN BARBOSA AO VIVO — Adoniram Barbosa (RGE)

O patriarca do samba paulista aparece em um registro ao vivo feito no Ópera Cabaret (SP), cerca de três anos antes de sua morte, em 82. A má qualidade da gravação e os titubeios vocais do compositor não chegam a atrapalhar — e até realçam — o clima de roda de botequim, onde rolam clássicos como "Trem Das Onze", "Samba Do Arnesto", "As Mariposa" e "Bom Dia Tristeza". *C.P.*

AQUI NÃO TEM CHANEL — Que Fim Levou Robin? (WEA)

O pop brasileiro está revirando os olhos numa cama da UTI. A esta altura da crise, só a dance music e o heavy metal podem devolver-lhe a saúde. Os metaleiros estão bem encaminhados com Sepultura, Volkana e afins. O QFLR carrega com brilho a bandeira da dance.

Chanel, seu primeiro LP, tem senso de humor, mesmo quando trata da nossa trágica realidade; assume sem pudor seu lado *camp*; tem refrãos pop ultra-assimiláveis; casa com habilidade as melhores informações da dance estrangeira com os sons da pátria amada; odeia ser "cabeça" ou promover poesia de colegial nas letras e declarações. E põe para dançar até uma coluna de mármore. Segue na tradição da melhor música pop brasileira, consagrada na Jovem Guarda, celebrada pelas Frenéticas e outros casos isolados, mas desprezada pelo medalhonato *pseudo* de críticos e artistas, caidinhos por rock nacional, tropicália e herdeiros. E ainda é o primeiro disco nacional feito só com samplers.

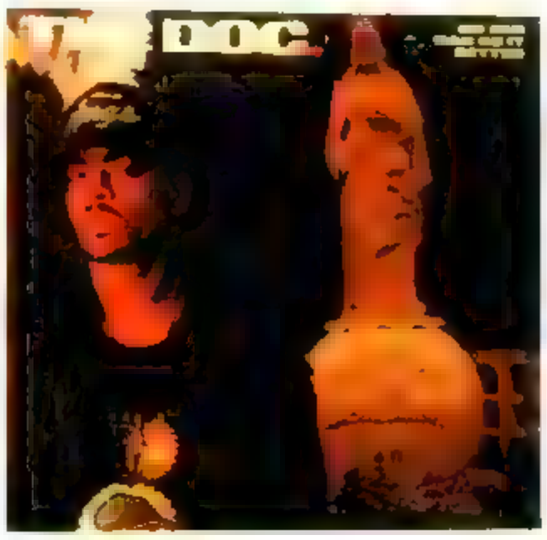
Mauro Borges, mentor e cantor, era um garoto que amava Chic e James Brown. Quem conhece sua discotecagem, no Nation, entenderá melhor o leque de influências do QFLR, e o porquê de DJs fazerem excelentes discos. Na pista, a música é testada e aprovada no ato. O DJ sabe o que as pessoas gostam de ouvir e dançar e transpõe essa bagagem para o vinil. No Nation, um mix novo do C + C Music Factory pode ter como seqüência um velho entorta-joelhos do KC & The Sunshine Band.

"Luxo Puro" sampleia "Bayou", de Barry White, sobre uma modernissima base house, culminando num refrão soul. "Dancin' Dubs" consegue um feito: uma cover (no caso, das Frenéticas) que não faz você enfiar dois dedos na goela. A música está genialmente irreconhecível. "Aqui Não Tem Chanel" tem o pique de uma escola de crianças malcriadas na hora do sinal do recreio. Samba, suor e ouriço. A balada "Objeto De Uso Pessoal" é o que João Gilberto estaria fazendo, caso passasse uma temporada em Manchester.

Um LP que soa diferente de tudo que está se fazendo no país. *CAMILO ROCHA*

LUST — Ambitious Lovers (Elektra/WEA)

Os Lovers, Arto Lindsay e Peter Scherer, têm perdido seu gume no correr dos anos. O explosivo *crossover* de *scratch guitar*, pop, funk, baião e samba, construído a bravas pandeiradas no LP de estréia (84), foi sendo polido num híbrido que, se é rico em detalhes preciosistas, também é enfadonho no conjunto. As faixas se iluminam num e noutro momento, e é só. As presenças de Caetano, Naná, Nile Rodgers e a versão de "Um Babarauma" (Benjor) se esvaem. *A.A.*

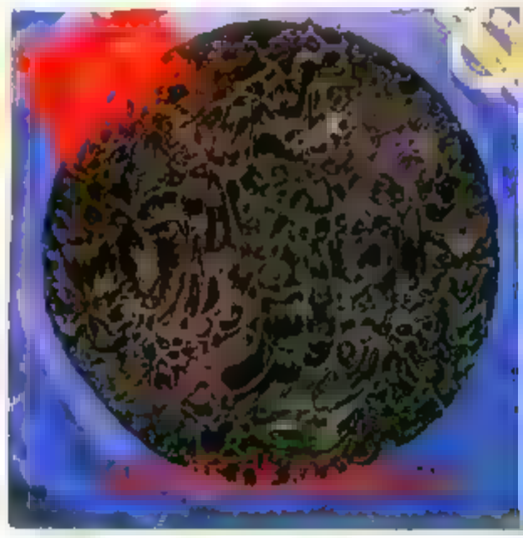


NO ONE CAN DO IT BETTER — The D.O.C. (Atlantic/WEA)

Este rapper texano, que se projetou na cena musical de Los Angeles, apresenta um álbum de estréia muito promissor e repleto de recursos criativos. Contando com a produção e arranjos de Dr. Dre (um dos artífices do rap radical do NWA), utilizando-se muito bem de samples de George Clinton, Marvin Gaye, Isaac Hayes e Sly Stone, além de bases instrumentais precisas e econômicas, The D.O.C. surpreende. Fora o hit do disco, "It's Funky Enough", há hibridismos muito interessantes com o blues ("Comm. Blues"), com o soul ("The Formula") e até com o hard rock ("Beautiful But Deadly"). Vale arriscar. *C.P.*

GONNA MAKE YOU SWEAT — C + C Music Factory (CBS/Sony)

Gonna... é um típico LP nota seis. Os sucessos estão aqui com seu mix de gêneros, não sacudido na coqueteleira, mas jogado com violência contra a parede. O lado A casa bem as boas idéias de house, rap, soul, pop, rock e até disco — e muitas ideias dos outros. Assim como "...Sweat" é Snap!, "Just A Touch Of Love" é Black Box. O lado B sofre um pouco de anemia criativa. Ou, melhor dizendo, Clivillés e Cole conseguiram fazer mais que isso, não tivessem que completar o LP às pressas. *C.R.*



ALTARS OF MADNESS — Morbid Angel (Earache/Rock Brigade)

Este quarteto é o que se poderia chamar de uma refeição completa de *thrash, death* e *crossover*. A interpretação vomitada e o baixo de David Vincent não trazem nada de novo a nenhum dos estilos, embora o grupo como um todo demonstre a eficiência e a garra típicas de um álbum de estréia. Um destaque especial cabe ao baterista Pete Sandoval, por sua firmeza e rapidez nas viradas. Enfim, os caras dão conta do recado, sem apresentar nada de surpreendente. *L.R.*

RITUAL DE LO HABITUAL — Jane's Addiction (Warner/WEA)

Você é maluco? Gosta de ELP e Van Der Graaf Generator, e não se conforma com o rock de hoje?

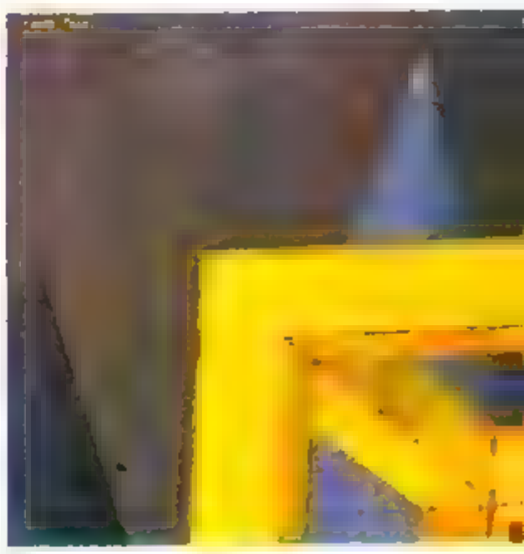
Pois há boas chances que o Jane's Addiction resgate você desta penúria. Perry Farrell, vocalista da banda, é um hippie à antiga. Surfa, toma heroína, transa homens e mulheres, faz letras viajandonas e quer chocar a moçada. Tem "atitude". O baixista e o guitarrista costumam dar beijões de língua na frente dos repórteres. O som é metal complicado, a bateria e o baixo fazem firulas intermináveis, e as músicas são compridas. As letras são sub-Burroughs (até quando, Senhor)? Você conhece o gênero: "Sou *muntcho loco*, meu, tomo todas e transo as minas enquanto reflito sobre o significado do universo". OK, parece importante uma moçada tão radicalzinha chegar ao *top ten* americano, ombro a ombro com MC Hammer e esses malas todos. Mas, Cristo, considerá-los como uma banda crucial, seminal e o escambau — como tem feito muita gente — é pesado.

O álbum começa com "Stop", aquela da MTV, chata e longa. "No One's Leaving" é metal *weird* com uma boa linha ("queria saber o apelido de todo mundo"), mas é muito longa. "Ain't No Right" até que é legal, na linha hardcore/Sly Stone; parece uma frota de Boeings caindo de bico numa vila dos Alpes suíços. "Obvious" é, *sorry*, óbvia demais. O segundo lado é pior: "Three Days" começa baladinha e acaba pau, citando a capa "ousada" — quá, quá, uns bonecos imitando o Perry transando com duas minas, grande coisa! — enquanto a letra diz: "Erotic Jesus love his Marys". "Then She Did" é um épico setentão, "Of Course" faz a linha "ciganos malvados dançando polca num pântano" e "Classic Girl" é chata.

Minha cópia de *Ritual De Lo Habitual* só não foi ainda para o sebo por causa de uma música. "Been Caught Stealing" é jóia: uma batida sincopada coberta de guitarras barulhentas, cachorros latindo e uma letra legal, que faz o elogio da roubalheira. Diz que é bacana afanar. Lembra umas letras antigas dos Talking Heads, antes de Byrne começar a achar que era o gênio da raça — o que Farrell parece se achar.

Aliás, ele diz que a banda dura no máximo até o fim do ano. Vai com Deus, meu filho.

ANDRÉ FORASTIERI



VESSELS' TOWN — Harry' (Stiletto)

Por que cargas d'água o Harry rendeu-se ao canto da sereia dance é algo que somente seus músi-

cos poderão responder. Por si só, não haveria nada de mais nesta guinada, até porque a notória competência dos rapazes haveria de guiá-los a *crossovers*, no mínimo, vigorosos. Infelizmente, não é este o caso de *Vessels' Town*. Faixas como "Stories", "Morbid" e "Stephanie Jenssen" trazem letras inconfundíveis, mas sua audição acaba lembrando mais o Tek Noir do que aquela banda santista que teimava em assaltar nosso sensório com riffs-turbo e rajadas de *white noise*. Ainda assim, há coisas válidas — "Watching The Watchman" e a própria faixa-título. *A.G.C.D.*

SPEAK & SPELL/ CONSTRUCTION TIME AGAIN/ SOME GREAT REWARD
— Depeche Mode (Mute/WEA)

Aos poucos, a WEA está conseguindo tapar os buracos na discografia do Depeche Mode no Brasil. Estes três são LPs indispensáveis na história dos tecnopopsters de Basildon. O primeiro deles, *Speak & Spell* (81), traz "Dreaming Of Me" e "Just Can't Get Enough", os hits propulsores da banda às paradas, ao mesmo tempo em que conceitua o tecnopop na instrumental "Big Muff". O terceiro álbum, *Construction Time Again* (83), mantem as melodias sintéticas dos anteriores, mas ruídos do cotidiano pipocam aqui e ali, tirando as músicas do pavimento puramente dançante e tornando-as quase pictóricas (é o caso de "Pipeline"). Pegando carona no pacote aparece o relançamento de *Some Great Reward* (84), trazendo toda a sensibilidade em estado febril de Martin Gore e letras mais ácidas. Bons exemplos são a socialista "People Are People" e "Master And Servant", além de "Blasphemous Rumours", banida no Reino Unido por citar o "senso de humor doentio de Jesus Cristo". *J.J.E.S*

LET THEM EAT BINGO
— Beats International (Go! Discs/PolyGram)

Este é um disco de dance music absolutamente atípico. Enquanto boa parte dos lançamentos parece viver em função de um único single, *Let...* mais parece uma coletânea de singles — só que de vários artistas diferentes.

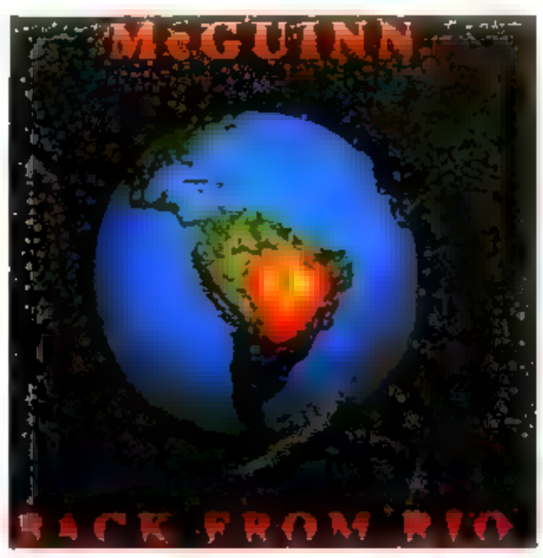
Em sua incursão pelas pistas, o ex-baixista dos Housemartins (aquele de "Build , sucesso estrondoso nas nossas FMs) decidiu atacar em todas as frentes: rap, house, reggae, ritmos africanos e melodias pop são alguns dos ingredientes facilmente identificáveis ao longo do álbum. Para isso, Norman Cook reuniu sob o nome de Beats International um vasto time de convidados, de Billy Bragg ao grupo Real Sounds Of Africa. Nem sempre acertou no alvo — mas, ainda assim, conseguiu fazer um disco mais que interessante.

Três faixas compõem o filé mignon do prato servido por Cook. "Dub Be Good To Me", com sua poderosa linha de baixo (sampleada de "Guns Of Brixton" , do Clash) e os versos cantados por Lindy Layton (emprestados de "Just Be Good To Me", da S.O.S. Band), ocupou com justiça o primeiro posto da parada britânica durante várias semanas de 90. No mesmo nível, está "Blame It On The Bassline", com sua batida house e o rap vigoroso de MC Wildski. Um pouco abaixo, mas ainda extremamente dançante, está "Won't Talk About It", mais um belo exemplo de dance com guitarras (nos vocais está Billy Bragg).

Como acompanhamento, temos as composições que privilegiam ingredientes africanos. Dessas, a melhor é "Dance To The Drummer's Beat", com seu gostinho "anos 70". Soam apenas interessantes as colagens de "Burundi Blues" e "The Ragged...", que nunca chegam a decolar.

De sobremesa, o ouvinte leva ainda as porções mais pop do álbum (resquícios do passado?). "Before..." e "For Spacious Lies" são baladas agradáveis (com vocais de Lester Noel, o outro membro efetivo do Beats), acompanhadas por batidas dançantes. Menos inspirada é "The Whole..." — por sinal, a única cantada pelo cozinheiro-chefe —, o pior momento do LP.

Infelizmente, a refeição não está completa. A PolyGram (que promete corrigir o erro) deixou de incluir na primeira prensagem a faixa "Tribute To King Tubby". *MARISA ADÁN GIL*



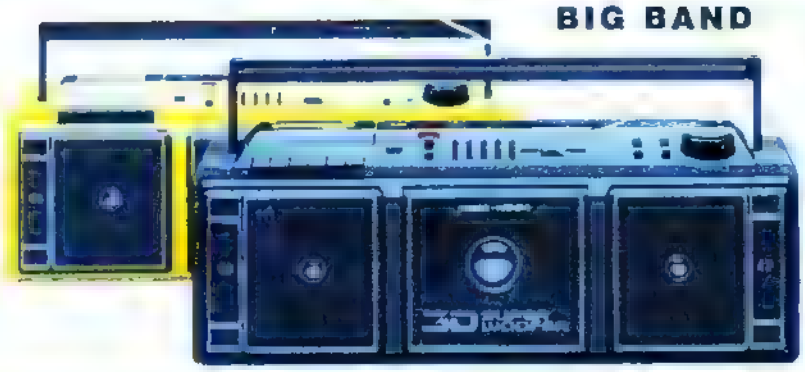
BACK FROM RIO
— Roger McGuinn
(Arista/BMG Ariola)

Só mesmo a velha Rickenbaker de doze cordas, manipulada com a habitual classe por McGuinn, para atenuar a inconsistência que permeia a maioria das faixas deste *Back From Rio*. É certo que há exceções: a parceria/participação de Tom Petty ("King Of The Hill"), uma das três canções co-escritas com sua mulher, Camilla ("Without Your Love"), além de outra entregue de bandeja por Elvis Costello ("You Bowed Down"). São, talvez, os principais trunfos de um disco mediano, que também abriga bobagens como "Car Phone" e "The Trees Are All Gone", bem como uma esdrúxula colaboração com David A. Stewart ("Your Love Is A Gold Mine"). *C.P.*

CHRONICLES — Rush
(Vertigo/PolyGram)

Um álbum triplo que focaliza cronologicamente a carreira deste *power trio* canadense, cultuado por fãs de heavy e de progressivo. Os temas vão desde seu primeiro LP homônimo (de 74, ainda com a bateria de John Rutsey), passando por *Fly By Night* (75) — que inaugura a formação definitiva, com o multinstrumentista Geddy Lee, o guitarrista Alex Lifeson e a entrada do baterista/letrista Neil Peart — e todos os sucessores da boa fase do grupo, que se estende até o álbum ao vivo *Exit... Stage Left* (81). Deste período, destacam-se criações como "Bastille Day", "A Farewell To Kings", "La Villa Strangiato", "The Spirit Of Radio" e "Red Barchetta". Apenas o terceiro disco — que reúne material dos álbuns mais recentes e acessíveis do trio, ou seja, a partir de *Signals* (82) até *Presto* (90) — é que, infelizmente, não fica à altura do restante desta compilação. *L.R.*

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS CONHEÇA O AMAZONAS

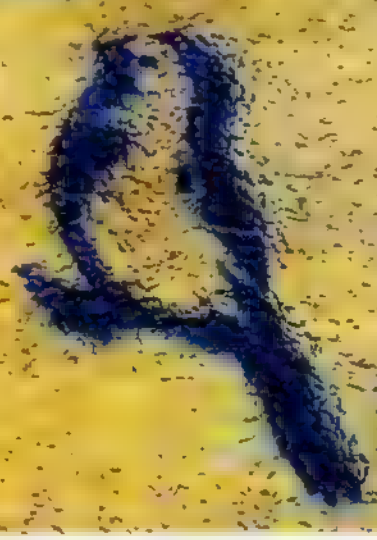


BIG BAND

O novo Big Band da Philco traz pra você o e
clusivo efeito 3D Superwoofer: um alto-falante ex
para as baixas freqüências que realça e reforça
sons graves.

Com qualquer tipo de música, o som é semp
forte e pesado. Mas fique tranqüilo que dá pra car
gar fácil, fácil.

SE ALGUÉM PERGUNTAR POR MIM, DIZ QUE EU FUI POR AÍ COM UM VIOLÃO, PIANO, BAIXO E BATERIA DEBAIXO DO BRAÇO.



Tem 4 faixas de onda: FM stereo, AM e duas de Ondas Curtas. Potência de 22 watts (RMS), equalizador gráfico de 5 bandas com controles deslizantes, tape deck, tape counter, seletor de fitas, microfone embutido e antena telescópica. E pode ser ligado à bateria do seu carro.

E você ainda escolhe a cor: amarelo ou cinza-escuro.

Por tudo isso, não importa se a sua vida é um bolero ou uma ópera: com o Big Band Philco, você vai levando.

PRA QUEM ENTENDE DE SOM.
E DE LIBERDADE.

PHILCO
HIGH TECHNOLOGY

Philco e Philco-Hitachi são marcas de uso das empresas Philco.

POR DEBAIXO DOS PANOS

A pirataria não é novidade no universo do pop/rock, sempre se servindo de fontes escusas, como fitas de ensaio e sessões de estúdio rejeitadas, gravações de especiais para rádio e TV ou registros clandestinos de shows. Sem o menor consentimento dos pirateados.

Até certo ponto tolerados pela indústria fonográfica (por não ameaçar as altas vendagens e a distribuição dos lançamentos oficiais) e pelos artistas (que não teriam como controlar tal prática), os *bootlegs* agora estão sob fogo cerrado de ambos os segmentos.

Tudo começou em 88, quando surgiu no mercado o primeiro CD pirata — que inaugurava a série *Ultra Rare Trax*, com material inédito e versões alternativas de canções dos Beatles. Em apenas dois anos, a digitalização ilegal se desenvolveu de tal maneira que, em 90, quase oitenta por cento dos mais de cento e vinte mil *bootlegs* apreendidos nos EUA eram CDs (na maioria, editados por "selos" europeus).

Do lado das gravadoras, a estratégia de combate divide-se em duas frentes: intensificar o cerco legal à pirataria com a aplicação de leis e multas pesadas, ao mesmo tempo em que incrementam as edições das próprias raridades de seus arquivos, antes que algum espertinho o faça. Esta última iniciativa já mobilizou alguns músicos para também entrarem na cruzada. Frank Zappa, por exemplo, foi mais longe e pretende lançar vários de seus *bootlegs* mais disputados em "versão oficial", preservando, inclusive, as capas e o som original! Paul McCartney também não tardou em editar sua performance acústica no *MTV Unplugged*, antecipando-se a uma eventual pirataria. Já Bob Dylan — que em 75 tratou de "oficializar" seus *Basement Tapes* assim que as primeiras cópias do *bootleg* chegaram às lojas — aparece com sua coleção pirata definitiva (ver matéria nesta página).

CELSO PUCCI

DYLAN PIRATA & BROWN TOTAL

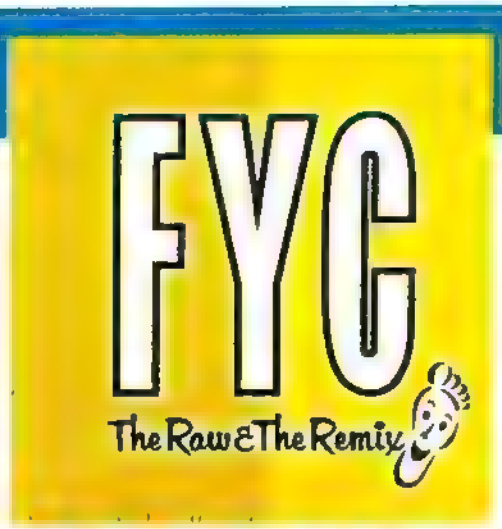
Eis que surgem mais duas caixas de deixar babando os audiófilos brasileiros. **THE BOOTLEG SERIES: VOLUMES 1-3 (RARE AND UNRELEASED) 1961-1991** (Columbia) é um belo tributo aos recém-completados cinqüenta anos de **Bob Dylan** e oferece, até ao mais ardoroso fã do compositor, um material que dificilmente ele imaginaria ter à disposição. Trata-se de três CDs, totalizando quase quatro horas de música, acompanhados de um encarte de 68 páginas (que inclui fotos inéditas), retratando três décadas de uma parte da obra de Dylan até então desconhecida, que inclui demos, *outtakes* de seus LPs e gravações ao vivo de diversas fases de sua carreira. O melhor ainda é que a Sony promete para o mês que vem a edição nacional desta preciosidade, em versão integral. O mesmo exemplo poderia ser seguido pela PolyGram, que faria bem em lançar por aqui a sensacional retrospectiva **STAR TIME** (Polydor). Nada menos que quatro CDs contendo 72 faixas que traçam a trajetória de **James Brown** ao longo de três décadas e meia de *showbiz*. Das pedras fundamentais ao vasto leque de raridades, ele é capturado em fases específicas ("Mr. Dynamite", "The Hardest Working Man In Show Business", "The Godfather Of Soul") num meticuloso painel, acompanhado por um livro de 64 páginas.

WONDER STUFF

Continuando pelas trilhas do soul, o destaque nacional é o lançamento — Via Motown/BMG-Ariola — de dois álbuns muito representativos de **Stevie Wonder**, ambos de sua melhor safra. **FULLFILLINGNESS' FIRST FINALE** (LP de 74) segue a inspirada fase inaugurada por *Talkin Book*, de 72, enquanto **SONGS IN THE KEY OF LIFE** (76) — editado em dois CDs — insere-se entre os grandes discos que Stevie já fez.

C.P.

RÁPIDO E RASTEIRO



A seção perfeita. Sons para todos os gostos e nenhuma divagação chata de crítico. Para fazer até uma convenção de beneditinos cair na dança. Os fabulosos **Jungle Brothers**, com "Doin' Our Own Dang", estão em **THE BEST DJS IN TOWN** (WEA), que inclui outras coisas legais como **Adamski**, **The Time** e **Splash**. **CALIGOLA NIGHT HITS** (Epic/Sony) tem *grooves* de **C + C Music Factory**, **Double Dee** e **Pianonegro**. ● Dois argumentos para uma discussão sobre o remix: **THE RAW & THE REMIX** (London/PolyGram), dos **Fine Young Cannibals**, e **TRIP ON THIS / REMIX ALBUM** (ToCo/PolyGram), do **Technotronic**. Um contra, o outro a favor. Compilando 12"s, são exemplos do trabalho de radical transformação a que um remixador pode submeter uma música. Só que no caso do FYC, apesar dos figurões envolvidos (Jazzie B, Mark Moore), todos chutam o balde. Exceto três (como "She Drives Me Crazy", com rap de Monie Love), o resultado é bocejante. Technotronic é para jogar os braços para cima e pular. Tirando dois *medleys* (a maior praga da dance), o material em geral é duca, destacando os remixes de David Morales e Barney Sumner (New Order). Você até esquece que enjoou do Technotronic. ● **CINEMA**, do **Ice MC** (DWA/CID), é para a dance music o que o Chaves é para a TV. No mesmo nível está o house/new beat debilóide do **Plaza** em **3, 2, 1... PLAZA!** (ToCo/PolyGram). Puxe a descarga e saia fora. ● **AIN'T NO SHAME IN MY GAME** (Epic/Sony), de **Candyman**, é rap agradável, meio pop, mas não perca muito tempo com ele. Use-o com **GREATEST HITS** (MCA/WEA), do **Shalamar**, uma ótima compilação do disco-soul-pop que tornou famoso o ex-grupo de Jody Watley. Entre as imperdíveis, "A Night To Remember" e "Take That To The Bank". ● Agora os *oldies*: "Sleepwalk", de **Santo & Johnny**, e "It's My Party", de **Lesley Gore**, entre outras gemas — algumas esquecidas esqueciveis —, e duas horrendas faixas novas de **Cher**. E a inconstante trilha sonora de **MERMAIDS** (Epic/Sony). Diferente é a sensacional trilha de **GOODFELLAS** (Atlantic/WEA), com **Aretha Franklin**, **Cream**, **Shangri-Las** e **Muddy Waters** unidos sob o mesmo saladão bem temperado. ● Não é xenofilia, não, mas os brasileiros aqui dão vexame. Tanto a poesia "Prof. Raimundo", de **DUDA ANIZIO** (Distak), como o catastrófico pastiche rock'n'roll do "Iggy Pobre" **SERGUEI** (RCA/BMG-Ariola). Mais de trinta anos de carreira, produção zero até este LP e um suposto *affair* com Janis Joplin. Isso bastou para que ele tivesse destaque em 91. É uma armação de fazer corar o Milli Vanilli.

CAMILO ROCHA

GRAVADORAS INDEPENDENTES: Distak — R. Evaristo da Veiga, 35, Rio de Janeiro, RJ, (021) [illegible] — [illegible] — R. Fernando de Albuquerque, 171, São Paulo (SP), (011) [illegible]

BOLSA DE DISCOS

É provável que não haja nada potencialmente mais chato do que disco solo de baterista. O que dizer então de um baterista que se inspira em pinturas de grandes dimensões, quase monocromáticas, para compor, entre outras coisas, uma música de mais de vinte minutos, *dedicada às águas lentas do rio Tâmisa?!* Pois eu juro por tudo quanto é sagrado que **SKEW WHIFF — A TRIBUTE TO MARK ROTHKO** (Sub Rosa) não só não é um pé-no-saco como é um álbum do cacete. É claro que, para se ouvir a obra do ex-progressivo **Charles Hayward** (ele era da turminha do Phil Manzanera), depois líder de brilhantes e esdrúxulas agremiações da vanguarda inglesa (This Heat, Camberwell Now), é necessário algum treino de ouvido. Mas o certo é que o cara, à base de bateria, voz, percussão eletrônica ou em peças metálicas e tapes pré-gravados, produz alguma coisa densa, móvel, profunda e inescrutável como as águas que quer homenagear.

A Mute Records está relançando, em CD, todo o velho catálogo de **Cabaret Voltaire**. Grande chance de redescobrir os tempos em que o duo tecno e bundinha de hoje era um trio analógico, barulhento e esquisitão, em obras-primas como **RED MECCA** (81), **2X45** (82) ou **JOHNNY YES-NO** (83).

ALEX ANTUNES

Quarenta e oito horas: esse foi o tempo que o redivivo **Killing Joke** — e, mais exatamente seu líder, Jaz Coleman — precisou para purgar de uma vez por todas os maus humores que insistiam em bloquear sua criatividade. O resultado, adequadamente traduzido pelo título **EXTREMITIES, DIRT AND VARIOUS REPRESSED EMOTIONS** (Noise International), é capaz de fazer o sangue gelar e se consuma na liberação de esquecidas e mesméricas pulsões. Vociferando aos céus, Coleman proclama sua profissão de fé ("Money Is Not Our God"), recusa a morte ("Intravenous") e dá as costas ao nada ("Slipstream").

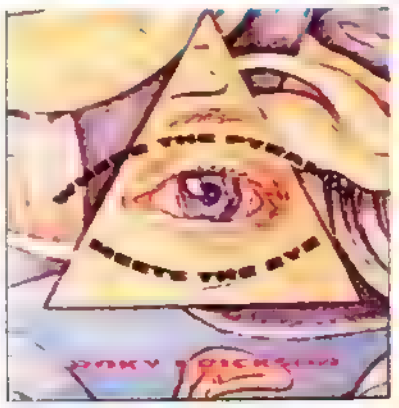
A angústia também pode ser uma energia. Transtornados pelas contradições do *rock'n'roll way of life*, o quarteto **The Replacements** reuniu-se para assinar aquele que parece ser seu último manifesto — **ALL SHOOK DOWN** (Sire). Produzido por Scott "R.E.M." Litt e recebendo o apoio de John Cale, Steve Berlin (Los Lobos) e Johnnete Napolitano (Concrete Blonde), os Mats passaram ao largo da autocomiseração, criando uma obra capaz de fazer frente a esquizo-clássicos como *Tonight's The Night* (Neil Young), *Nebraska* (Bruce Springsteen) e *Fear* (John Cale).

ARTHUR G. COUTO DUARTE

Apesar de sua formação clássica, o compositor alemão Kurt Weill ficou mais conhecido por seus trabalhos em música popular e para teatro. Expulso de sua terra natal, ele refugiou-se nos EUA em 1935, quando começou a colaborar com diversos musicais da Broadway, tornando-se célebre como o autor de clássicos como "Alabama Song", "Mackie Messer" e "September Song".

Agora, imagine estas e outras de suas canções interpretadas pela paulada sonora dos **Young Gods**. Pois é o que ocorre no miniálbum **THE YOUNG GODS PLAY KURT WEILL** (Play It Again Sam). No caso de você já ter experimentado ouvir este trio suíço — no mínimo, através do LP *L'Eau Rouge*, editado por aqui pela Stiletto em 90 —, já deve aguardar um resultado sublime.

ENÉAS NETO



WHERE THE PYRAMID MEETS THE EYE: A TRIBUTE TO ROKY ERICKSON (Sire) homenageia um cara que foi uma espécie de Arnaldo Baptista texano — um visionário do rock que acabou sucumbindo a uma mistura de caretice repressora dos anos 60 com um relacionamento mal-resolvido com substâncias alucinógenas e uma frágil estabilidade mental. À frente dos 13th Floor Elevators e depois em carreira solo, Roky construiu um repertório siderado de canções povoadas por lobisomens, alienígenas e variadas almas do outro mundo, tornando-se ídolo de sucessivas gerações do rock americano. Este álbum é um tributo parecido com a coletânea *Sanguinho Novo*, com **ZZ Top**, **R.E.M.**, **Jesus And Mary Chain**, **Judybats**, **Butthole Surfers**, **Angry Samoans**, **Julian Cope** e inúmeros outros contribuindo com intrigantes covers de canções compostas por Erickson.

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

QUEM É VANGE?

Sensação

DESCUBRA A MAIS NOVA REVELAÇÃO DA MÚSICA POP BRASILEIRA

EM CD / K7 / LP

Sony Music

LETRAS

BEEN CAUGHT STEALING

(Perry Farrell/David Navarro/Eric Avery/Stephen Perkins)

I've been caught stealing; once when I was 5... I enjoy stealing. It's just as simple as that. Well, it's just a simple fact. When I want something, I don't want to pay for it. I walk right through the door. Walk right through the door. Hey all right! If I get by, it's mine. Mine all mine!

My girl, she's one too. She'll go and get her a shirt. Stick it under her skirt. She grabbed a razor for me. And she did it just like that. When she wants something, she don't want to pay for it. She walk right through the door. Walk right through the door. Hey all right! If I get by, it's mine. Mine all mine!

We sat around the pile. We sat and laughed. We sat and laughed and waved it into the air! And we did it just like that. When we want something, we don't want to pay for it. We walk right through the door. Walk right through the door. Hey, all right! If I get by, it's mine, mine, mine, mine, mine, mine, mine...

PEGO ROUBANDO

Eu fui pego roubando; uma vez quando eu tinha 5 anos... Gosto de roubar. É tão simples assim. Bem, é só um simples fato. Quando eu quero alguma coisa, não quero pagar por ela. Eu saio andando direto pela porta. Saio andando direto pela porta. Hey, tudo bem! Se eu passo, é meu. Meu, todo meu!

Minha garota, ela é assim também. Ela sai para descolar uma camisa. Enfia debaixo de sua saia. Ela pegou uma lâmina de barbear para mim. E ela fez isso assim mesmo. Quando ela quer alguma coisa, não quer pagar por ela. Ela sai andando direto pela porta. Sai andando direto pela porta. Hey, tudo bem! Se eu passo, é meu. Meu, todo meu!

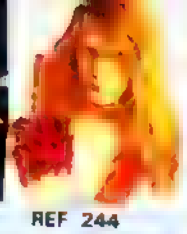
Nós sentamos em volta da pilha. Sentamos e rimos. Sentamos e rimos e balançamos ela no ar! E fizemos isso assim mesmo. Quando queremos alguma coisa, não queremos pagar por ela. Nós saimos andando direto pela porta. Saimos andando direto pela porta. Hey, tudo bem! Se eu passo, é meu, meu, meu, meu, meu, meu, meu...

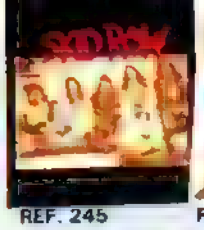
© Virgin Songs Inc I'll Hit you Back Music Embeyotic Music Orange Stuff Music Swizzlestick Music (Direitos cedidos para o Brasil à Warner Chappell Eds Musicais Ltda.)

REF. 255

REF 253

REF. 254


REF 244


REF. 245

REF. 251

REF. 256

REF. 259

REF. 257

REF 258

REF. 249

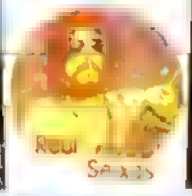
REF. 248

REF. 239

REF 252

REF. 246

REF 260


REF. 247

REF. 243

REF. 250

REF 261

REF. 240

REF. 241

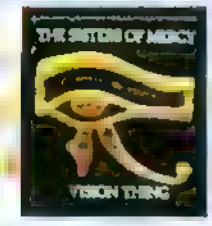
REF. 242

REF. 228

REF. 090

REF 200

REF. 193


REF. 226

REF. 220

REF. 221

REF. 203

REF. 215

REF. 175

REF. 218

REF. 217

REF 174

REF 201

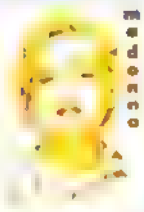
REF. 184

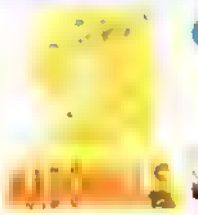
REF. 178

REF. 216

REF. 162

REF. 161


REF. 208

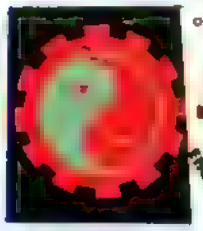

REF. 224

REF. 032

REF. 189

REF. 214

REF. 219


REF. 236

REF. 237

REF. 211

REF. 180

REF. 222

REF. 106

REF. 202

REF. 229

REF. 008

REF. 223

REF. 019

REF 125

REF. 166

Como comprar: Sedex a cobrar (entrega urgente)

- Envie o cupom ao lado corretamente preenchido para NEW ROCK; Rua Capote Valente, 242 - CEP 05409 - São Paulo - SP.
- Junto de seu pedido, deve ser enviado um "cheque nominal" à NEW ROCK: no valor de Cr$ 1.500,00 (preço médio das despesas de Sedex). Esse valor varia de acordo com o peso, localidade e valor de compra.
- O Correio mandará um "aviso de chegada" entre 8 a 15 dias, após o envio de sua carta
- Você tem o prazo de 7 dias corridos para retirar a encomenda no Correio, após receber este aviso.
- A encomenda só é paga ao ser retirada no Correio.

SÓ ATENDEREMOS SEU PEDIDO SE AS DESPESAS DO SEDEX FOREM ANTECIPADAMENTE PAGAS.

PREÇOS VÁLIDOS ATÉ A PRÓXIMA EDIÇÃO DA REVISTA.

PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES

BIZZ-77

Total da Compra Cr$

Nome

End N°

CEP Fone

Cidade Est

RG Assinatura

Mod	Ref	Cor	Tam

TAMANHOS P, M E G

PARADA

Convenç
(N) Novidade (R) Retorno ( ) Posição ant
Leitor! Sua participação é import
Escreva para "*BIZZ — Parada dos Leito*
Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479,
Paulo, SP, dizendo quais os discos que
comprou este mês. Se possível, acresc
seu telefone para que voltem
consulta-lo quando necess

LEITORES

1	(1)	*The Real Thing*	**Faith No More**	PolyGram
2	(11)	*X*	**INXS**	PolyGram
3	(4)	*Appetite For Destruction*	**Guns N'Roses**	BMG-Ariola
4	(6)	*GN'R Lies*	**Guns N'Roses**	BMG-Ariola
5	(2)	*Hack*	**Information Society**	Stiletto
6	(8)	*Violator*	**Depeche Mode**	WEA
7	(5)	*O Papa É Pop*	**Engenheiros Do Hawaii**	BMG-Ariola
8	(9)	*Behaviour*	**Pet Shop Boys**	EMI-Odeon
9	(10)	*As Quatro Estações*	**Legião Urbana**	EMI-Odeon
10	(14)	*Arise*	**Sepultura**	Eldorado
11	(R)	*No Prayer For The Dying*	**Iron Maiden**	EMI-Odeon
12	(12)	*Blaze Of Glory*	**Jon Bon Jovi**	PolyGram
13	(N)	*Seasons In The Abyss*	**Slayer**	PolyGram
14	(N)	*Time's Up*	**Living Colour**	Sony
15	(N)	*Rust In Peace*	**Megadeth**	EMI-Odeon
16	(7)	*The Immaculate Collection*	**Madonna**	WEA
17	(R)	*Skid Row*	**Skid Row**	WEA
18	(R)	*Flesh & Blood*	**Poison**	WEA
19	(N)	*Anarkophobia*	**Ratos De Porão**	Eldorado
20	(R)	*Na Calada Da Noite*	**Barão Vermelho**	WEA

Jim Martin (Faith No More)

LOJAS

1	(1)	*The Real Thing*	**Faith No More**	PolyGram
2	(5)	*Arise*	**Sepultura**	Eldorado
3	(8)	*LoveGod*	**Soup Dragons**	PolyGram
4	(12)	*Skid Row*	**Skid Row**	WEA
5	(9)	*Serious Hits... Live!*	**Phil Collins**	WEA
6	(2)	*Mais*	**Marisa Monte**	EMI-Odeon
7	(3)	*MCMXC AD*	**Enigma**	EMI-Odeon
8	(11)	*Seasons In The Abyss*	**Slayer**	PolyGram
9	(N)	*Flashpoint*	**Rolling Stones**	Sony
10	(N)	*Heaven Or Las Vegas*	**Cocteau Twins**	Stiletto
11	(R)	*Passion And Warfare*	**Steve Vai**	WEA
12	(15)	*Anarkophobia*	**Ratos De Porão**	Eldorado
13	(10)	*Pills'N'Thrills And Bellyaches*	**Happy Mondays**	PolyGram
14	(4)	*João*	**João Gilberto**	PolyGram
15	(N)	*Tyranny For You*	**Front 242**	Stiletto
16	(17)	*Crazy World*	**Scorpions**	PolyGram
17	(16)	*Time's Up*	**Living Colour**	Sony
18	(N)	*Altars Of Madness*	**Morbid Angel**	Rock Brigade
19	(N)	*Ritual De Lo Habitual*	**Jane's Addiction**	WEA
20	(R)	*Listen Without Prejudice Vol. 1*	**George Michael**	Sony

Sebastian Bach (Skid

Para a *Parada Dos Leitores*, foram consideradas as cartas recebidas até 20 05 91
Lojas consultadas: *Cambio Negro* e *Cogumelo Discos* (Belo Horizonte), *Pop Som* e *Casa Coelho* (Porto Alegre), *Modern Sound*, *New Sound* e *Sub Som* (Rio de Janeiro), *Temptation Discos* e *Jukebox* (Curitiba), *220 Volts* (Campinas), *Baratos Afins*, *Bossa Nova*, *Musical Box*, *Wop Bop* e *Woodstock Discos* (São Paulo), em 18 04 91.

EUA

LPs

1 (6) ***Out Of Time*** **R.E.M.** Warner Bros.
2 (1) **Mariah Carey** Columbia
3 (2) ***Gonna Make You Sweat*** **C+C Music Factory** Columbia
4 (N) ***MCMXC AD*** **Enigma** Virgin
5 (7) **Wilson Phillips** SBK
6 (5) ***Shake Your Money Maker*** **Black Crowes** Geffen
7 (N) ***New Jack City*** **Trilha Sonora/Vários** Giant
8 (R) ***The Soul Cages*** **Sting** A&M
9 (4) ***Heart Shaped World*** **Chris Isaak** Reprise
10 (N) ***Empire*** **Queensryche** EMI

Compactos

1 (8) **"Joyride"** **Roxette** EMI
2 (5) **"Baby Baby"** **Amy Grant** A&M
3 (N) **"Here We Go"** **C+C Music Factory** Columbia
4 (N) **"Touch Me (All Night Long)"** **Cathy Dennis** Polydor
5 (N) **"I Like The Way (The Kissing Game)"** **Hi-Five** Jive
6 (N) **"Rhythm Of My Heart"** **Rod Stewart** Warner Bros.
7 (N) **"I Touch Myself"** **Divinyls** Virgin
8 (N) **"I Don't Wanna Cry"** **Mariah Carey** Columbia
9 (N) **"Cry For Help"** **Rick Astley** RCA
10 (1) **"I've Been Thinking About You"** **Londonbeat** Radioactive

GB

LPs

1 (1) ***Greatest Hits*** **Eurythmics** RCA
2 (7) ***Joyride*** **Roxette** EMI
3 (N) ***Real Life*** **Simple Minds** Virgin
4 (N) ***The Beast Inside*** **Inspiral Carpets** Cow
5 (2) ***Out Of Time*** **R.E.M.** Warner Bros.
6 (N) ***Gold Mother*** **James** Fontana
7 (N) ***The Best Of The Waterboys — Waterboys*** Ensign
8 (R) ***Into The Light*** **Gloria Estefan** Epic
9 (5) ***Vagabond Heart*** **Rod Stewart** Warner Bros.
10 (N) ***Music From... The Doors*** **Trilha Sonora Doors** Elektra

Compactos

1 (N) **"The Shoop Shoop Song"** **Cher** Epic
2 (N) **"Born Free"** **Vic Reeves And The Roman Numerals** Sense
3 (1) **"The One And Only"** **Chesney Hawkes** Chrysalis
4 (2) **"Sit Down"** **James** Fontana
5 (N) **"Last Train To Trancentral"** **KLF** KLF Communications
6 (N) **"Ring Ring Ring"** **De La Soul** Big Life
7 (N) **"Get The Message"** **Electronic** Factory
8 (N) **"Rescue Me"** **Madonna** Sire
9 (N) **"Sailing On The Seven Seas"** **OMD** Virgin
10 (6) **"The Whole Of The Moon"** **Waterboys** Ensign

INDEPENDENTES GB

Compactos

1 (N) **"Last Train To Trancentral"** **KLF** KLF Communications
2 (N) **"Get The Message"** **Electronic** Factory
3 (7) **"Hyperreal"** **Shamen** One Little Indian
4 (N) **"Oh Yes"** **Paris Angels** Sheer Joy
5 (N) **"Every Heaven"** **Boo Radleys** Rough Trade
6 (N) **"Ring Ring Ring"** De La Soul Big Life
7 (N) **"Supernut"** **1,000 Homo DJs** Wax Trax
8 (N) **"Chlorine Dream"** **Sperea X** 4AD
9 (N) **"Don't Let Me Down"** **Farm** Mute
10 (N) **"Nadine"** **Levitation** Ultimate

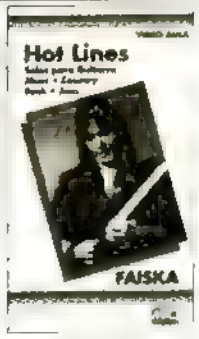
LPs

1 (N) ***Adventures Beyond The Ultraworld*** **The Orb** Big Life
2 (N) ***Blood*** **This Mortal Coil** 4AD
3 (N) ***... Play Kurt Weill*** **Young Gods** Play It Again Sam
4 (2) ***The White Room*** **KLF** KLF Communications
5 (N) ***The Beast Inside*** **Inspiral Carpets** Mute
6 (N) ***Whirlpool*** **Chapterhouse** Dedicated
7 (N) ***Paying It All Back*** **Varios** On-U Sound
8 (3) ***Strange Free World*** **Kitchens Of Distinction** O.L.I.
9 (7) ***Recurring*** **Spacemen 3** Fire
10 (1) ***Spartacus*** **Farm** Produce

Fontes: *Cash Box* e *Billboard* (EUA), de 27 04 91 a 18 05 91, *Melody Maker* e *New Musical Express* (GB), de 20 04 91 a 11 05 91

MPO VIDEO
apresenta
VIDEO-AULA

Slap Mania
Técnica para baixo elétrico



Hot Lines
Blues
Country
Rock
Jazz

Ritmos Brasileiros
Um painel do swing de Duda Neves

e mais 17 títulos
Solicite catálogo nos revendedores autorizados

São Paulo - Capital *Tels (011)* - Regent's *229 5764* Tapesom *227.3022* • Mec *223.7766* • Manon *222 3055* • Casa Bevilacqua *549 7388* • Musical São Paulo *220.6166* • Mappin • Free Note *64 6891* • Músicos *883 0882* • Cultura Musical *220.1144* • Especialista *227 8884*
São Paulo - Interior Casa da Musica *Campinas (0192) 32 9977* • Rossi *São Jose dos Campos (0123) 23 3999* • Mappin *ABC* • Casa Cidatur *Bauru (0142) 34 6888*
Brasília - DF *Tels (061)* - Casa Maestro *245 6754* • Musilar *242 5302* • Musimed *225 6820*
Rio de Janeiro - RJ *Tels (021)* - Guitarra de Prata *262 2179* • Bandolim de Ouro *233 8479* • Musicenter *521 0390* • Casa Milton Pianos *255 7770*
Belem - PA *Tels (091)* - Thot *228 1402*
Belo Horizonte - MG *Tels (031)* - Voa *226 5048* • Musical Strambi *224 2023* • A Serenata *271 1313*
Curitiba - PR *Tels (041)* - Casa Sarton *222 2257* • F. Sarton *224 9901*
Londrina - PR *Tels (0432)* - Musical Sao Paulo *21.2800*
Porto Alegre - RS *Tels (0512)* - Casa da Musica *25 1222* • Mil Sons *33 2387* • Brusius *95 2456 93 6378*
Florianópolis - SC *Tels (0482)* - Zandomênico *22 4509* • Bantos ak *33 0973*
Recife - PE - Stud o Disco 7

MPO VIDEO

CARTAS

MELHORES 90

Que gracinha! Abrindo o encarte *Melhores De 1990*, dou de cara com dois zé-manés. Aos idiotas que acharam isso legal, mando fortes e sinceros votos de "Entre Socos E Pontapés".

Adérico Públio, São Paulo, SP

Quero dar os meus pêsames a esse estólido pessoal que se julga crítico de alguma coisa. Fiquei pasmado ao constatar os votos para Leandro e Leonardo. Nada a ver com uma revista tão boa como a BIZZ.

Walter Gonzalis, Olímpia, SP

O prêmio *Melhores De 1990* da BIZZ foi simplesmente ridículo. O pior foi a votação da crítica. Tive vontade de sentar no chão e chorar.

Luciana Mello, Catanduva, SP

Para quem votou em "Entre Tapas E Beijos". Se vocês quiserem aparecer, escalem uma torre de TV e se joguem dela. Vao por mim.

Guilherme Linhares, Fortaleza, CE

São sempre bem-vindas atitudes como a dos críticos, escolhendo "Entre Tapas E Beijos" como a segunda melhor música do ano. Eles conseguiram mostrar a atual situação musical do país.

Altamiro Silva, Nova Resende, MG

"Entre Tapas E Beijos": que palhaçada, meu Deus!

Lindemberg Souza, Belo Horizonte, MG

Apesar de não gostar de Leandro e Leonardo e Ed Motta, gostei muito da votação do pessoal da crítica!

Fabrício Blazius, Tubarão, SC

Em relação aos *Melhores*, achei um fiasco, um complô contra os Engenheiros.

Flávio Krug, Ijuí, RS

Sr. Forastieri: você deve ter tido alguma desilusão amorosa para votar em "Entre Tapas E Beijos" e "Quatro Semanas De Amor".

Elizângela de Souza, Estância, SE

André, como você pôde me dar uma dessas? Votar em "Entre Tapas E Beijos"? Explique-se!

Joe Floyd, Limeira, SP

Fiquei doido com a crítica. Botei fogo naquilo. Se tivesse uma Uzi, ia aí e matava um por um.

Rodrigo Tomigoshi, Presidente Prudente, SP

Não entendo como "Entre Tapas E Beijos" conseguiu empatar com "O Poeta Está Vivo".

Eduardo Martins, Rio de Janeiro, RJ

Escrevo para parabenizar os críticos, que souberam escolher muito bem os melhores de 1990. Concordo com a votação, salvo *Música Nacional*, *Internacional* e *Revelação*.

Hélio Falci, Santo André, SP

Não encontro outro termo para classificá-los, a não ser MACHISTAS. O que eu poderia dizer de um bando que elege o Tortelvis, do Dread Zeppelin, como o homem mais sexy do ano? O que há de mais em um homem admitir que outro é sexy? Duvido que, se a maioria fosse de mulheres, elas elegessem, por exemplo, a Tracy Chapman. Essa votação é digna da *Casseta* ou algo parecido, mas da BIZZ? Até Bezerra da Silva e Leandro e Leonardo?

Erika Soares, Niterói, RJ

É triste que uma revista como a BIZZ permita que críticos usem na para derrubar mais ainda o rock nacional.

Ângelo Xavier, Campina Grande, PB

Pela primeira vez, passei do lado do povo para o dos críticos. Isso é demais para uma bandinha que não fez nada decente em toda carreira. Eleger como letrista um jeca como Humberto Gessinger é inconcebível.

Fernando Mengollo, Caxias do Sul, RS

Não consigo entender como pode existir tanta gente medíocre para falar tanta bobagem sobre os Engenheiros, e eleger babacas como Cadão Volpato, Ed Motta.

José Carlos Campos, Santana do Parnaíba, SP

É ridícula essa mania de malhar os Engenheiros. Quem faz o grupo crescer somos nós, que sabemos apreciar música feita por pessoas inteligentes.

Tatiana Graça, Rio de Janeiro, RJ

Engenheiros em 90: com certeza, os leitores continuam com mau gosto.

Gilmar Martins, São Paulo, SP

Vocês pensam que nós, leitores, só lemos BIZZ? Não! Nós também ouvimos música, e isso ficou provado na eleição *Melhores De 90*.

Carlos Augusto, Ijuí, RS

Sucesso não é sinônimo de qualidade. Isso ficou provado com a vitória dos repugnantes Engenheiros na maioria das categorias.

Alex Avolio, Rio de Janeiro, RJ

À cultura da aparência fetichizante dos anos 80 se associa agora a cultura do tédio unificado destes anos 90. Os Engenheiros dominaram o prêmio BIZZ. Fazer o quê? Parece que o melhor é virar leitor do *Guia Rural* em 91 — pelo menos tenho chance de premiar o Cadão Volpato.

Frederico Fonseca, Belo Horizonte, MG

André, onde está tua cabeça? Votar em "Entre Tapas E Beijos" e "Quatro Semanas De Amor" é demais!

Jonas Freire, Canguaretama, RN

Venho, por meio desta, cumprimentar os leitores. Parece que, mesmo contra a vontade da crítica, os Engenheiros foram considerados, enfim, a melhor banda do rock nacional.

Fabily Rodrigues, Belo Horizonte, MG

Faltou diversidade por parte dos leitores. Será que só os Engenheiros e o Guns N'Roses mereciam todo esse reconhecimento?

Jailson Oliveira, Ribeirão Preto, SP

Tá certo que a safra de 90 estava ruim. Mas julgar os Engenheiros melhores do que, por exemplo, o Barão, é tão patético quanto julgar o cruzeiro melhor do que o dolar.

Cleonildo Sena, São Paulo, SP

Acho que esses críticos vieram da Lua, ou são autistas! Como é que não conseguem enxergar o sucesso dos Engenheiros?

Camila Bueno, São Paulo, SP

Tudo bem, galera, todo mundo gosta dos Engenheiros. Mas vocês não acham que exageraram?

Carlos Martins, Belém, PA

Colocamos os Engenheiros no seu devido lugar: em primeiro!

Vanessa, Curitiba, PR

Incrível o péssimo gosto dos leitores. As letras dos Engenheiros beiram a imbecilidade. Impossível eles terem ganhado do Sepultura!

Rogério Rodrigues, São Paulo, SP

Sinceramente, não me conformo com a preferência por Humberto no item letrista. Comparo "Pais E Filhos" com "O Papa É Pop" e fico em estado de choque.

Adriana Alves, Leme, SP

Fiquei embasbacado ao analisar o resultado. Incrível como o (mau) gosto do leitor é inversamente proporcional ao meu (bom) gosto e dos críticos. Eleger Carlos "Engenhoca Do Rauai" Maltz como melhor baterista? Assim não dá!!

Hector Palomino, São Leopoldo, RS

Como é que meia dúzia de críticos convencidos podem estar em desacordo com milhares de leitores?

Rodrigo Pereira, Porto Alegre, RS

Está provado que o público brasileiro ainda compra tudo por meio da mídia medíocre. Os Engenheiros não chegam perto do Legião ou do Barão.

Francisco Castro, São Paulo, SP

Que moral um crítico que elege "Entre Tapas E Beijos" tem para malhar os Engenheiros?

Frederico Sander, São Paulo, SP

Será que vocês pensam que o público é apenas um... *detalhe*? Será que nós somos tão ignorantes assim ou são vocês que têm sempre de colocar alguém na guilhotina?

Renata Plácido, Porto Alegre, RS

Quero agradecer a todos os críticos que elegeram os Engenheiros como os piores de 90.

Andreas Jones, Franca, SP

Não entendo como os leitores puderam eleger os Engenheiros. É o fim do mundo!

Andeson Gonçalves, Belo Horizonte, MG

Aos idiotas que consagraram os Engenheiros: eles não são merda nenhuma. Por favor, escutem Barão, Legião, Titãs...

Michel da Silveira, Rio de Janeiro, RJ

Hoje, o público não sabe avaliar um artista independentemente de sua exposição pela mídia. Falo das pessoas que elegeram (argh!) Engenheiros, Jon Bon Jovi, Gun N'Roses...

Rodrigo Fernandes, Poços de Caldas, MG

A crítica teve a cara-de-pau de eleger os Engenheiros como piores de 90. Isso não é justo! Pelo menos o Humberto é um dos raros letristas que não usam palavrões.

Márcio e Eliane, São Paulo, SP

Houve uma progressão nos críticos, mas em compensação os leitores... Um apelo aos Titãs: por favor, nunca mais deixem de gravar por tanto tempo!

Angela Moryama, Londrina, PR

Os Engenheiros são a nossa cara. Eles representam a nossa juventude sensível, com dúvidas, riscos a correr e muita personalidade — o que, certamente, esses críticos não têm.

Jorge Eduardo, São Paulo, SP

Este país precisa de educação e cultura. É a única explicação para a eleição de um grupo tão medíocre quanto os Engenheiros.

Fabiane Moreira, Londrina, PR

Comparem as duas votações: leitores e crítica. A nossa é muito mais lógica.

Walisson Fonseca, João Monlevade, MG

Até quando vamos ter de aturar essas briguinhas e provocações entre leitores e críticos? Li e não gostei dos *Melhores De 90*, tanto pelo lado dos leitores quanto dos críticos. A guerra já começa na chamada de capa: "Os leitores consagram os Engenheiros. Já os críticos... preferem até Leandro e Leonardo!" Isso é jogo sujo! A votação foi das piores dos últimos tempos. Deu nojo tanta paparicação dos leitores em cima do sr. Humberto e Cia. Já os críticos me pareceram fora da realidade musical do ano passado. Ed Motta e Gal Costa, melhores vocalistas? E Humberto entre os letristas? Tenho certeza de que, no ano que vem, as coisas serão bem melhores!

Alessandro Fonseca, Campo Grande, MS

ERRAMOS

Dois erros no encarte *Melhores De 1990*: na pág. 5, a música "Diga Não" é dos Heróis Da Resistência, e não dos Uns E Outros; na pág. 13, a foto que aparece é de Andrew Fletcher, e não Martin Gore. Nas *Fichas*: Andreas Kisser só entrou no Sepultura em 86, depois do lançamento de *Morbid Visions* — antes, o guitarrista era Jairo Guedes.

FÃ-CLUBES

Madonna *Fã-Clube Madonna Internacional*, Rua Aristides Viadana, 252/LD4, CEP 05038, São Paulo — SP

Rockabilly *Fã-Clube Rockabilly de Franca*, Rua Tipuanas, 4601, CEP 14400, Franca — SP

LETRAS TRADUZIDAS
BIZZ
ÁLBUM ESPECIAL
George Michael
Popstar
Sex Simbol
Traduzido na sua intimidade

• Freedom'90 •
• Faith •
• Wake me up before you GO-GO •
• Mother's Pride •
• A Different Corner •
• I want your Sex •
• Soul Free •
e muito mais
NAS BANCAS
EDITORA AZUL

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

FLUIR
Surf

BODYBOARD
Bodyboard

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saude

SAUDE
Prevenção e Saude

CARICIA
Comportamento Jovem

HOROSCOPO
Astrologia - Esoterismo

SET
Cinema e Video

SET-1000 VIDEOS
Seleção dos Melhores Videos

CONTIGO
Atualidades - TV

SEMANARIO
Variedades

SOM SERTANEJO
Musica Sertaneja

NOSSOS ENDEREÇOS

Sao Paulo
Redaçao, Publicidade e Correspondencia: av. Nações Unidas, 5777, CEP 05457, TEL.: (011) 211-7866. Telegramas. Editabril Abrilpress
Rio de Janeiro
Rua da Passagem, 123, 8.º andar CEP 22290, Fone (021) 546-8282, RJ Telex 2122674 EDAB BR
Los Angeles (EUA)
1840 N Beverly Glen Dr - 90077, Phone (213)474-7851
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165 Phone: (001212) 557-5990 5993 Telex (00) 237670 FAX: (001212) 983-0972
Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris Phone: (00331) 42 66 31.18. Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX (00331) 42 66 13 99

PUBLICIDADE

Brasilia-DF: Espaço Com. Integrada e Cons Ltda Fones: (061) 223-2134 226-3644 FAX
Belo Horizonte: M. A. M. Public e Repres Ltda., rua Timbiras, 1560, conj. 1905, Ed City Center, CEP 30140. Fone: (031) 222-5594
Região Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502, cj 206, CEP 90060, Fone: (0512) 23-9528, Porto Alegre - RS; (0482) 44-8224 Florianópolis - SC, (041) 342-2204, Curitiba PR
Norte Nordeste: Toda-Midia Representações Ltda. Fones: (081) 465-1883 e 465-1856 FAX - PE

BIZZ

SERVIÇO AO ASSINANTE, ÀS SUAS ORDENS.

Você conta com um Serviço de Atendimento pronto a resolver dúvidas e prestar esclarecimentos sobre sua assinatura. Porque a sua satisfação é o nosso compromisso maior
Se ocorrer algo que esteja em desacordo com esse compromisso, por favor, entre imediatamente em contato conosco por carta ou pelos telefones abaixo, fornecendo seu código de assinante, que você encontra na etiqueta da sua revista
Estamos à sua disposição para lhe oferecer sempre o melhor atendimento

Como falar conosco

Escreva para:

EDITORA AZUL

Departamento de Assinaturas
Rua do Curtume, 769 - CEP 05065 - São Paulo - SP

Se preferir, telefone das 8h às 18h para:

Belo Horizonte - Tel (031) 275-2255
Brasília - Tel. (061) 321-8855
Curitiba - Tel. (041) 252-5566
Florianópolis - Tel (0482) 23-7598
Fortaleza - Tel (085) 244-1566
Londrina - Tel. (0432) 22-6049
Porto Alegre - Tel. (0512) 29-4177
Recife - Tel. (081) 424-1655
Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Salvador - Tel. (071) 371-5577
São Paulo - Tel. (011) 823-9222

Em caso de mudança de endereço, utilize um dos telefones acima ou envie este cupom.

Preencha todos os dados deste Pedido de Alteração, coloque-o num envelope e envie-nos. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina
Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 a 6 semanas após recebermos o seu pedido

COMO ALTERAR SEU ENDEREÇO

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu código de assinante e seu nome

Nome _____

Código de assinante |_|_|_|_|_|_|_|_|

Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas.

BIZZ-72

Novo endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____ Tel _____

Revistas que você quer receber neste novo endereço

EDITORA AZUL

Fundad
VICTOR CIVI
(1907 - 19

Direto
Angelo Ro
Edgard de Silvio Fa
Roberto Civ

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Divisao: Carlos C. Arruda

REDACAO

Diretor José A...
Editor Ale...
Editores-Assistentes ...
Coordenador de Produçao ...
Editora ...
Diagramadores ...
Colaboradores ...

PUBLICIDADE

Diretor ...
Supervisor ...
Contatos ...
RJ-Contato ...
Coordenaçao ...

COMERCIAL

Diretora ...
Gerente de Produto ...
Gerente de Promoçoes: ...

EDITORA AZUL

PUBLICIDADE
Diretor Geral: Carlos Alberto Arabir
Diretor do Rio de Janeiro: Eduardo Rosa
SERVIÇOS EDITORIAIS
Azul Press-Gerente ...
Estudio Fotografico-Gerente ...
Dpto. de Documentaçao Gerente ...
Correspondentes (Los Angeles) ...
Diretor Administrativo ...
Diretora Responsavel: ...

BIZZ 72 ... São Pau
Redaçao, Publicidade e Correspondencia ...

Telegramas
Rio de Janeiro
Distribuidor em Po
gal
Assinaturas
Numeros atrasados

ANER Serviço ao Assinante ... (011) 823-9222

IMPRESSA NA DIVISAO GRAFICA DA EDITORA ABRIL S

BIZ SHOPPING

DISCOS INSTRUMENTOS ACESSÓRIOS DISCOS INSTRUMENTOS ACESSÓRIOS DISCOS INSTRUMENTOS ACESSÓRIOS

VIDEOS ROCK

R.E.M.
LIVING COLOUR
FAITH NO MORE
BOB MARLEY
E MUITO MAIS

Fitas VHS importadas. Vídeos, aulas de guitarra, baixo, bateria, sax, etc.
Remetemos p/ todo o Brasil (SEDEX)

DISC MUSIC VIDEO

Caixa Postal 3.670 - São Paulo - CEP 01060
Fone (011) 290 2899 das 12 às 21 horas.
De segunda a sexta-feira.

LONDON CALLING

DISCOS E CD's

A MAIS COMPLETA EM NOVIDADES E RARIDADES

SEMANALMENTE OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DOS EUA E EUROPA

DANCE-MUSIC - ROCK - NEW BEAT - POP - ETC...

ACEITAMOS ENCOMENDAS DE TODO PAÍS

FONE: (011) 223-5584

ligue ou escreva solitando catálogo.

R. 24 DE MAIO Nº 116 — RUA ALTA — LOJA 15
CEP. 01041 — CENTRO — SP

Up Dance Music

DISCOS & CDs

A loja de discos, acessórios, CDs e equipamentos importados (Technics MKII-1200, phones - Sony & Aiwa, cápsulas - Stanton & Sure, telão e projetor de alta definição e muito mais). Importação e exportação. Remetemos para todo o Brasil.

Up Dance Music Rua 24 de Maio, 116 - Rua Alta, loja 37 - São Paulo - S.P. - Telefax (55011) 222.1689

ATENÇÃO

LOJISTAS E REVENDEDORES

ESTA É A DISTRIBUIDORA DE
CD, CDV e 12"
PARA TODO O BRASIL

R. BRIGADEIRO TOBIAS, 470 - 1º AND. - S/ 08 E 09
CEP 01032 - LUZ - S. PAULO - S.P.
TEL: (011) 229-5486 - TELEFAX: (011) 228-7580

Mix Stuff
AUDIO VIDEO

Studio Tan Compact Disc

LOCAÇÃO

- Mais de 6.000 títulos de todos os gêneros musicais (Sepultura, Jesus Jones, Fields of the Nephilin-Live, James, Paul Mc Cartney-Box, Faith No More-Live, Mr. Big-Live, The Farm, Soft Cell, Captain Beyond, Metallica-Live, etc.)

VENDA

- Trabalhamos com todos os mercados (**Japão, Europa, Estados Unidos, etc.**)
- Fred Frith, Chrome, Nirvana Beatles-Box, National Health, Birdland, Frank Zappa, Cactus, e muito mais raridades.
- Aceitamos encomendas de todo país.
- Entregamos no local para São Paulo e Grande São Paulo.

RADIO

- Fique por dentro dos nossos lançamentos em primeira mão, nos programas *Studio 2000* e *DIGITAL SESSIONS* na *BRASIL 2000 - 107,3 FM-SP* aos Sábados às 14 h e Segundas às 23h.

Apresentando este anúncio você ganha 50% na locação (taxa de inscrição).

Breve, locação e venda de Video Disc Laser

Al. Joaquim Eugênio de Lima, 1220 - Jdim. Paulista
São Paulo - Cep: 01403 - Fone (011) 887-9082 - Fax (011) 887-6807

DISCOTECA BÁSICA

LITTLE RICHARD
HERE'S LITTLE RICHARD (1957)

"A-wop-bop-a-loo-bop-a-lop-bam-boom!... Tutti frutti, awrooty!"

O que exatamente quer dizer esta espécie de esperanto da selva, o mais célebre grito de guerra do rock'n'roll?

Exegetas atenciosos concordariam que tem algo a ver com o Poder Feminino, pelos parcos versos em inglês e suas referências a mulheres que jogam os quadris para o leste e oeste, garotas como "Sue... ela sabe exatamente o que fazer" e "Daisy... ela sempre me leva à loucura". Versos cuspidos como que por uma metralhadora encharcada de adrenalina, pelo homem que — ao trocar o rock'n'roll pelo gospel — declarou: "Eu era um homossexual descarado até Deus me transformar".

O compacto contendo "Tutti Frutti" surgiu do nada, em 1955, para vender mais de um milhão de cópias. Como a garotada poderia permanecer imune? O próprio Elvis parecia uma freira perto de Little Richard, com seu ritmo atropelador, cabelo armado num *pompadour*, rosto maquiado e dois faróis de pura ameaça no lugar dos olhos. Os limites estavam traçados: até hoje não apareceu nada tão selvagem ou brutal no picadeiro pop. O fato de o próprio Prince lembrar tanto a ambigüidade-com-bigodinho de Richard fala por si só. Assim como o gesto de seu conterrâneo James Brown — ambos, assim como Otis Redding, nasceram em Macon, Geórgia —, capturando os Upsetters, banda de apoio de Richard, quando este trocou palcos profanos pelos púlpitos do circuito evangélico.

Entre 55 e 58 (data de sua primeira conversão à igreja), a fórmula mágica do primeiro single rendeu uma saraivada de hits/clássicos. "Long Tall Sally" — apesar de posteriormente gravada por Elvis e pelos Beatles — consagrou-se como vítima de uma das maiores injustiças/ironias da civilização: a gravação mais vendida mundialmente foi a de Pat "Ser Bom Rapaz Foi O Meu Mal" Boone. Seguiram-se "Slippin' An Slidin'", "Ready Teddy", "Jenny Jenny", "Good Golly Miss Molly" e "Lucille".

As últimas duas não foram incluídas neste LP, mas aqui estão as gravações originais para o selo Specialty. Em 64, Little Richard as regravaria para a Vee-Jay, responsável pelo *Greatest Hits* disponível — lançado aqui, em 88, pela Som Livre, com o título *Os Grandes Sucessos*. Por outro lado, esta pseudocoletânea da Vee-Jay contém uma preciosidade que não pode ser desprezada, o único Little Richard pós-58 realmente fundamental: "I Don't Know What Got You But It's Got Me". Segundo o expert Peter Guralnick, "junto com 'The Dark End Of The Street', de James Carr, talvez a maior balada soul de todos os tempos" — com um detalhe: Jimi Hendrix na guitarra.

As outras faixas de *Here's Little Richard* apresentam um constraste interessante com a histeria de "Tutti Frutti" e derivadas, deixando à mostra o débito para com a tradição rhythm'n'blueseira de Nova Orleans — especialmente o *boogie woogie* preguiçoso de Fats Domino. Esta cidade, tão importante para a música negra americana, também foi sempre rica em excêntricos, extravagantes e aloprados como Professor Longhair — e duas figuras desta galeria são apontadas como fontes para a taquicardia sonora de Little Richard: Billy Wright (para o vocal) e Esquerita (piano, *pompadour* e bigodinho). Mas não há como compará-los à força bruta do "pequeno" Richard Penniman. Paul McCartney — que passou a vida imitando seu uivo em falsete — que o diga.

JOSÉ AUGUSTO LEMOS

ROCK PRA
BRASILEIR
VER.

Na revista Letras Traduzidas deste mês voc
entender o que estão cantando:

- Madonna
- Bon Jovi
- Guns n' Roses
- Poison
- Morrisey
- Elton John
- DuranDuran
- Coldcut

e outros que você vai c
no original e em portug

BIZZ
LETRAS
TRADUZIDAS
O ROCK FALANDO A NOSSA LÍNGUA.

NAS BANCAS

FAITH NO MORE

DUAS SEM SAIR DE CIMA

O **FAITH NO MORE** deu duas tacadas geniais, sem descer do top do Hit Parade. Em plena consagração do já lendário LP **THE REAL THING**, chega às lojas do Brasil **LIVE AT BRIXTON ACADEMY** com o autêntico, voraz e destemido rock dos anos 90.

Em LP, K7 e CD.

PolyGram

LIVE AT THE BRIXTON ACADEMY

TRIPOLI

SETE SETE CINCO

LOJAS EXCLUSIVAS SETE SETE CINCO: INFORMAÇÕES (011) 826 4288 PRONTA ENTREGA: R. GEN. JULIO MARCONDES SALGADO 24